



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
UNIRIO - CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História



BRUNO SOUSA SILVA GODINHO

**A IDEIA DE ALQUIMIA NO “COMPOUND OF
ALCHIMY” DE GEORGE RIPLEY**

RIO DE JANEIRO

2018

A ideia de alquimia no “Compound of Alchimy” de George Ripley

Bruno Sousa Silva Godinho

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), como requisito parcial necessário para a obtenção do grau de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Daniel W. Ferreira

Rio de Janeiro

2018

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

G585 Godinho, Bruno Sousa Silva
A ideia de alquimia no "Compound of alchimy" de George Ripley / Bruno Sousa Silva Godinho. -- Rio de Janeiro, 2018.
130

Orientador: Daniel Wanderson Ferreira.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em História, 2018.

1. Alquimia. 2. Oralidade. 3. Escritura. 4. George Ripley. 5. Idade Média. I. Ferreira, Daniel Wanderson, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

O conceito de alquimia no “Compound of Alchimy” de George Ripley

Bruno Sousa Silva Godinho

Aprovado por:

Prof. Dr. Daniel Wanderson Ferreira (Orientador)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profa. Dra. Miriam Cabral Coser (membro interno)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Gabriel de Carvalho Godoy Castanho (membro externo)
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2018

Agradecimentos

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, que financiou em parte esta pesquisa e ao Programa de Pós-Graduação e ao Departamento de História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, que proporcionaram a estrutura que possibilitou este trabalho. Agradeço igualmente aos membros da banca, professores Gabriel Castanho e Miriam Coser, que aceitaram avaliar este trabalho.

A Daniel, meu orientador, por ter me aceitado tão prontamente como orientando e ter proporcionado a oportunidade de entrada imediata no mestrado após a saída da graduação. Sempre rigoroso, mas nunca injusto em suas cobranças. Mostrou-me que é possível ser sério sem ser chato. Permitiu-me também pensar que a vida existe para além de uma pesquisa e que, mais do que existir, ela *acontece de todas as formas possíveis* durante a pesquisa.

A todos e todas que ajudaram a reconstruir uma parte importante do processo de pesquisa – a bibliografia – que foi perdida numa enchente que se abateu sobre minha residência. Dentre os quais, alguns nomes merecem menção: Ana Paula Salviatti, que me pôs em contato com diversas pessoas que ajudaram; Iury Matias e Daniel Aidar, que gentilmente doaram exemplares de livros; Luana Bonacchi, que fez um belo trabalho de restauração em alguns dos livros recuperados; Ricardo de Castro, que organizou um movimento de arrecadação financeira para que pudéssemos reaver ao menos um pouco do que nos foi tão tragicamente tirado; Barbara Schneider, que transformou a iniciativa de Ricardo em pauta jornalística e influenciou diretamente no aumento das arrecadações.

À minha mãe, Ana Lucia, e a toda minha família que suportaram por tantos anos (e suportarão, sem dúvida) o fardo, para o bem e para o mal, de ter um historiador na família.

À Ariadne, companheira de todos os momentos, bons e ruins, intelectuais e descontraídos, por todo o suporte, pelo amor e carinho, por dias e meses dedicados a um relacionamento que transcende os prazeres dos beijos e abraços indo além na direção de uma vida conjunta pautada pela luta e pela transformação do mundo e da realidade à nossa volta. Agradeço também a Waldir e Waléria, meu sogro e sogra, cujo apoio e ajuda em momentos decisivos foram fundamentais para uma guinada positiva.

A todas essas pessoas e tantas outras que fizeram parte desta viagem deixo meus sinceros e profundos agradecimentos.

Resumo

Esta dissertação trata da construção do conceito de alquimia no texto *Compound of alchemy*, escrito pelo alquimista inglês George Ripley (c.1415-c.1490). A história dos manuscritos e sua circulação situa o texto no ano de 1471. O percurso do pesquisador serve a dois propósitos imediatos: a análise do documento para verificar as bases de construção do conceito e à crítica de uma historiografia estabelecida através de uma abordagem metodológica diferente. O documento fica situado como eixo de um olhar sobre aspectos de oralidade e escritura (da conceituação francesa *écriture*), cuja intenção é abrir questões e iluminar pontos inexplorados da historiografia da alquimia.

Palavras-chave: Alquimia – Oralidade – Escritura – George Ripley – Idade Média

Abstract

This dissertation is about the construction of the concept of alchemy in the text named *Compound of alchemy*, written by English alchemist George Ripley (c.1415-c.1490). Manuscript history and circulation dates the text back to 1471. The route taken by the researcher serves two immediate purposes: the analyses of the document to verify the basis of the concept's construction and the critique of an established historiography through a different methodological approach. The document serves as the axis of a perspective about aspects of orality and scripture (from the French conception of *écriture*), whose intention is to open questions and bring light to unexplored points of the historiography of alchemy.

Keywords: Alchemy – Orality – Écriture – George Ripley – Middle Ages

Sumário

Introdução.....	7
A historiografia da alquimia	7
O Compound of alchimy: autoria e edição	10
A dissertação que segue.....	13
Nota sobre citações e traduções	15
Anexos e imagens.....	15
Capítulo 1 — Filosofia natural e oralidade na prática alquímica	16
A filosofia natural e o aristotelismo	16
A fala do alquimista.....	31
Capítulo 2 — O afastamento da prática alquímica das instituições de saber e de poder	40
A aproximação com as ciências mecânicas	40
O afastamento dos centros de saber: escolas e universidades	47
O afastamento da instituição eclesiástica: monastérios, papado e Inquisição.....	55
Capítulo 3 — A escritura do Compound	71
A circulação do Compound of alchimy	71
O uso das autoridades	72
A linguagem e a poesia alquímica	75
O discurso do alquimista	91
Considerações finais.....	95
ANEXO.....	99
The Compound of Alchymie	100
Bibliografia sumária	124
Documento	124
Referências bibliográficas.....	124

Introdução

A dissertação que segue é fruto de alguns anos dedicados ao estudo da história da alquimia. Desde a graduação, sob a orientação do professor Paulo André Parente, aproximei-me da alquimia, sobretudo no período tardo-medieval. Como foco de trabalho, elegi o alquimista inglês George Ripley (c.1415-c.1490), cujo principal texto venho abordando desde minha monografia.

A pesquisa de graduação e a monografia resultante, em retrospecto, configuram um esforço de compreender todo o cenário histórico – das traduções e circulações de textos a partir do século XII à chamada Revolução Científica dos séculos XVII e XVIII – em que a alquimia figura, revisar sua historiografia, assim como engatinhar na pesquisa histórica.

A pesquisa desenvolvida neste mestrado é, ao mesmo tempo, causa e consequência de um amadurecimento pessoal como pesquisador e da adesão a uma forma de entender o conhecimento histórico como criador de alteridades. Ela ilustra a passagem desse engatinhar a uma consciência maior da amplitude da pesquisa histórica, em passos que considero cautelosos para avaliar o terreno em que piso. Essa tomada de consciência imprime ao texto que segue um caráter propositivo, mais que conclusivo; reconhecendo minhas próprias limitações diante das eventualidades de uma pesquisa, opto por propor uma nova visão sobre o objeto e suas possíveis aberturas.

A historiografia da alquimia

Acredito ser de alguma valia fazer nestas páginas introdutórias um repasse da historiografia do tema. Tanto por sua pequena presença no âmbito dos historiadores brasileiros (traduções de livros do tema praticamente inexistentes, raríssimos trabalhos monográficos produzidos nas universidades brasileiras, etc.) quanto para me situar no debate historiográfico. Seria demasiado longo entrar em todos os textos produzidos ao longo do século passado; assim, comentarei acerca dos que julgo serem fundamentais à constituição da historiografia do tema e à minha própria visada.

Entre os historiadores hoje reconhecidos, mas à sua época trabalhando ainda na penumbra, pode-se citar o orientalista alemão Julius Ruska, que produziu prolificamente sobre os pensadores árabes e forneceu uma das primeiras traduções da *Tábua de*

Esmeralda (1926).¹ Ainda nessa primeira metade do século XX, é possível lembrar também do arabista Paul Kraus, cujo livro *Jabir ibn Hayyan: Contribution à l'histoire des idées scientifiques dans l'Islam* (1942-3) foi fundamental para desmitificar a figura do autor conhecido como Geber na Idade Média ocidental e cujos escritos eram atribuídos à figura de Jabir ibn Hayyan, polímata árabe que viveu entre os séculos VIII e IX.²

Eric John Holmyard gozou de fama relativamente maior à sua época, publicando diversos manuais sobre história da ciência. No entanto, também se dedicou especificamente à história da alquimia, publicando tão cedo quanto 1927 (com D.C. Mandeville) uma tradução do *De congelatione et conglutinatione lapidum*³, texto de Avicena, influente filósofo de língua árabe, que por algum tempo entre os séculos XII e XIII circulou como apêndice do Livro IV da *Meteorologia* de Aristóteles.

Pode-se dizer que os holofotes realmente se acendem para a alquimia com o psicanalista Carl Gustav Jung e com o historiador das religiões Mircea Eliade. Seus livros, *Psicologia e alquimia* (1944)⁴ e *Ferreiros e alquimistas* (1956)⁵, popularizaram o tema, embora fora de uma abordagem teórica e metodológica tida como apropriada pelos historiadores.⁶

Desde os anos 1920 e concluindo seu trabalho monumental no fim da década de 1950, o medievalista norte-americano Lynn Thorndike dedicou diversas páginas dos oito volumes de sua *História da magia e ciência experimental (History of magic and experimental science, 1923-1958)* à alquimia e outras das chamadas ciências ocultas.⁷

Na segunda metade do século XX, particularmente a partir das décadas de 1970 e 1980, é possível perceber uma nova geração de historiadores interessados pela alquimia e tomando posse do tema, cada vez mais. Em 1979, o francês Robert Halleux publica *Les textes alchimiques*, um grande manual sobre as possibilidades de trabalho com os textos alquímicos – largamente inexplorados à sua época (e, sem dúvida, até hoje).⁸ A também francesa Barbara Obrist publica, em 1982, seu *Les débuts de l'imagerie alchimique*, uma das primeiras contribuições ao estudo das imagens e do imaginário alquímico.⁹

¹ Cf. bibliografia detalhada em: <<http://julius.ruska.de/frame.html>>. Para a tradução da Tábua de Esmeralda: <<http://juliusruska.digilibrary.de/q137/q137.html>>.

² KRAUS, 1943.

³ AVICENA, 1927.

⁴ Cf. JUNG, 2012.

⁵ ELIADE, 1979.

⁶ Para críticas desses autores e suas abordagens, cf. NEWMAN; PRINCIPE, 2001.

⁷ THORNDIKE, 1923-1958.

⁸ HALLEUX, 1979.

⁹ OBRIST, 1982.

Também ao longo das décadas de 1970 e 1980, as italianas Chiara Crisciani e Michela Pereira publicaram diversos artigos e livros voltados à história da alquimia, particularmente em suas ligações com a filosofia e a medicina. Ao fim dos anos 1980 e ao longo da década seguinte, os norte-americanos reaparecem no cenário, com William R. Newman e Lawrence M. Principe. Newman e Principe procederam a diversas contribuições que, atualmente, mudaram significativamente o olhar sobre a alquimia. Em particular, a proposição de uso do termo *chymistry* para lidar com situações em que seja impossível ao pesquisador diferenciar a alquimia de outros saberes correntes e com os quais ela se envolvia, especialmente no contexto da Época Moderna.¹⁰

Nos últimos 30 anos, a historiografia da alquimia se estabeleceu principalmente no entorno de estudos voltados às fronteiras epistemológicas entre a alquimia e outros saberes correntes. A maior parte das produções se concentra no período que vai dos séculos XVI a XVIII e isto não é de forma alguma surpreendente. É nesse longo momento que os maiores empreendimentos alquímicos do Ocidente são realizados e, não à toa, Principe denomina essa duração como “época de ouro” da alquimia.¹¹

O período medieval da alquimia (que, aqui, entendo como se estendendo do século XII ao XV) permanece, no entanto, bastante inexplorado. Os principais envolvidos com alquimia – direta ou indiretamente – são conhecidos pelos historiadores, mas poucas publicações são dedicadas às suas produções. Nomes como Guido de Montanor, João de Rupescissa, Roger Bacon, Alberto Magno figuram entre as mentes da Idade Média que dedicaram uma parte de ou toda sua atenção à alquimia.

Outra questão que há de se notar são os espaços abertos na historiografia da alquimia medieval. Questões como as redes de circulação de textos e conhecimentos, suas relações com a política da época, com a sociedade e suas diversas classes ou grupos sociais, com a instituição eclesiástica e com a religião (uma das perguntas mais frequentes sobre alquimia e que nem mesmo eu escapei de responder em um evento acadêmico: qual a relação da alquimia com a heresia?) são ainda bastante inexploradas. Há vários anos Ana Maria Alfonso-Goldfarb e Simão Mathias trouxeram à baila esta questão e apontaram-na como uma região “sombria”.¹²

¹⁰ NEWMAN; PRINCIPE, 1998. Entre outras produções dos autores, cf. NEWMAN, 1991; 2004; 2006. Para PRINCIPE, cf. 1998; 2013.

¹¹ Cf. PRINCIPE, 2013, cap. 5.

¹² Cf. ALFONSO-GOLDFARB; MATHIAS, 1992.

Em meio a esse debate, minha posição é propor mais uma forma de investigar a alquimia. Considero que olhar para as fronteiras epistemológicas da alquimia é, sem dúvida, uma abordagem fundamental à história das ciências. Todavia, ela não dá conta de outros aspectos que caracterizavam a alquimia no período medieval e moderno. Proponho analisar o texto alquímico da perspectiva das tensões derivadas de sua escritura. Minha perspectiva é abordar o texto como fixação de uma experiência, de um *fazer*; o texto encerra uma cadeia epistemológica, cujos primeiros passos estavam numa ação que pressupunha a presença física de um ou mais indivíduos, numa relação que envolvia a comunicação entre pessoas e das pessoas com o mundo que as cercava.

Por meio dessa perspectiva, acredito poder trazer à tona no texto alquímico um aspecto que julgo fundamental no empreendimento alquímico das épocas medieval e moderna: o uso das sensações para lidar com o mundo. Creio ser possível aproximar os mundos da oralidade, da técnica e da cultura escrita a fim de analisar, de uma nova forma, a alquimia: demonstrá-la não como um devaneio imerso em misticismo, mas sim como uma prática que dinamizava diferentes aspectos da vida humana.

O Compound of alchimy: autoria e edição

O texto escolhido para impulsionar essa análise é o *Compound of alchimy*, tratado alquímico que surgiu pela primeira vez em 1471. Como discussão preliminar e pressuposto de pesquisa, acredito ser importante esclarecer a respeito da edição utilizada. Segundo o exaustivo levantamento realizado por Jennifer Rampling, existem ao menos 40 cópias manuscritas em inglês que podem ser retraçadas, no máximo, a 1475 – além de diversas cópias em latim, francês, italiano e manuscritos fragmentados – e versões impressas, sendo a primeira delas elaborada por Ralph Rabbards, em 1591. A edição Rabbards é a que escolhi utilizar.¹³

O *Compound of alchimy* é originalmente atribuído a George Ripley. Sua biografia é quase desconhecida, salvo em casos de esparsas informações oferecidas pelo próprio no *Compound* e obtidas em documentos eclesiásticos: era cônego de uma abadia em Bridlington (no condado de York) e teria viajado à Bélgica para estudar na Universidade de Lovaina (Louvain).¹⁴ Até onde sei, e uma vez mais segundo Rampling, a autoria do *Compound* não foi disputada enquanto diversos outros textos posteriores podem ter sido

¹³ RAMPLING, 2009, pp. 20-5; 265-76.

¹⁴ RAMPLING, 2008, p. 190.

atribuídos a seu nome, já que não se sabe de manuscritos contemporâneos à vida do suposto autor.¹⁵

Os manuscritos mais antigos do texto só estão disponíveis para consulta em seus respectivos arquivos. Assim, restou-me a opção de abordá-lo por sua versão impressa mais antiga: a edição Rabbards, de 1591. Essa escolha apresenta certo imbróglio a ser esclarecido: ao discutir a relação do texto do *Compound* com a *Roda dos elementos* (*Wheel of elements*), figura circular geralmente anexada ao *Compound*, Rampling nota que uma determinada passagem do texto recebe, na edição Rabbards, uma redação diferente da que pode ser lida nos manuscritos por ela consultados. De acordo com a autora, Rabbards oferece uma “leitura manifestamente mais alquímica”.¹⁶

Essa redação diferente junta-se a algumas informações que Rabbards atesta nos elementos prefaciais do texto. O editor afirma ter tido bastante cuidado e recebido conselhos, de conhecidos praticantes, “cujas censuras (feitas mais corretas pela experiência) determinaram todas as dúvidas, e tornaram-me corajoso a publicar o que segue como o mais antigo”.¹⁷ Há, ainda, uma informação (cuja origem é relativamente incerta) de que Peter Bales – famoso calígrafo inglês – teria auxiliado Rabbards com a decifração dos manuscritos.¹⁸

Diante dessas informações, o texto do *Compound* de 1591 é fruto da interferência de diversos indivíduos, dos quais pode-se nomear ao menos dois: Peter Bales, na qualidade de paleógrafo; Ralph Rabbards, na qualidade de editor. No entanto, a interferência desses indivíduos – tanto na produção material do livro, quanto na alteração do texto – não importaram ao nome carregado no frontispício do impresso: George

¹⁵ RAMPLING, 2010, pp. 125-9.

¹⁶ RAMPLING, 2013, p. 64, n. 49.

¹⁷ *Compound*, 1591, *A briefe note to the Readers*. “But herein I assure you I have observed no lesse care than counsaile, and that of knowen Practisers, whose censures (made more certaine by experience) have determined all doubtts, and made me bolde to publish what followeth for the most ancient”.

¹⁸ Encontrei essa informação inicialmente em WOULDHUYSEN, 1996, p. 34. Posteriormente, foi possível encontrá-la em HAZLITT, 1888, p. 165. Woudhuysen cita que Rabbards descreve Bales como “a most notable and experienced decipherer of olde and vnperfect writing” (notável e experiente decifrador de escrita antiga e imperfeita) e diz que Rabbards convida os leitores a informar-lhe ou a Bales de eventuais erros na edição (informação que Hazlitt diz se encontrar ao final do *Compound*). Nenhum dos autores fornece referências do exemplar em que leram a informação. No exemplar utilizado por mim, no entanto, não há quaisquer escritos de Rabbards ao final do livro – o que aponta para diferenças entre exemplares, provavelmente devidas à falta de fólhos. O exemplar que consultei, digitalizado e disponibilizado pelo Instituto Warburg (Universidade de Londres) é o mais completo que pode ser encontrado *online* e com acesso livre, até onde pude verificar. Após algumas pesquisas, verifiquei que existem cópias do impresso que pertenceram ao bibliófilo inglês Henry Huth, e as informações de catálogo das bibliotecas que possuem essas cópias informam a presença de uma nota “to the indifferent reader” (ao leitor indiferente), possivelmente sendo a parte a que se referem Woudhuysen e Hazlitt (que foi empregado por Huth para criar um catálogo de sua biblioteca pessoal). Cf. HUTH, 1880, vol. I, prefácio, p. vii, em que é afirmada a colaboração de Hazlitt; vol. IV. p. 1252, em que consta a descrição da cópia do *Compound*.

Ripley. No período em que viveu o cônego inglês não existia a noção de autor como nós, contemporâneos, a entendemos.

Ainda no final do século XV era possível encontrar livros manuscritos. Com a imprensa, tornou-se mais fácil difundir diversas cópias de textos uniformizados por um editor, como foi o caso do *Compound* de 1591.¹⁹ No entanto, ao mesmo tempo era possível que circulassem diversas edições de um mesmo texto. No caso do *Compound*, tão cedo quanto 1595 e 1599 já havia outras edições impressas circulando, conforme levantado por Rampling.²⁰ Em momento nenhum George Ripley perdeu sua autoridade sobre o texto; essa circulação, na realidade, apenas a reforçou e estendeu a outros textos cuja autoria não pôde ser firmemente atribuída a Ripley. Tendo em vista essa discussão, optei por preservar a utilização do termo autor e, sempre que utilizá-lo, estarei me referindo a George Ripley.

Faz-se necessário notar que duas temporalidades se confrontam: a do *texto* e a de seu *suporte*. Embora a edição impressa de Rabbards seja 120 anos mais velha que o *Compound*, permanece o fato de que a análise que se segue recai sobre o texto. Se, pela temporalidade do suporte, fosse privilegiada a perspectiva de uma longa Idade Média, a Era Moderna seria medievalizada, em atenção às discussões atentas à noção de uma Longa Idade Média e que encontra em Jacques Le Goff uma perspectiva de análise mais amplamente conhecida. Isto, no entanto, traria uma série de problemas à pesquisa no que tange às discussões contextuais: passar-se-ia do trecho que vai do século XII ao XV para o intervalo entre os séculos XV e XVI. Com isso, o cisma, a Reforma e a Contrarreforma e outros eventos mais estariam sob escrutínio e embora não descartemos a possibilidade de que esses eventos tenham uma relação importante com a operação de divulgação do *Compound* no começo da Era Moderna, é importante que se fique atento ao fato de que nem a noção de autoria nem de escritura tinham ainda as mesmas perspectivas que passaram a ter em período posterior ao século XVIII. É nesse sentido que percebo a cópia desse texto, mesmo que modificada, como um mecanismo de reelaboração documental que se prendia ainda à cultura medieval e, diante disso, vejo a historicidade do texto como sendo diversa da de seu suporte, mas mantendo ainda um vínculo com o mundo dos séculos XII ao XV.

¹⁹ Para uma ampla visão sobre a época e o desenvolvimento da cultura tipográfica, cf. FEBVRE; MARTIN, 2000.

²⁰ RAMPLING, 2010, pp. 12 (abreviaturas) e 28 (catálogo das versões do *Compound*).

Minha visada é, portanto, sobre o *texto*. É nele que está contido o processo de comunicação que permitiu transmitir o saber alquímico. Essa atitude tem dupla significação: primeiro, ela permite que o texto ganhe vida como agente histórico, reafirmando sua historicidade. É ele, mais do que seu autor, que carrega de um lugar a outro o conhecimento alquímico. Os conceitos de autoria da Idade Média e da Era Moderna são distintos. É Ripley que se torna autor do texto e não o texto que se torna propriedade de Ripley. No momento de sua escritura, um texto ganha notabilidade por motivos outros – forma, estrutura, qualidade – que não o nome de seu autor. Por essa razão, em segundo lugar, distancio-me da abordagem da história das ciências, que favorece os indivíduos (autores) como agentes privilegiados de transmissão do conhecimento alquímico.

A dissertação que segue

Ao cabo das experiências do mestrado, minha intenção é realizar um estudo pontual de um texto alquímico e averiguar quais são os elementos constituintes do conceito de alquimia proposto por esse texto.

Para colocar essa pesquisa em perspectiva com o mundo contemporâneo, basta lembrar (não sem algum humor e ironia) do caso do jovem Bruno Borges, que ficou conhecido na imprensa como o “alquimista do Acre” após seu desaparecimento e subsequente exposição de sua obsessão por Giordano Bruno e temas, no mínimo, esquisitos.²¹ A alquimia permanece no imaginário popular como uma prática esotérica, ocultista. Posso dizer que uma intenção secundária da pesquisa seja tornar a alquimia da Idade Média ocidental mais tangível aos olhos contemporâneos.

No primeiro capítulo, tento demonstrar como Ripley se apropriou de uma linha de conhecimento bem estabelecida na Europa medieval: a filosofia natural. A filosofia natural da Idade Média deriva, em grande medida, dos textos de Aristóteles – em particular, a *Física* e a *Meteorologia*. Entre optar por um conhecimento teórico que lhe desse lastro para investigar as possibilidades de transmutação dos metais e legitimar-se frente às ofensivas intelectuais e institucionais sofridas pela alquimia e seus praticantes, uma solução presente no texto é situar a alquimia dentro de um campo de conhecimento julgado legítimo pela principal instituição intelectual da época. Essa escolha implica na adaptação da epistemologia da filosofia natural às necessidades do alquimista, colocando

²¹ Cf. reportagem publicada pelo G1: <<https://g1.globo.com/ac/acre/noticia/bruno-borges-diz-que-arriscou-a-vida-e-integridade-para-despertar-sociedade-adoecida.ghtml>>. Acesso em 26 set. 17.

em jogo uma primeira prática necessária aos fazeres alquímicos: a comunicação. Era necessário ao alquimista passar por um ciclo de comunicação oral: primeiro, como estudante, ouvindo seu mestre; depois, como mestre, interpretando o texto para seu aluno (microcosmo da universidade).

Era também necessário ao alquimista estar em contato com seu objeto: era necessário ver, tocar, cheirar. A presença física era condição inegociável do empreendimento alquímico. Assim, tornou-se imprescindível à epistemologia do conhecimento alquímico o *sentir*. As sensações do alquimista colocavam-no, porém, num outro campo do conhecimento também teorizado por Aristóteles: a técnica ou a arte (no que se refere ao artificial, por oposição ao natural). E a técnica, desde as concepções das ciências altamente difundidas pelo *Didascalicon* de Hugo de São Vítor, era inferior a qualquer conhecimento filosófico. A técnica (ou arte) era parte dos ditos conhecimentos mecânicos, ou seja, conhecimentos que empregavam uso da força manual e não da força intelectual.

No segundo capítulo, pretendo colocar em perspectiva como essa adaptação da filosofia natural de Aristóteles afasta a alquimia dos cânones universitários ao se ligar aos fazeres mecânicos. Essa discussão já tem contribuições de grande importância, como a de William R. Newman.²² Aqui ela tem o tom de repasse historiográfico, mas também de abertura de outra questão: essa aproximação com os fazeres mecânicos engendra a retomada de outra discussão, nomeadamente a de sua relação com as instituições de saber e poder da Idade Média. Trata-se de verificar se a cisão entre alquimia e instituições ocorre unilateralmente ou se o corte vem de mais de um lado. Assim, acredito ser possível retomar – ainda que seja uma entrada lateral – a questão da relação da alquimia com a heresia; colocada noutros termos, mais amplos, a questão da norma e do desvio.

O capítulo final é dedicado à escritura do texto alquímico. Se, de um lado, o texto deixa entrever certos aspectos orais e eles, por sua vez, têm consequências diretas sobre a reconstrução histórica do saber alquímico como indissociável da presença física, de outro lado a escritura impõe limites e cortes que dizem respeito ao acesso a esse saber e também à identificação daqueles que são, de fato, merecedores dele.

Ao cabo desses três capítulos, espero conseguir demonstrar que o conceito de alquimia elaborado no *Compound of alchemy* une variadas faces de um mesmo mundo. Era necessário ao alquimista estar atento às suas sensações: falar com seus discípulos,

²² Cf. NEWMAN, 1989.

ouvir, observar e tocar seus recipientes; manipular as substâncias nas devidas proporções e alterá-las pelo seu esforço e teorização; e, finalmente, concluir sua experiência alquímica registrando-a textualmente. Essa dinâmica dos mundos da presença física (a oralidade, a gestualidade da técnica) e da escritura tornam o conhecimento alquímico um objeto singular desse período final da Idade Média e de início da Era Moderna.

Nota sobre citações e traduções

As citações do documento serão feitas designando o documento, a página e os números dos versos, de acordo com o seguinte exemplo: *Compound*, C₁f, 1-8, indicando o bloco C, frente do fólio da página 1, versos 1 a 8. Salvo nas páginas em que termina um capítulo e outro se inicia, o texto é organizado em quatro estrofes de sete versos, donde a indicação dos versos será contada de 1 a 28. As citações de outros documentos são feitas de acordo com seus nomes e paginação correspondente à edição utilizada. Todas as traduções do documento são minhas com auxílio da versão *online* do Middle English Dictionary da Universidade de Michigan²³, salvo em casos indicando o contrário (o que será feito em nota de rodapé). As traduções do *Compound* acompanharão, em nota de rodapé, a reprodução do trecho original.

Anexos e imagens

Ao final, fornecerei em anexo uma transcrição do texto da edição impressa do *Compound* que utilizei, a fim de facilitar a consulta pelo leitor. Ela se estende das páginas B₁f a M₂v. Essa transcrição não contará com os elementos pré-textuais feitos pelo editor, Ralph Rabbards. A edição digitalizada pode ser consultada no endereço eletrônico fornecido nas referências bibliográficas ao final deste trabalho.

As imagens utilizadas são todas derivadas da *Wheel of elements* que acompanha a edição impressa da edição Rabbards.

²³ Disponível em: <<https://quod.lib.umich.edu/m/med/>>.

Capítulo 1

Filosofia natural e oralidade na prática alquímica

A história da alquimia do Ocidente medieval se constrói paralelamente a outras temáticas do primeiro plano da historiografia tradicional: o renascimento intelectual e a ascensão da universidade, nos séculos XII e XIII. No *Compound of alchimy*, é possível perceber um elo com esses eventos: a filosofia natural aristotélica. Minha intenção nesse capítulo é trazer à luz as referências a essa forma de conhecimento e como elas implicam, no *Compound*, em um uso aguçado dos sentidos humanos, começando pela oralidade.²⁴

A filosofia natural e o aristotelismo

De seus primórdios entre os gregos antigos até a Europa do século XVIII, o conhecimento chamado alquímico teve como foco as substâncias e matérias do mundo físico. Ao longo dos últimos quarenta anos a historiografia tem demonstrado o desenvolvimento da alquimia no Ocidente, para o período que vai do século XII ao século XV, e um dos principais temas desse desenvolvimento é a ideia de transmutação.²⁵

A transmutação, explicada simplesmente, compreende a mudança de um objeto em outro da mesma espécie. O exemplo clássico, dentro da prática alquímica, é o da *chrysopoeia*: a transformação de um metal qualquer em ouro. A fim de concretizar essa transformação era necessário ao alquimista operar um conhecimento que alternava entre um polo teórico e um polo prático.

No *Compound* isto não é diferente. George Ripley emprega em seu tratado uma série de conhecimentos teóricos adquiridos pela leitura de autoridades alquímicas como Guido de Montanor, pseudo-Geber e pseudo-Raimundo Lúlio; as referências, no entanto, não ficam restritas ao círculo de autores alquímicos: havia também, e sobretudo, o peso do grande filósofo grego Aristóteles.

²⁴ De saída, acredito ser importante notar que há outra referência forte ao mundo antigo que permeia o *Compound* e as produções alquímicas ocidentais como um todo: o pensamento neoplatônico, que aparece principalmente nas referências à figura mítica de Hermes Trismegisto. Faço nota desta questão sem, contudo, explorá-la ao longo da pesquisa. A presença do neoplatonismo e de todo o universo conceitual gerado a partir dos escritos ditos herméticos é passível de uma outra pesquisa, que por sua extensão não caberia nos limites deste trabalho.

²⁵ Lawrence Principe chama o conhecimento alquímico que se desenvolve no Ocidente medieval, entre os séculos XII e XV, de “alquimia latina”. Cf. PRINCIPE, 2013, pp. 51-82.

Em raras exceções a palavra “alquimia” é empregada por Ripley para designar o conhecimento que ele delinea nas linhas de seu texto. Já em relação aos adeptos desse conhecimento, o autor não se refere a eles em momento algum como “alquimistas”. Três palavras servem de sinônimo à alquimia no *Compound*: arte, ciência e filosofia. As associações com arte e ciência são poucas, ocorrendo apenas em três ocasiões para a arte e oito para a ciência. Com relação à filosofia, o termo aparece sozinho dezessete vezes ao longo do texto. Os praticantes desse conhecimento são referidos como “filósofos” em todas as ocasiões. Os alquimistas para Ripley não são filósofos quaisquer, são filósofos da natureza.

Eles falam do homem vermelho e sua esposa branca,
Que é uma coisa especial, e dos dois Elixires,
Da Quintessência, e do Elixir da vida,
Do mel, da Celidônia, e de *Secundinas* também,
Estas eles dividem em Elementos, com outras mais;
Não multiplicadores, mas Filósofos eles serão chamados,
Que **Filosofia natural** jamais viram ou leram.²⁶

A passagem acima faz parte de uma longa digressão, presente no quinto capítulo, *Da putrefação (Of putrifaction)*. Nessa digressão, o autor se refere sarcasticamente àqueles que considera falsos adeptos: pessoas que fraudavam outras sob a alegação de poderem multiplicar suas riquezas através da alquimia. O autor demonstra desgosto nas linhas finais ao retorquir que esses “multiplicadores” serão conhecidos como filósofos sem jamais terem tido contato com a filosofia natural.

O que era essa filosofia natural? Na história da Idade Média, particularmente do currículo do ensino universitário, a filosofia natural desempenhou um papel central. De acordo com Edward Grant, o conjunto de textos que compunha a filosofia natural do currículo universitário eram os escritos de Aristóteles, nomeadamente a *Física*, a *Meteorologia*, *Do céu*, *Sobre a geração e a corrupção*, entre outros escritos agrupados na chamada *Parva naturalia* (algo como *Pequenos tratados de física* em latim).²⁷

A pergunta acima ganha desdobramentos. O primeiro deles: o que era filosofia natural para Aristóteles? De saída, Aristóteles nomeava o mesmo campo de conhecimento por algumas denominações distintas, porém intercambiáveis: filosofia natural, filosofia (ou ciência) da natureza e (ciência) física (do grego *physis*, que pode-se traduzir para o

²⁶ *Compound*, F₃f, 8-14. “They talke of the red man and of his white wife, / That is a speciall thing, and of the Elixers two, / Of the Quintessence, and of the Elixer of life, / Of honie, Celidonie [planta da família das papoulas], and of *Secundines* [material biológico que permanece no útero e é expulso após o parto] also, / These they divide into Elements, with other moe; / No multipliers, but Philosophers called will they bee, / Which naturall Philosophie did never read nor see” (grifo pessoal).

²⁷ GRANT, 2007, p. 146-8.

português como simplesmente “natureza”, a despeito da multiplicidade de sentidos que apresenta na filosofia aristotélica).²⁸ Segundo o próprio Aristóteles, “a ciência física trata de um gênero particular de ser, isto é, do gênero de substância que contém em si mesma o princípio do movimento e do repouso”.²⁹

Para o filósofo grego, esse “princípio do movimento e do repouso” pode ser resumido pela palavra “natureza”. Na obra de Aristóteles, essa natureza pode ser entendida de diversas formas, mas limitando essas definições à importância de minha pesquisa dois sentidos se impõem: tratam-se do movimento como *deslocamento no espaço* e do movimento como *mudança ou transformação*.³⁰

As ideias de movimento e de repouso aristotélicas remetem à concepção de mundo do filósofo grego. O universo, como Aristóteles o imaginava, deveria ser ordenado e hierárquico; todas as coisas teriam lugares próprios, naturais. Assim, se um objeto fosse *deslocado no espaço*, a tendência de seu movimento seria de retorno ao mesmo lugar; caso contrário, ele já não seria mais o mesmo objeto de antes, pois seu lugar no universo agora seria outro. Dito de outra forma, ele teria passado por uma *mudança* e seria um objeto *inteiramente diferente*. O exemplo pretende ilustrar a complexidade desse princípio de natureza – para Aristóteles, o deslocamento no espaço e uma mudança que transforma um objeto em outro são exatamente a mesma coisa. O leitor moderno tende a separar esses sentidos; os leitores antigos e medievais compreendiam-nos entrelaçados.

O segundo desdobramento da questão: como os universitários medievais compreendiam a filosofia natural? Para respondê-la, faz-se necessário um curto repasse da história de Aristóteles na Idade Média. Essa história é, na realidade, a história da recepção dos textos aristotélicos: de forma resumida, o século XII é o período de redescoberta de diversos textos da filosofia grega antiga e do contato com os filósofos árabes. Esses textos foram encaminhados ao Ocidente pelos esforços dos tradutores: do árabe e do grego para o latim. Os textos gregos eram os objetos de estudo; os textos árabes, em sua maioria, fizeram circular os comentários de autores como Avicena e Averróis sobre as autoridades gregas – em especial Aristóteles.³¹

²⁸ GRANT, 2007, p. 38.

²⁹ ARISTÓTELES, *Metafísica*, VI, 1, 1025b15-20 (p. 269, ed. Reale).

³⁰ A multiplicidade de sentidos da palavra “natureza” pode ser conferida em *Metafísica*, livro IV, cap. 4 (p. 199, ed. Reale).

³¹ Sobre as traduções em geral, cf. LIBERA, 1998, pp. 346-8. Sobre Aristóteles em particular, cf. LIBERA, *op. cit.*, pp. 359-63; GRANT, 2007, cap. 6; *Cambridge history of later Medieval philosophy*, cap. 2, “Aristoteles latinus”.

Como dito acima, a filosofia natural desempenhou papel central no ensino universitário, justamente por estar atrelada ao *corpus* textual recebido pelo Ocidente ao longo dos séculos XII e XIII. Para os autores da *Cambridge history of Later Medieval philosophy* (a partir de agora, referirei essa obra apenas por *Cambridge history*), os textos de Aristóteles foram fundamentais à própria concepção do método científico e de ensino que se estabeleceu nas universidades. Antes, o ensino no Ocidente era orientado por uma “ciência clerical”, uma forma de transmissão de conhecimento que estava atrelada à autoridade: quem detinha o conhecimento da verdade eram os padres, autorizados por Deus a iluminarem a cristandade.³² Com a disseminação dos textos aristotélicos, esse panorama muda: novas áreas de conhecimento são descobertas ou vistas sob uma nova luz (a lógica, a filosofia natural) e o interesse pelas antigas artes do *quadrivium* (aritmética, geometria, astronomia e música) é renovado.³³ Inaugura-se, no Ocidente, uma nova concepção de divisão das ciências e surge um professor diferente que atende a essa concepção. Estes fatos não surgem sem resistência e pretendo retomar suas implicações mais adiante.

Em suma, pode-se compreender o ensino da filosofia natural na universidade medieval em duas fases. Na primeira metade do século XIII, os mestres ainda tateavam pelo conjunto dos textos de Aristóteles. Para esse período, como aponta Grant, são escassas as evidências de utilização destes textos nas principais universidades, Paris e Oxford.³⁴ Fora da universidade diversos teólogos utilizaram-se dos textos de Aristóteles para falar de assuntos como a criação do mundo, a possibilidade de outros mundos, a eternidade do mundo. Em geral, os textos eram utilizados para elucidar problemas teológicos.³⁵ Para o ensino universitário, esse panorama muda na segunda metade do século XIII com a inserção e disseminação das leituras dos textos do filósofo grego.³⁶

Por ora, retorno ao desdobramento final: o que era filosofia natural no *Compound of alchemy*? Para responder a essa pergunta, acredito que seja necessário focar em alguns pontos da argumentação do *Compound*: o uso das ideias de natureza e natural; a ideia de quintessência; o uso da chamada teoria do mercúrio- enxofre. No primeiro caso, trata-se

³² *Cambridge history*, p. 80-1.

³³ *Op. cit.*, p. 82-4.

³⁴ GRANT, 2007, p. 147; *Cambridge history*, pp. 70-2.

³⁵ *Ibid.*, p. 148-52.

³⁶ Ainda que esse panorama tenha sofrido mudanças ao longo do século XIII, é crucial notar que a recepção dos textos de Aristóteles pela cristandade é um processo lento e repleto de resistências. As famosas condenações do século XIII, muitas delas associadas à Universidade de Paris, evidenciam esse processo. Cf. LIBERA, 1998, 411-14; *Cambridge history*, pp. 70-2; para a violenta condenação de 1277 em Paris, cf. pp. 537-9.

de uma ligação direta às concepções derivadas dos escritos aristotélicos. A ideia de quintessência e a teoria do mercúrio- enxofre foram recorrentes entre os pensadores medievais e suas raízes podem ser encontradas na filosofia natural de Aristóteles.

Nas próximas linhas, tentarei separar alguns dos significados para o par natureza-natural. Como já mencionei acima, o leitor moderno tende a separar significados ao ler textos aristotélicos, atitude que os leitores medievais não tinham – justamente por sua concepção de mundo ainda corresponder em grande medida àquela proposta por Aristóteles. Por essa razão, torna-se uma tarefa difícil diferenciar sentidos de um texto cujo autor os compreendia como partes inseparáveis de uma ideia complexa. Portanto, essa atividade não se trata apenas de uma análise de significados, mas do esforço de pensar da mesma forma que o autor medieval.

O natural remete àquilo que é próprio da natureza: seja no sentido de uma característica ou no sentido de participação num conjunto de coisas. Veja-se como exemplo a seguinte passagem:

Aurum potabile [ouro potável] assim é feito,
De ouro não comumente calcinado,
Mas de nossa tintura que não se esvairá,
A partir de nossa base retirada com nosso mênstruo circulado
Mas a calcinação **natural** deve necessariamente
Ser feita, onde vosso ouro deve ser dissolvido,
Este princípio primeiro, portanto, vos ensinarei.³⁷

Nela o autor designa o processo de calcinação – a primeira etapa, de queima do material alquímico – como natural. Na alquimia do *Compound* é possível encontrar diversas acepções do par natureza-natural.

Entre as conceituações aristotélicas encontradas no *Compound*, a primeira delas é o que foi chamado anteriormente de “princípio de movimento e repouso”.³⁸

Pois como uma única massa tudo foi feito,
Da mesma forma em nossa prática deve ser,
Todos os nossos segredos de uma Imagem devem partir,
Como nos livros dos Filósofos que desejarem ver,
Nossa pedra é chamada de mundo menor, um e três;
Magnésia também de enxofre e Mercúrio,
Proporcionada pela natureza da forma mais perfeita.³⁹

³⁷ *Compound*, C₂f, 8-14. “*Aurum potabile* thus is made, / Of golde not commonly calcinate, / But of our tincture that will not fade, / Out of our base drawn with the menstroe circulate / But naturall calcination must algate / Be made, ere thy golde dissolved may bee, / That principle first therefore I will teach thee” (grifo pessoal).

³⁸ WATERLOW, 1982, explora esta ideia (sob a denominação de “inner principle of change”, “princípio inerente de mudança”) extensamente em seu livro. As ramificações da tese da autora são demasiado longas e complexas, não cabendo discuti-las aqui. Fica, no entanto, a referência ao leitor interessado.

³⁹ *Compound*, B₃v, 22-28. “For as one masse was made all thing, / Right so in our practice must it be, / All our secreats of one Image must spring, / As in Philosophers bookes whoso list [verbo “listen”, que significa desejar] to see, / Our stone is called the lesseworld [o prefixo “lesse” tem sentido, entre outros, de menor;

A passagem acima exemplifica a natureza como provedora dos materiais alquímicos. A magnésia, o enxofre ou o mercúrio – nomes intercambiáveis da substância que o alquimista chama de pedra (filosofal) – são proporcionadas pela natureza. É importante notar que são coisas *proporcionadas pela natureza, não encontradas na natureza*. Não se trata de um local ou o conjunto físico das coisas do mundo, mas sim do princípio de movimento e repouso. À guisa de exemplo, o autor não se refere a uma mina subterrânea como o local do qual se poderia extrair minérios de ouro, mas sim aos processos que ocorrem no subterrâneo para formar o minério.

Água com água entrarão em acordo e ascenderão,
E espírito com espírito, pois eles são de um único tipo,
Que depois de serem exaltados faça descenderem,
Para que possas dividir, aquilo que a **Natureza** antes ligou,
Mercúrio essencial tornando-se vento,
Sem o qual a *Separação* natural e sutil,
Jamais será uma geração vantajosa [e] completa.⁴⁰

No trecho acima, retirado do terceiro capítulo, *Da separação (Of Seperation)*, o autor designa a natureza como produtora de uma ação: o ato de ligar os elementos que formam a substância que será separada pelo alquimista. Ele complementa o sentido da passagem anterior, indicando a natureza como agente do princípio de movimento e repouso que transforma as substâncias. A natureza é o sujeito de uma ação: proporcionar as substâncias ao alquimista através da ligação dos elementos que as constituem.

O natural, evidentemente, é aquilo que pertence à natureza ou é característico dela. O problema, todavia, é designar corretamente a qual sentido de natureza corresponde o emprego da palavra. Veja-se a passagem abaixo.

Calcinação é a purgação de nossa pedra,
Restauração, também, de seu **calor natural**,
De [sua] umidade radical nada perde,
Induzindo solução em nossa pedra mais preparada,
Depois que a filosofia eu lhe transmitir
Faça, mas não pela via comum,
Com Sulfures ou Sais preparados em maneira diversa.⁴¹

A estrofe acima abre o primeiro capítulo, que descreve o primeiro passo do processo alquímico, a calcinação. Como diz o autor, é a purgação da pedra e restauração de seu

parece-me uma associação à ideia de microcosmo], one and three; / Magnesa also of sulphure and Mercurie, / Proportionate by nature most perfectlie” (grifo pessoal).

⁴⁰ *Compound*, E₁f, 8-14. “Water with water accord will and ascend, / And spirit with spirit, for they be of one kinde, / Which after they be exalted make to descend, / So shalt thou devide that, which Nature erst did binde, / Mercury essentiall turning into winde, / Without which naturall and subtill *Seperation*, May never be complete profitable generation” (grifo pessoal).

⁴¹ *Op. cit.*, C₂v, 8-14. “*Calcination* is the purgation of our stone, / Restoring also of his naturall heate, / Of radicall humiditie it looseth none, / Inducing solution into our stone most meete, / After philosophie I you behight / Doo, but not after common guise, / With Sulphures or Salts preparate in divers wise” (grifo pessoal).

“calor natural”. Neste caso, trata-se de indicar que certas coisas possuem características próprias quando são produzidas pelo mundo. Importa lembrar que o mundo que rodeava as pessoas na Idade Média era concebido como criação de Deus. Assim, a natureza – o conjunto das coisas do mundo – significava o conjunto da Criação divina em oposição àquilo que o homem poderia criar, ou melhor, transformar por seus atos. A oposição entre criação e transformação será discutida no capítulo seguinte, pois ela implica um conflito direto entre a doutrina cristã da criação do mundo e os conceitos aristotélicos da filosofia natural.

Um terceiro sentido para natureza aparece no *Compound* quando se leva em consideração a antiga divisão aristotélica dos chamados corpos simples: fogo, ar, água, terra. Para Aristóteles, todas as coisas do mundo eram formadas por uma combinação dessas quatro substâncias.⁴² George Ripley adere a essa concepção e leva-a adiante ao associá-la à ideia de quintessência, como se pode ver na passagem abaixo.

**Quatro Naturezas em uma quinta deverão se tornar,
Que é uma Natureza mais perfeita e equilibrada,
Mas é duro tropeçar com seu pé descalço
Contra uma barra de ferro, ou aço reforçado,
Pois muitos o fazem, aqueles que são tolos,
Quando eles tomam em suas mãos coisas tão elevadas,
Que de forma alguma compreendem.⁴³**

Duas das quatro naturezas são referidas nas três estrofes anteriores, em que se descreve um processo de proporção das substâncias simples, derivado do pseudo-Raimundo Lúlio e do pseudo-Roger Bacon.⁴⁴ Ripley fala da proporção entre a água e a terra, cuja combinação feita “com calor em justa medida” deve gerar uma semente, “branca e vermelha em pura tintura”, que deve resistir a todo fogo.⁴⁵ O autor garante que essa é a melhor proporção, pois há “menos da parte espiritual” (ele provavelmente se refere aos vapores) e assim deve se concluir uma melhor solução das substâncias.⁴⁶

⁴² ARISTÓTELES, *Física*, II, 1, 192b10-193a1 (p. 329, ed. Barnes). Para uma discussão mais fundamental do assunto, cf. *Sobre a geração e a corrupção*.

⁴³ *Compound*, C4f, 15-21. “Foure Natures into the fift so shalt thou turne, / Which is a Nature most perfect and temperate, / But hard it is with thy bare foote to spurne / Against a barr of yron, or steele new acuate, / For many doe so which be infatuate, / When they such high things take in hand, / Which they in no wise doe understand” (grifo pessoal).

⁴⁴ *Op. cit.*, C3v, 15-21. “By Raymonds reportory this is true, / Proportion there who list to looke, / The same my Doctor to me did shew, / But three of the spirite Bacon tooke, / To one of the bodie for which I awooke, / Many a night ere I it wist. / And both be true take which you list”.

⁴⁵ *Op. cit.*, C3v, 22-28. “If the water also be equall in proportion / To the earth, with heate in due measure, / Of them shall spring a new burgeon, / Both white and red in pure tincture, / Which in the fire shall ever indure, / Kill thou the quick the dead revive; / Make trinitie unities without any strive”.

⁴⁶ *Compound*, C4f, 1-8. “This is the surest and best proportion, / For there is least of the part spirituall, / The better therefore shall be solution, / Than if thou did it with waterswall, / Thine earth over glutting which loseth all / Take heede therefore to potters loame, / And make thou never too neshe thy wombe”.

A quinta natureza, resultado desse processo, era conhecida como quintessência na Idade Média. No que diz respeito a Aristóteles, ela está ligada às concepções do filósofo grego sobre a formação do mundo e do universo. Como já mencionei, o universo aristotélico era imaginado como hierarquizado: existiriam duas regiões principais, o céu e a terra. Na região terrestre, sublunar, estariam situadas todas as coisas compostas pelas quatro substâncias simples; por outro lado, na região celeste, supralunar, estariam todos os planetas e astros, banhados no éter, que Aristóteles reconhecia como esse quinto elemento.⁴⁷

Para evitar uma digressão sobre a história da filosofia aristotélica, resume-se que o éter pertence à esfera superior, de onde derivam as influências do mundo terrestre. O éter é incorruptível e sofre apenas deslocamentos no espaço e não mudanças ou transformações. Como explica Grant, Aristóteles considerava que quanto menos passível de mudanças fosse um corpo, mais perfeito ele seria. Por essa mesma razão, o éter era um elemento superior aos outros quatro.⁴⁸

E, porém, há um caminho de maior excelência,
Pertencendo a outro trabalho,
Uma água que fazemos mais cheirosa,
Através da qual levamos todos os corpos ao [estado de] óleo,
Com os quais fazemos nossa medicina fluida,
Uma **quintessência** esta água nós chamamos,
Que cura todas as doenças no homem.⁴⁹

Como se vê na passagem acima, Ripley chama de quintessência essa substância produzida na etapa da fermentação (nono capítulo). No capítulo da exaltação (décimo capítulo), o autor fala da “retificação natural de todo elemento”, “exaltando-os até o firmamento”. Assim, eles serão “mais valiosos que ouro”, “pela quintessência que possuem”.⁵⁰ Na representação cosmológica que o autor faz da alquimia, os metais utilizados no processo alquímico – sol e lua, ouro e prata respectivamente – devem ser elevados ao firmamento, para serem banhados pelo éter, pela quintessência. A substância

⁴⁷ Em *Do céu*, I, 3, 270b15 (p. 451, ed. Barnes), Aristóteles atribui o uso de “éter” a Anaxágoras que, segundo ele, utiliza o nome incorretamente, igualando-o ao fogo. Já na *Física*, IV, 5, 212b20 (p. 361-2, ed. Barnes), Aristóteles utiliza o termo livremente para designar que o éter está contido no mundo.

⁴⁸ GRANT, 2007, p. 37-8.

⁴⁹ *Compound*, I_{2v}, 22-28. “And yet a way there is most excellent, / Belonging unto another working, / A water we make most redolent, / All bodies to oyle wherewith we bring, / With which our medicine we make flowing, / A quintessence this water we call, / In man which healeth diseases all” (grifo pessoal).

⁵⁰ *Compound*, I_{3f}, 15-21. “If thou therefore the bodies wilt exalt, / First with the spirit of life thou them augment, / till time the earth be well subtilizate, / By naturall rectifying of every Element, / Them up exalting into the firmament, / Then much more precious shall they be than gold, / Because of the quintessence which they doe holde”.

designada pelo autor teria poderes medicinais extraordinários, fato que lhe confere valor maior que o do próprio ouro.

No *Compound*, a sobreposição do éter com a quintessência pode ser conferida na *Epístola a Eduardo IV (Epistle to Edward the 4)*. Esse texto dedicado ao monarca inglês, anexado ao final da edição de Rabbards, tem a dupla função de elogiar o rei e fazer um sumário da doutrina exposta.⁵¹ Na passagem abaixo, o autor explica a presença da influência da esfera celeste na terra através da ação da quintessência:

Nós temos nosso céu incorruptível da quintessência,
Ornado com signos, Elementos, e estrelas brilhantes,
Que banham nossa terra com sutil influência,
E dela um enxofre secreto escondido da vista,
Ela busca pela virtude de sua força ativa (...)⁵²

Segundo Michela Pereira, já no século XIII havia textos que contavam com a presença da ideia de quintessência associada à influência celeste e mesmo divina – como o *Testamentum* (texto de autoria anônima, atribuído a Raimundo Lúlio) e o *Liber de consideratione quintae essentiae* (do franciscano João de Rupescissa).⁵³ Há, no entanto, diferenças: o autor do *Testamentum* apresentava influências platônicas e estoicas⁵⁴, ao passo que, como tenho demonstrado, Ripley permanecia mais alinhado ao aristotelismo. Essa passagem da *Epístola* tem a vantagem de prenunciar nosso próximo tópico: a chamada teoria do mercúrio-enxofre.

A teoria do mercúrio-enxofre compreende um complexo de ideias acerca da geração dos metais. Basicamente, ela é reconhecida por ter como base as concepções de Aristóteles e ter sido variadamente desenvolvida pelos pensadores de língua árabe e escolásticos ocidentais.

Na *Meteorologia*, Aristóteles tece suas proposições sobre o surgimento dos minerais e minérios no interior da terra. Segundo o filósofo, no interior da terra surgem

⁵¹ Rampling nota que a *Epístola* não pode ser definitivamente atribuída a Ripley ou tida como parte do *Compound*. Isto se dá por duas razões: os dois textos não coincidem, em manuscrito, a datas anteriores ao século XVI e estavam raramente ligados um ao outro antes da edição de Ralph Rabbards; além disso, a *Epístola* não acompanha nenhuma das primeiras cópias manuscritas do *Compound*. A autora adverte, no entanto, que era perfeitamente plausível que Ripley tivesse composto um texto dedicado a Eduardo IV e que as dificuldades em afirmar a autoria categoricamente se dão fundamentalmente pelo fato de que não há cópias manuscritas do texto nos arquivos – fato dúbio, que pode significar tanto a inexistência do texto à época do *Compound* quanto a não sobrevivência de manuscritos. Em qualquer dos casos, a composição da *Epístola* não contradiz o resto do *corpus* e o texto teve atrelada à sua circulação a autoridade de George Ripley. Cf. RAMPLING, 2009, pp. 25-28.

⁵² *Compound*, M_{1V}, 8-12. “We have our heaven incorruptible of the quintessence, / Ornate with signes, Elements, and starres bright, / Which moysteth our earth by subtill influence, / And of it a secret sulphure hid from sight, / It fetcheth by vertue of his active might (...)” (grifo pessoal).

⁵³ PEREIRA, 2000b, p. 141-44.

⁵⁴ *Ibid.*

duas exalações: um vapor e uma fumaça, cada uma delas correspondendo a um dos tipos de corpos que são formados no interior da terra. Aristóteles chama essa fumaça de exalação seca, ou seja, ela possui menos ou nenhuma água em sua composição. Por essa razão, dá origem às coisas que podem ser extraídas de uma pedreira. Por outro lado, o vapor, por sua composição aquosa, dá origem às substâncias que podem ser minadas do interior da terra.⁵⁵

Estas poucas proposições de Aristóteles ganharam longa interpretação pelos pensadores que o estudaram e comentaram ao longo dos séculos XI a XIII. Aqui, debruço-me particularmente sobre um pensador que teve grande influência no desenvolvimento do aristotelismo ocidental: Avicena. O filósofo produziu, em seu *Kitab al-Shifa (O livro do remédio ou da medicina)*, uma consideração sobre a formação dos minerais. Esse texto teve boa parcela de influência sobre a construção do que se chama de teoria do mercúrio-enxofre, principalmente pelo fato de ter circulado por vários anos como parte do livro IV da *Meteorologia* de Aristóteles.⁵⁶ Para entender essa influência contextualmente, veja-se o que diz George Ripley no *Compound*:

De um único gênero eles são, e em número são dois,
 Cujo Pai é o Sol, a Lua, a mãe,
 O Movente é *Mercúrio*, estes e nada mais,
 Seja nossa Magnesia, nosso Adropp, e nenhum mais
 As coisas aqui são apenas irmã e irmão,
Isto quer dizer agente e paciente,
Enxofre e *Mercúrio* coessenciais à nossa intenção.⁵⁷

A passagem acima pertence ao segundo capítulo, *Da dissolução (Of Dissolution)*. Segundo Ripley, esse processo serve à tarefa de demonstrar aquilo que estava escondido, pela virtude do que ele chama de “primeiro mênstruo”, ideia retirada do pseudo-Lúlio. Através desse mênstruo o alquimista deve dissolver os corpos de sua dura e seca composição no que ele chama de sua “primeira matéria”.⁵⁸ Como explica John Norris, a filosofia natural de Aristóteles considera que as substâncias podem existir tanto em formas líquidas quanto sólidas, sendo formadas pelo elemento água ou uma combinação

⁵⁵ ARISTÓTELES, *Meteorologia*, III, 6, 378a15-378b5 (pp. 607-8, ed. Barnes).

⁵⁶ NEWMAN, 1989, p. 427.

⁵⁷ *Compound*, D_{IV}, 8-14. “One in gender they be, and in number two, / Whose Father is the Sunne, the Moone the Mother, / The Mover is *Mercurie*, these and no moe / Be our Magnesia, our Adropp [substância química não identificada], and none other / Things here be, but onely sister and brother, / That is to meane agent and patient, / Sulphure and *Mercury* coessentiall to our intent” (grifo pessoal).

⁵⁸ *Op. cit.*, D_{IV}, 1-7. “Of *Dissolution* now will I speake a word or two, / Which sheweth out what erst was hid frō sight, / And maketh intenuate things that were thicke (also, / By vertue of our first menstue cleare and bright, / In which our bodies eclipsed been of light, / And of their hard and drye compaction subtilate [verbo com sentido de: tornar mais fino], / Into their owne first matter kindly retrograde”.

dos elementos água e terra. No caso dos metais, Norris comenta que Aristóteles os considerava uma combinação dessas características aquosa e terrosa.⁵⁹

Acima (pp. 22-23) demonstrei que Ripley faz referência à interação entre os elementos água e terra no processo de calcinação. Na evolução dos processos alquímicos, a dissolução faz aparecer o que ele chama de “primeira matéria”⁶⁰ e havia, ainda, a ideia de que era possível produzir uma “água mais cheirosa”, que levava todos os corpos ao estado oleoso – ou seja, ela provavelmente os dissolvia (cf. acima, cit. p. 23). Acredito que essa combinação de ideias seja derivada de uma interpretação do texto de Avicena sobre a formação dos metais.

No texto que ficou conhecido como *De congelatione et conglutinatione lapidum* (algo como *Sobre a solidificação e aglutinação dos minerais*), Avicena segue parcialmente as ideias de Aristóteles e desenvolve sua própria concepção acerca da formação dos metais. Para ele, os corpos minerais são quatro: pedras, substâncias fundíveis, sulfures e sais. Os metais estão incluídos no segundo grupo. De acordo com a classificação aviceniana, os corpos minerais podem ser fracos ou fortes em composição; entre os corpos fortes, alguns são maleáveis e outros, não. Avicena diz que o mercúrio é elemento essencial da constituição dos corpos maleáveis que, por sua vez, são fundíveis. Sendo assim, o filósofo estabelece que o mercúrio é elemento essencial da constituição dos metais.⁶¹

Avicena descreve a formação dos metais como a mistura de uma substância aquosa e uma substância terrosa, tendo sido a primeira solidificada pelo frio depois de ter sido maturada pelo calor.⁶² Algumas linhas adiante, ele elabora: o mercúrio parece ser uma água com que uma terra bastante sulfúrea se misturou, de forma que não podem ser separados sem que a secra da terra recubra o mercúrio (originalmente aquoso).⁶³

Ao classificar o mercúrio como elemento formador dos metais, Avicena escreve que cada metal é resultado de um grau diferente de pureza da combinação do mercúrio e

⁵⁹ NORRIS, 2006, p. 44.

⁶⁰ A “primeira matéria” ou *materia prima* é um conceito altamente discutível da filosofia natural aristotélica. Entre seus especialistas não há consenso quanto à existência de fato ou não do conceito nas ideias do filósofo grego. Porém, ela foi deduzida como verdadeira e utilizada por diversos intérpretes de Aristóteles ao longo da Idade Média e, a meu ver, tem papel fundamental na construção da ideia de alquimia do *Compound of alchimy* por estar ligada diretamente à noção de quintessência. É minha intenção demonstrar essa suposição ao final do capítulo. Para *materia prima* em Aristóteles, cf. CHORÃO, 2006.

⁶¹ AVICENA, *De congelatione*, p. 33-34.

⁶² *Ibid.*, p. 34.

⁶³ *Ibid.*, p. 38. Já se vê, por essas conclusões, a ação das características naturais do calor, frio, umidade e secra, que estão presentes na filosofia natural aristotélica e fazem parte dos processos de geração e corrupção.

do enxofre. A prata e o ouro, por serem os metais mais nobres, são resultados das melhores combinações.⁶⁴ É a partir destas colocações que Avicena lançará seu famoso ataque à prática alquímica; ao mesmo tempo, essas colocações servirão de base para que, no *Compound*, seja afirmada a possibilidade da transmutação dos metais!

Avicena afirma que os alquimistas são incapazes de produzir “mudança de espécies” – ou seja, a transformação de um metal em outro – pois, de acordo com ele, é impossível discernir o elemento que cria a “diferença específica” que separa os metais em variadas espécies. Para ele, “é impossível, já que não há como separar uma combinação e [transformá-la] em outra”. Os elementos que podem ser percebidos pelos sentidos humanos, durante o processo alquímico, não seriam aqueles responsáveis por criar diferentes espécies de metais. Ele conclui: “Se uma coisa é desconhecida, como é possível para qualquer um tentar produzi-la ou destruí-la?”⁶⁵

Os argumentos avicenianos contra a alquimia estabelecem que existe um elemento que cria diferenças entre os tipos de metais, mas que é impossível ao ser humano discerni-lo e, portanto, manipulá-lo. Esta questão coloca, uma vez mais, em conflito as noções de fazer humano e da criação divina – em outras palavras, o artificial e o natural. Como já mencionei anteriormente, este é o foco do capítulo seguinte. Nesse momento, importa notar que o texto de Avicena possui ambiguidades e são elas que estabelecem as brechas aproveitadas pelo alquimista.

Como o Filósofo nos *Meteoros* escreve,
A aparência de corpos metálicos não pode ser transmutada,
Mas, depois que ele adicionou estas palavras de maior deleite,
Sem que sejam reduzidos ao seu princípio material,
Tendo em vista que tais corpos na natureza são liquefeitos,
Minerais e metálicos podem ser mercurizados,
Você deve conceber que esta ciência não é opinável,
Mas bastante verdadeira, por Raimundo e outros determinada,⁶⁶

⁶⁴ AVICENA, *De congelatione*, p. 38.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 41-2.

⁶⁶ *Compound*, L4f, 15-21. “As Philosophers in the methears [*Meteorologia*, de Aristóteles] doe write, / The likenes of bodies metaline be not transmutable, / But after he added these wordes of more delight, / Without they be reduced to their beginning materiable, / Wherefore such bodies within nature be liquiable, / Minerall and metaline may be mercurizate, / Conceive you may this science is not opinionable, / But very true, by Raymond and others determinate”. Devo admitir que há margem de erro na tradução desta passagem ao português. As palavras “without” e “wherefore”, no inglês médio, possuem variados sentidos e torna-se bastante difícil precisá-los na estrofe citada. Não há dúvidas de que o alquimista se refira a Avicena nem que o propósito da passagem seja afirmar a possibilidade de “mercurização” dos metais, ou seja, sua redução ao elemento fundamental de todos os tipos diferentes de metais. No entanto, os versos intermediários, que indicam o processo pelo qual se chega a essa “mercurização” impõem essa dificuldade. A interpretação geral da passagem é estabelecida tão cedo quanto o século XVII, quando George Starkey – sob o pseudônimo Eirenaeus Philalethes – escreve um tratado expositivo, *An exposition upon Sir George Ripley’s Epistle to King Edward IV* (1677). Em 1678, esse tratado é compilado com as outras exposições de Starkey. Cf. STARKEY, 1678.

A passagem acima faz referência à *Meteorologia*, de Aristóteles, e particularmente à parte do *De congelatione* de Avicena que circulou anexada ao texto aristotélico. Como mencionei acima, Avicena nega a possibilidade de transmutação dos metais, mas como diz o alquimista, apenas depois de fazer a seguinte colocação:

Parece, ademais, que o mercúrio, **ou algo semelhante a ele**, é o elemento constituinte essencial de todos os corpos fundíveis, pois todos eles são convertidos em mercúrio quando submetidos à fusão.⁶⁷

Em resumo, a água e terra presentes nos metais são responsáveis pela produção da quintessência. Ela, por sua vez, tem o papel de dissolver os metais e, por sua característica superior, de melhorá-los e limpá-los de suas impurezas. Proporciona-se, assim, o acesso ao elemento fundamental da constituição dos metais: o mercúrio. Trata-se de um verdadeiro malabarismo exegético por parte do alquimista: quando Avicena afirma que todos os metais, quando fundidos, são reduzidos ao mercúrio é aí que o alquimista encontra sua brecha.

O processo acima parece cíclico: reduzir os elementos água e terra presentes nos metais para obter a quintessência e nela dissolvê-los uma vez mais para obtê-los novamente? De acordo com Rampling, é exatamente esse o propósito. A lógica por trás desse processo se encontra nas noções retiradas das tradições pseudo-luliana e aquela atribuída ao alquimista Guido de Montanor.

Nos textos pseudo-lulianos, particularmente no *Testamentum*, uma das principais ideias é a de que é necessário obter um estado intermediário nas coisas para que elas sejam aperfeiçoadas. Nesse processo, obter uma substância A era obter o intermediário B que, por sua vez, serviria à obtenção de um produto final C. E como explica Rampling, obter C poderia ser apenas o início de um novo processo, lembrando a ideia da *ouroboros*, a serpente que se alimenta de sua própria cauda, imagem extremamente comum dos motivos alquímicos. Esse processo também acomodaria, ainda segundo a autora, o preceito alquímico de que a pedra filosofal é obtida a partir de uma única coisa – no processo cíclico, um metal fornece outro até que se chega ao estado de perfeição da pedra filosofal.⁶⁸

No que diz respeito à tradição guidoniana, a principal ligação do *Compound* está no texto chamado *Scala philosophorum* (*A escada dos filósofos*), que George Ripley acreditava ter sido escrito por Guido. De acordo com Rampling, a *Scala* serviu a Ripley em duas importantes questões: ela teria providenciado o modelo textual – os doze portões

⁶⁷ AVICENA, *De congelatione*, p. 39 (grifo pessoal).

⁶⁸ RAMPLING, 2009, pp. 44-7.

do castelo, assim como as próprias formulações teóricas – e o modelo visual da chamada *Wheel of inferior astronomy* (*Roda de astronomia inferior*, abaixo, fig. 1), figura que acompanha boa parte dos manuscritos e edições do *Compound* e serve como um diagrama resumido do processo alquímico.⁶⁹

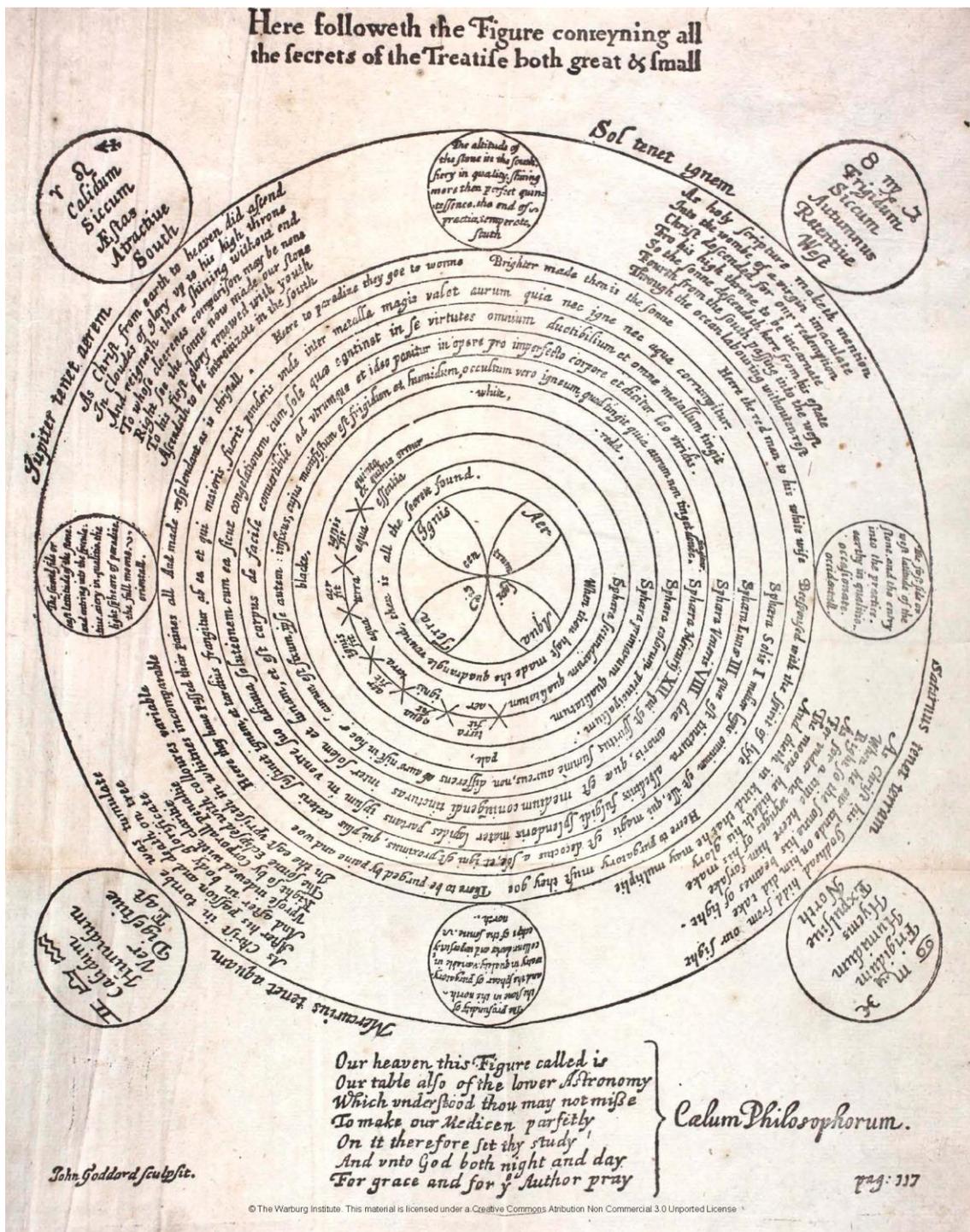
Além disso, a *Scala* fornece ao alquimista inglês a ponte que interliga ambas as tradições: a noção de *plusquam perfectum*, mais-que-perfeito. Essa concepção não é uma inovação da *Scala*, mas já aparecia em textos alquímicos desde o *Rosarius philosophorum* (*Rosário dos filósofos*) e o *Speculum alchemiae* (*O espelho da alquimia*), ambos textos apócrifos atribuídos a Arnaldo de Vilanova e Roger Bacon, respectivamente. Em suma, ela propõe que deve existir uma substância mais-que-perfeita – a quintessência, a pedra filosofal – que seja capaz de purificar e elevar os metais imperfeitos ao estado de perfeição, ou seja, transformá-los em prata e ouro.⁷⁰ Como diz Rampling:

Ao conceber imperfeição, perfeição e super-perfeição como degraus de uma escada de intermediários, o alquimista obtém espaço teórico no qual pode contemplar o reinício do processo de evolução metálica. De outra forma, esta tarefa seria frustrada pelo trabalho da natureza, ou, mais exatamente, pela *falta* de trabalho. Na natureza o estado de perfeição, uma vez obtido, designa o terminus da escala, já que a evolução dos metais cessa com a obtenção do ouro e prata. Porém, considerando os metais perfeitos como meios, com a imperfeição em um extremo, torna-se não apenas possível mas necessário inferir a existência de um estado super-perfeito no extremo oposto. Esta conclusão providencia forte suporte ao papel do artífice em melhorar processos naturais.⁷¹

⁶⁹ RAMPLING, 2009, 69. A *Roda dos elementos* será analisada no contexto do terceiro capítulo, em que serão abordados os processos de escritura e leitura do texto alquímico.

⁷⁰ *Ibid.*, p. 91-2.

⁷¹ *Ibid.*, p. 92-3. Forneço o trecho original da autora: “By conceiving of imperfection, perfection, and super-perfection as steps on a ladder of means, the alchemist obtains theoretical space in which to contemplate restarting the process of metallic evolution. This task would otherwise be frustrated by the workings of nature, or, more accurately, its *lack* of working. In nature the state of perfection, once achieved, provides the terminus of the scale, since the evolution of metals ceases with the accomplishment of gold and silver. However, by considering the perfect metals as means, with imperfection at one extreme, it becomes not only possible but necessary to infer the existence of a super-perfect state at the opposite extreme. This conclusion provides powerful support for the role of the artificer in improving on natural processes”.



(Figura 1: Warburg Institute, University of London, Innes Collection, *Wheel of inferior astronomy*, ed. Rabbards, 1591.)

Ao cabo desse processo, como espero ter demonstrado, vê-se que George Ripley integra uma parcela do conhecimento proveniente dos círculos oficiais da intelectualidade medieval, a universidade, ao conhecimento alquímico. O aristotelismo e a filosofia natural praticados neste espaço fornecem o cenário sobre o qual a alquimia se desenvolveu no Ocidente medieval. O alquimista, como se vê pelo caso de Ripley, não é um artífice apenas desse conhecimento que já foi (e permanece, por alguns, ainda hoje)

considerado uma química primitiva ou um fazer esotérico. O alquimista era um hábil comentador, artífice textual, transmutador de conhecimentos.

A fala do alquimista

Apesar de todo o labor de costurar tradições de conhecimento, o trabalho do alquimista não cessa aí. Ele também precisava operar o polo oposto do teórico. Não há dúvidas, a prática alquímica tinha, de fato, uma parcela manual e técnica que envolvia, como dito no início do capítulo, um uso aguçado dos sentidos humanos. Antes, no entanto, de entrar nos detalhes da parte manual, gostaria de tomar-lhe outro aspecto: a comunicação do conhecimento.

Pois, um dia este alquimista foi aprendiz e, provavelmente, teve de ouvir as lições de seu mestre. Tornando-se mestre, deve passar adiante os segredos de sua arte, como era comum aos artífices da Idade Média. Os textos alquímicos – e diagramas, como a *Roda de astronomia inferior* vista acima – sem dúvida foram fundamentais à transmissão do conhecimento. No entanto, sabe-se popularmente que os textos alquímicos eram compostos em grande medida por palavras cifradas, para afastá-los dos inaptos mais curiosos. É por esta razão que desejo, nesta próxima seção, apresentar as características orais do conhecimento alquímico.

Em primeiro lugar, trata-se de dizer o que entendo por oralidade. De acordo com Ong, a oralidade primária seria aquela das sociedades sem contato algum com a escrita.⁷² Sabe-se que não é o caso da sociedade urbana do Ocidente medieval, sobretudo entre os séculos XII e XV. No caso de minha pesquisa, a oralidade envolvida trata-se de uma parcela do processo de comunicação, que é dominado pela escrita, presente na sociedade. Estou, assim, em acordo com o que Zumthor denomina de oralidade segunda, um caso em que o processo de comunicação faz parte de uma cultura marcada, em graus variados, pela presença da escrita.⁷³

É importante esclarecer: a oralidade aqui entendida não descarta características provenientes daquela exercida em sociedades sem escrita. Na verdade, trata-se de uma redução da presença dessas características em função das alterações que a escrita operou nas formas de pensar das pessoas na sociedade urbana do Ocidente medieval. Pode-se citar como exemplo a poesia épica grega, como a *Iliada* e a *Odisseia*, cujas construções foram provavelmente apoiadas em fórmulas orais e apenas depois fixadas na escrita para

⁷² ONG, 1998, p. 14; 19.

⁷³ ZUMTHOR, 1993, p. 18.

serem transmitidas. Haveria um “formulismo” que, no lugar de compor versos completamente originais, apenas adequava palavras a uma métrica preestabelecida.⁷⁴ Na falta da escrita, as fórmulas serviriam à memorização e repetição constante de um conhecimento. E essa atitude formulista não desapareceria completamente com a escrita.⁷⁵

Assim, o primeiro indício de oralidade da transmissão do conhecimento alquímico que gostaria de apontar através da análise do *Compound* é a própria forma textual. O alquimista escolheu compor seu texto na chamada rima real (*rhyme royal*), forma de composição introduzida na língua inglesa por Geoffrey Chaucer. No Ocidente medieval e na Inglaterra, em particular, a historiografia mais recente já verificou – embora sem muita profundidade – que a poesia alquímica foi uma tendência. Do latim às línguas vernáculas, diversos poemas com partes ou inteiramente alquímicos atingiram alta circulação e fama. O famosíssimo poema *Roman de la rose* (*O romance da rosa*), de Jean de Meun, contém uma seção inteira com conteúdo alquímico. No que diz respeito às terras inglesas, o século XV tem os dois grandes destaques do *Compound of alchimy* e do *Ordinal of alchemy*, de Thomas Norton.⁷⁶

O *Compound* se encaixa nesta tendência de forma bastante simples. Em primeiro lugar, há certa semelhança com o processo criativo da poesia oral homérica: os trechos, as fórmulas já estão oferecidas. Como afirma Rampling, Ripley não é plenamente original em sua composição pois em diversas passagens o alquimista apenas transpôs ao verso conteúdos previamente conhecidos. Veja-se os trechos abaixo:

Calcinação, que é a mais alta purgação da nossa abençoada e modulada pedra, a restituição do calor, a conservação da umidade inata, e a indução da solução.⁷⁷

Calcinação é a purgação de nossa pedra,
 Restauração, também, de seu calor natural,
 De [sua] umidade radical nada perde,
 Induzindo solução em nossa pedra mais preparada,
 Depois que a filosofia eu lhe transmitir
 Faça, mas não pela via comum,

⁷⁴ ONG, 1998, pp. 29-32.

⁷⁵ *Ibid.*, pp. 32-36.

⁷⁶ KAHN, 2010, pp. 252-8.

⁷⁷ *Scala philosophorum* in MANGET, 1702, t. II, p. 138. Trecho original em latim: “Quae est lapidis nostri benedicti modulati summa purgatio, caloris restitutio, humoris innati conservatio, & solutionis inductio”. Aparentemente, ao dar sua tradução para o inglês, Jennifer Rampling cometeu um erro, traduzindo “humoris” (umidade) por “heat” (calor), quando deveria ser “moisture” (umidade). Cf. RAMPLING, 2009, p. 75, nota 16.

Com Sulfures ou Sais preparados em maneira diversa.⁷⁸

O primeiro trecho pertence à já citada *Scala philosophorum*, uma das fontes de Ripley. O segundo trecho é a estrofe inicial, já citada anteriormente, que abre o primeiro capítulo do *Compound*. As semelhanças são evidentes. Não cabe aqui tentar transpor a métrica chauceriana para o português. No inglês do século XV, pode-se perceber claramente as rimas em forma ABABBCC:

Calcination is the purgation of our stone,
Restoring also of his naturall heate,
Of radicall humiditie it looseth none,
Inducing solution into our stone most meete,
After philosophie I you behight
Doo, but not after common guise,
With Sulphures or Salts preparete in divers wise.⁷⁹

De acordo com Rampling, este é um padrão que segue todo o *Compound*. E, se por questões documentais, havia dúvidas se a influência teria fluído de Guido de Montanor a Ripley e não ao contrário, fica claro pela cortesia do inglês ao citar sua fonte.⁸⁰ A opção de Ripley por essa forma poética em seu texto não é explicitada pelo autor. Rampling não sugere nada a respeito, talvez porque o motivo seja demasiado comum, a meu ver: trata-se apenas de uma facilitação do papel pedagógico do texto. De acordo com Robert Halleux, a alquimia apareceu na poesia sob duas formas principais: de um lado, a poesia que servia à didática; de outro, a poesia que servia à caricatura do alquimista. Do ponto de vista do autor, o aparecimento da alquimia na forma de poemas didáticos seria o mesmo de seu aparecimento nas enciclopédias: dar à alquimia um lugar na cultura geral.⁸¹

Entre outras suposições, pode-se dizer com Anke Timmermann, que os versos e rimas eram uma ferramenta mnemônica para aqueles que não eram versados em latim. Do ponto de vista do copista, saber o texto poético proporcionava maior facilidade em copiá-lo sem erros.⁸² A meu ver, há um sentido ainda mais forte para o aspecto oral dessa forma poética. Trata-se do empenho da voz do alquimista em seu espaço de trabalho como instrumento didático e de autoridade. Veja-se, na passagem abaixo, a advertência de Ripley a seu leitor-aprendiz ao dizer-lhe sobre o mercúrio do fazer alquímico:

A isto respondo que é *Mercúrio*, eu garanto,
Mas não o tipo comum chamado *quicksilver* por nome,
Mas sim *Mercúrio* sem o qual nada é,
Todos os Filósofos registram e verdadeiramente **dizem** o mesmo,

⁷⁸ *Compound*, C_{2v}, 8-14. “*Calcination* is the purgation of our stone, / Restoring also of his naturall heate, / Of radicall humiditie it looseth none, / Inducing solution into our stone most meete, / After philosophie I you behight / Doo, but not after common guise, / With Sulphures or Salts preparete in divers wise.”

⁷⁹ *Ibid.*

⁸⁰ RAMPLING, 2009, p. 75.

⁸¹ HALLEUX, 1979, p. 145.

⁸² TIMMERMANN, 2013, p. 18-9.

Mas simples buscadores colocam-lhes em culpa,
Dizendo que eles o esconderam, mas são eles os culpados,
Que não são Clérigos e lidam com Filosofia.

Mas, embora isto seja *Mercúrio*, sabiamente compreenda,
Onde isto está, e onde deverá procurar,
De outra forma, aconselho que não tome este trabalho,
Pois os Filósofos bajulam tolos com discursos bonitos:
Mas **ouça-me**, pois verdadeiramente lhe ensinarei,
Qual é o *Mercúrio* mais proveitoso,
Sendo-lhe em nada enganoso.⁸³

A chamada de atenção do autor-mestre faz mostrar a força da instrução oral no espaço de trabalho. Verbos como *dizer*, *ouvir*, *falar* são indícios internos, em um texto, de seu aspecto oral, da passagem de um estado virtual (pensado, por assim dizer) ao dito num determinado espaço ao longo do curso de uma ação – no caso dos textos poéticos estudados por Zumthor, trata-se da performance; no caso do texto alquímico por mim analisado, trata-se, a meu ver, do momento do fazer alquímico que faz e ensina ao mesmo tempo.⁸⁴

Como diz Zumthor, a oralidade é uma abstração que corresponde mais à *tradição* oral, situada na duração; a *transmissão* oral, o empenho da voz no momento da performance, é a voz propriamente historicizada – por isso o autor diz preferir *vocalidade* à *oralidade*.⁸⁵ Os índices de oralidade, assim, demonstram o uso da voz num determinado contexto. O exercício da voz como instrumento de ensino era comum, sabe-se que as aulas universitárias eram sobretudo orais até o momento de sua transformação em comentários escritos. A voz era carregada de autoridade. Assim, mais do que instruir, ela também reforçava os laços da tradição de conhecimento, equivalendo à construção da memória social daquele fazer.⁸⁶ A um mesmo tempo, pela tensão do oral e do escrito, a forma poética é instrumento mnemônico e de coesão de um grupo social.

Partindo de outra tradição interpretativa, pode-se também falar de um certo efeito de presença. O texto, nos seus indícios internos, deixa perceber certos acontecimentos que a escritura poderia ter escondido. Em outras palavras, a escritura pode ser censora da realidade passada, na medida em que omite algo. Todavia, o inverso pode acontecer: em

⁸³ *Compound*, B4f, 8-21. “To this I answere that *Mercurie* it is I wis, / But not the common called quicksilver by name, / But *Mercurie* without which nothing being is, / All Philosophers record and truly saine the same, / But simple searchers putteth them in blame, / Saying they hid it but they be blame worthy, / Which be no Clearkes and meddle with Philosophy. // But though it *Mercurie* be, yet wisely understand, / Wherein it is, and where thou shalt it seech, / Else I counsell thee take not this work in hand, / For Philosophers flatter foules with fayre speech: / But listen to me, for truly I will thee teach, / Which is this *Mercurie* most profitable, / Being to thee nothing deceivable” (grifo pessoal).

⁸⁴ ZUMTHOR, 1993, pp. 35-6; 39.

⁸⁵ *Ibid.*, pp. 17; 21.

⁸⁶ *Ibid.*, pp. 139-43.

Os canibais, Montaigne decepciona-se com seu tradutor que perde parcialmente a fala do indígena. O francês poderia tê-lo omitido, mas expressa sua indignação, causando no leitor a sensação de uma realidade que, embora perdida, de fato existiu.⁸⁷ No caso da dinâmica do *Compound*, trata-se do alquimista que se coloca no texto como o principal falante. Mas há, sempre, alguém que lhe ouve. Um aprendiz textualmente ausente, que nunca fala, ao longo de todo texto, mas que lá está, ouvindo atentamente. Talvez caiba aqui a lembrança: o *Conto do criado do cônego*, dos *Contos da Cantuária*, de Chaucer, dá voz ao aprendiz de alquimista que, quando tem a palavra, não cessa de revelar os segredos de seu mestre – um farsante que enganou o aprendiz e tantos mais.⁸⁸

No que diz respeito à soma destes índices e o efeito que eles sugerem, conclui-se pela presença de um grupo ouvinte. Toda a tensão se coloca no âmbito destes ouvintes. Se os textos poéticos, as canções de gesta, são objetos da performance pública, a poesia alquímica é privativa. Se a performance poética pública visa ao entretenimento, a performance (se é que se pode falar nisso) alquímica visa à instrução e à busca da pedra filosofal.

Portanto com Deus procure começar,
Que ele pela graça possa residir contigo,
Para que possas melhor ganhar a sabedoria;
E conhecimento de nosso grande **segredo**:
Cultive virtudes, e dos vícios fuja,
E confiando que irá se portar bem,
Nossos **segredos revelar-lhe-ei**.⁸⁹

O fazer alquímico e sua transmissão são privativos, pois tratam-se da passagem de segredos. Mas a relação entre mestre e aprendiz garante, em alguma medida, que não há um isolamento completo da figura do adepto. Aqui, o alquimista não é um eremita nem um asceta. O *Compound*, sendo um poema didático, reúne características de formas textuais tipicamente públicas – a aula e a declamação da poesia. O texto alquímico se aproveita de características úteis e as transporta ao seu intuito, executado no âmbito do privado.

O aspecto oral da transmissão do conhecimento alquímico coloca em perspectiva e permite retomar suas relações com a filosofia natural. Como espero ter demonstrado, a filosofia natural forneceu à alquimia bases sólidas sobre as quais poderia operar: tanto do

⁸⁷ DAHER, 2012, p. 16.

⁸⁸ Cf. CHAUCER, 2014, pp. 701-737.

⁸⁹ *Compound*, B₂v, 8-14. “Therefore with God looke thou beginne, / That he by grace may dwell with thee, / So shalt thou best to wisdom winne; / And knowledge of our great privitie: / Nourish vertues, and from vices flee, / And trusting thou wilt thee well dispose, / Our secrets to thee I will disclose” (grifo pessoal).

ponto de vista teórico quanto prático. Esses dois polos, na verdade, constituíam um dos principais problemas no que se refere às fronteiras do fazer e pensar na Idade Média.

Como expliquei acima (p. 18), a filosofia natural pode ser dividida em dois campos fundamentais e que se impuseram à essa pesquisa no curso de seu desenvolvimento. O chamado princípio de movimento e repouso corresponderia à ideia de natureza da filosofia aristotélica e poderia ser subdividido em: movimento como *deslocamento no espaço* e como *transformação ou mudança*. A primeira parte do capítulo toma este segundo sentido como aquele que orienta o conhecimento alquímico. A filosofia natural que trata do movimento como deslocamento no espaço, no entanto, persiste e é altamente considerada nos círculos universitários. Acredito que, colocando-a em perspectiva, seja possível considerar como a oralidade desempenha um papel de conexão dos sentidos humanos no fazer alquímico.

Ao longo dos séculos XIII e XIV, a filosofia natural aristotélica foi recebida, comentada e desenvolvida pelos principais pensadores do Ocidente medieval. Esse processo ocorre principalmente dentro do ambiente universitário. Alexandre Koyré reconhece três etapas do pensamento físico (ou da filosofia natural) no Ocidente: o próprio pensamento de Aristóteles; a chamada física do *impetus*; e a física de inspiração arquimediana, desenvolvida sobretudo por Galileu.⁹⁰

É a física do *impetus* que ganha forma no século XIV para responder às dúvidas medievais sobre o movimento dos corpos. O conceito de *impetus* tem origem grega, mas é desenvolvido entre os universitários de Paris, em particular João Buridan e Nicolau Oresme.⁹¹ O *impetus* é uma força, muito mal explicada pelos próprios partidários do conceito, que consiste em explicar o prolongamento de um movimento quando o movente já não está mais em contato com o móvel: o *impetus* é a força que faz as paletas do moinho girarem mesmo quando o vento para de soprar.⁹²

De acordo com Grant, essa filosofia natural praticada no Ocidente medieval partia de uma base epistemológica apriorística. Isto porque, no pensamento de Aristóteles, o mundo físico é experimentado pelo ser humano através de seus sentidos e experiências. É ao cheirar, degustar, tocar, ouvir e ver que o ser humano toma consciência do mundo. Os sentidos humanos fornecem a melhor forma de conhecer os particulares. O revés da questão é que a experiência física não deixa que o ser humano entenda o “por que” das

⁹⁰ KOYRÉ, 1986, p. 19.

⁹¹ *Ibid.*

⁹² KOYRÉ, *op. cit.*, pp. 60-3.

coisas. Assim, os textos aristotélicos que compõem a filosofia natural correspondem à teorização do grego sobre o mundo como ele o concebia e visavam a responder esta questão.⁹³

No entanto, o mundo concebido por Aristóteles afastava-se em muitos pontos do que a observação pode de fato constatar. Isto gerava um conflito interno na obra aristotélica, deixando-a vulnerável no que diz respeito à relação entre a teoria e a empiria. Esta confusão constituiu um tipo de empirismo que Grant chamou de “empirismo sem observação”. Em suma, tratava-se mais de “argumentos experimentais” do que de “práticas experimentais”. Grant divide as fontes dessas argumentações em duas: experiências pessoalmente observadas e experiências de pensamento.⁹⁴

No caso das experiências pessoalmente observadas, elas poderiam ser de primeira ou segunda (ou terceira, quarta, etc.) mão. Dito de outro modo, o filósofo da natureza poderia ter postulado uma afirmação por tê-la observado. João Buridan, para recusar a teoria de Aristóteles sobre a influência do ar no prolongamento de um movimento, se vale do seguinte exemplo:

A terceira experiência é esta: um navio puxado rapidamente em um rio, mesmo contra a corrente, depois que o puxar cessa, não pode ser parado rapidamente, mas continua a se mover por um longo tempo. E, ainda assim, um marinheiro a bordo não sente nenhum ar em suas costas, empurrando-o. Ele sente apenas o ar da frente, resistindo-o.⁹⁵

Este é um fenômeno que Grant considera provável de ter sido presenciado por Buridan. Outros fenômenos são admitidos como observados, mesmo que sejam de segunda mão: o experimento do sifão – que consiste em submergir um tubo em líquido e sugar o líquido através do tubo, basicamente como beber de um copo com canudo – era altamente circulado em diversos textos e largamente conhecido pelos intelectuais medievais. Como se sabe, o líquido sobe pelo tubo à medida que há sucção: para os medievais, isto ocorria naturalmente porque o vácuo – a ausência de ar – era uma impossibilidade. A natureza dava conta de evitá-lo. Assim, era um exemplo tão comum, que não era necessário reproduzi-lo para prová-lo.⁹⁶

Já os experimentos de pensamento correspondem, essencialmente, a abstrações derivadas da coerência de um argumento. Um outro exemplo de João Buridan contra

⁹³ GRANT, 2004, p. 163.

⁹⁴ *Ibid.*, p. 163-4.

⁹⁵ BURIDAN apud GRANT, *op. cit.*, p. 167. Traduzido da versão inglesa do texto fornecida por Grant, que fornece o original em latim: cf. *Acutissimi philosophi reverendi Magistri Johannis Buridani subtilissime questiones super octo Phisicorum libros Aristotelis* (Paris, 1509), livro VIII, questão 12, fols. 120r, col. 2-120v, col. I.

⁹⁶ GRANT, *op. cit.*, p. 165-6.

Aristóteles consiste no seguinte: ele propõe que uma lança, com ambas pontas agudas, se moveria tão rapidamente quanto uma lança com a ponta plana. Deve-se lembrar que Aristóteles considerava que era o ar que empurrava a lança. Por isso, uma lança de ponta plana se moveria rapidamente porque o ar poderia empurrá-la adiante (prolongando seu movimento) ao entrar em contato com este lado plano. Para provar que o prolongamento do movimento não é derivado da ação do ar, mas sim de outra coisa, Buridan sugere o uso de uma lança com duas pontas agudas, já que o ar que agiria na ponta traseira e empurraria a lança adiante seria cortado!⁹⁷

Exemplos como esse abundam na filosofia natural da Idade Média. Trata-se de uma proposição argumentativa, cujos termos da proposição demonstram a coerência de uma tese. Ao acreditar que uma ponta aguda cortaria o ar, não haveria diferença se a parte pontiaguda está na dianteira da lança – no sentido do movimento – ou na traseira – onde o ar teoricamente empurraria. O fato de que uma ponta aguda corta o ar determina a coerência da proposição. A experiência, provavelmente, jamais foi realizada por Buridan.⁹⁸

Segundo Grant, o aristotelismo medieval era marcado por essa tendência: um empirismo sem observação. A observação não caracterizava um passo de um procedimento tido como científico, mas sim como exemplo, como a confirmação do que se considerava em abstrato através das proposições lógicas. O que se considerava ciência na Idade Média era um saber assentado sobre bases muito diversas do que se considera como ciência hoje – o que não é dizer, contudo, que não exista no mundo atual um empirismo sem observação. Apenas que ele não pertence mais ao saber que se julga científico. O empirismo medieval permanecia subjugado à teorização que explicava o “por que” das coisas. Não existia, para os filósofos naturais da Idade Média, a noção de experimento como existe hoje: a observação constante, cuidadosa, o reconhecimento de padrões através da repetição de casos. Assim, a forma mais próxima de provar uma tese era argumentá-la, *demonstrá-la* (na linguagem aristotélica) segundo proposições lógicas.⁹⁹

⁹⁷ GRANT, 2004, p. 168.

⁹⁸ Esta tendência ao raciocínio imaginativo, aos experimentos de pensamento ainda estará presente em Galileu, como demonstrou KOYRÉ, 1986, cap. 1, p. 85, nota 121, em que o autor chama as experiências de Galileu de “muito suspeitas” e procede a explicar no texto: “Esta divergência entre a teoria e a prática explica-se pelo facto de que a teoria é estabelecida, de alguma maneira, em abstracto”.

⁹⁹ GRANT, *op. cit.*, p. 181. Alain de Libera oferece uma interpretação mais nuançada do uso da imaginação na filosofia natural e suas divisões de acordo com as tendências filosóficas admitidas nas diferentes universidades. Cf. LIBERA, 1998, pp. 440-47. Como resume bem o autor: “no século XIV, há várias atitudes possíveis a partir da mesma base epistêmica”.

Este olhar sobre a física medieval na sua visada sobre o movimento dos corpos trata de trazer à luz a seguinte questão: em grande medida, a filosofia natural praticada pelos pensadores medievais dedicava-se a proposições lógicas, sem utilização da experiência e da sensação – embora elas fossem centrais na filosofia de Aristóteles. Por esta razão, diversas proposições – como o exemplo da lança – podiam ser feitas e aceitas como evidências de um fenômeno natural.

Diferentemente, a alquimia possuía bases empíricas bastante sólidas – ainda que não fossem perfeitamente correspondentes à realidade. Os índices de oralidade permitem interpretá-la como uma prática que exigia a presença física do adepto e mesmo de outras pessoas. Como acredito ter demonstrado, ela se situou no domínio da filosofia natural na medida em que sua intenção era lidar ou, mais precisamente, melhorar os fenômenos da natureza. Pode-se dizer que o alquimista do *Compound* empregava a base epistemológica da filosofia aristotélica – o empirismo, fundado na observação e na percepção sensorial – mais completamente do que os próprios filósofos da natureza.

Ademais, trata-se de colocá-la sob uma luz diferente daquela de interpretações que, no século XX, sugeriam que a alquimia fosse uma prática meramente mística, ocultista e conformaram, na posteridade, uma imagem altamente a-histórica da alquimia.¹⁰⁰ Sem dúvida, as produções textuais alquímicas ganham contornos relacionados à espiritualidade, às tendências intelectuais e mesmo artísticas de uma época. Mas, é claro, do ponto de vista do historiador esses contextos jamais podem ser ignorados.

Com a análise acima, coloca-se que a alquimia possuía raízes profundamente ligadas às tendências intelectuais do Ocidente medieval: o aristotelismo, em geral, e a filosofia natural aristotélica, em particular. Pelo levantamento dos aspectos orais que o documento proporciona, sabe-se que o alquimista do *Compound* faz deslizar certas características de práticas públicas a um espaço privado, adaptando-as às suas necessidades. Por fim, vê-se que o aristotelismo abre uma grande contradição ao deixar um vácuo entre seus aspectos teórico e empírico, fazendo com que os pensadores medievais pratiquem uma “filosofia natural sem natureza”.¹⁰¹

¹⁰⁰ Refiro-me, sobretudo, a autores como Julius Evola (*La tradizione hermetica*, 1931), Carl Gustav Jung (*Psychologie und alchemie*, 1944) e Titus Burckhardt (*Alchemie, Sinn- und Weltbild*, 1960). Estes autores afastaram-se em grande medida de qualquer abordagem histórica do tema, descontextualizando-o de seu momento de produção e fundindo momentos históricos distintos em uma ideia monolítica da alquimia. Cf. nas referências bibliográficas finais: EVOLA, 1979; JUNG, 2012; BURCKHARDT, 1991.

¹⁰¹ A frase é de John Murdoch, citada por GRANT, 2004, p. 181.

Capítulo 2

O afastamento da prática alquímica das instituições de saber e de poder

Mas se Deus quiser que tu tenhas
 Esta Ciência pela doutrina que lhe contei,
 Não a descubram aqueles que a desejam,
 Por vantagens, medo, prata ou ouro;
 Não sejas opressor, glutão ou orgulhoso:
 Sirva teu Deus, e ajude os pobres para isso,
 Se tu quiseres que esta vida continue longamente.¹⁰²

A passagem acima, parte da longa digressão moral encontrada no quinto capítulo, *Da putrefação (Of Putrifaction)*, ilustra dois dos pontos que serão abordados neste capítulo. O primeiro deles, mais breve, faz referência à prática alquímica como uma ciência. O segundo ponto, diluído por toda a estrofe, diz respeito à concepção moral por trás da transmissão desse saber.

É minha intenção demonstrar que esses dois pontos possuem uma ligação, cujas bases podem ser encontradas na relação do saber alquímico com a estruturação do saber universitário da Europa medieval e com as mudanças que ocorrem na Igreja Católica, particularmente no que diz respeito à formação dos instrumentos e órgãos institucionais que promoveram a perseguição e marginalização de grupos sociais na Baixa Idade Média.

A aproximação com as ciências mecânicas

Como estabelecido no capítulo anterior, a alquimia do *Compound* deriva em grande parte do conjunto da filosofia natural aristotélica. No que diz respeito ao aristotelismo medieval como um todo, há outra caracterização que deve ser levada em consideração. As ciências, como pensadas por Aristóteles, estavam divididas de acordo com suas características epistemológicas e seus objetos. A física, como visto, trata-se da análise das coisas que contêm em si o princípio do movimento e do repouso.¹⁰³

Um dos pontos fundamentais da construção da ciência física, no pensamento aristotélico, é a relação dialética entre experiência e o que o filósofo denomina por arte. A experiência diz respeito às observações humanas com relação ao mundo: perceber que um mesmo remédio fez bem a Cálidas e a Sócrates. Já a arte é a possibilidade de determinar

¹⁰² *Compound*, G₂f, 1-7. “But if God fortune thee to have / This Science by doctrine which I have told, / Discover it not whosoever it crave, / For favour, feare, silver, or gold; / Be no oppressor, letcher nor boaster bold: / Serve thy God, and help the poore among, / If thou this life list to continue long”.

¹⁰³ ARISTÓTELES, *Metafísica*, VI, 1, 1025b15-20 (p. 269, ed. Reale).

que Cálías, Sócrates e outras pessoas beneficiadas pelo uso de tal medicina pertençam a uma mesma espécie, concluindo pela eficácia do remédio para tratar determinada doença da espécie humana, para usar o exemplo do próprio estagirita. Em outras palavras, como diz o filósofo, “a experiência é conhecimento dos particulares, enquanto a arte é conhecimento dos universais”.¹⁰⁴

Algumas linhas adiante, Aristóteles estabelece a divisão entre o filósofo e o artesão: o filósofo é aquele que, ao tratar dos universais, adquire conhecimento das causas das coisas; o artesão, embora experimente em primeira mão o mundo, não compreende as causas pois seu conhecimento é limitado aos particulares. Para Aristóteles, “os trabalhadores manuais agem por hábito” tal qual um “impulso natural”; ao contrário, os que detêm os conhecimentos das causas são mais nobres – não por saberem desempenhar as funções, mas sim porque são “possuidores de um saber conceptual”.¹⁰⁵

Nesta caracterização do conhecimento do mundo, os universais são superiores aos particulares. Sendo assim, a física diz respeito aos seres que sofrem transformações no mundo e, por ser uma ciência teórica (aquela cujo fim é a verdade através do conhecimento das causas), ela se distingue das práticas (cujo único fim é a ação).¹⁰⁶ Aristóteles determina, assim, que sua filosofia natural é radicalmente divergente de um conhecimento prático, manual. No século XII, os manuais universitários irão reforçar essa distinção tornada clássica pela *Metafísica*.

Antes da difusão das traduções da maior parte da obra aristotélica no século XIII, os manuais e enciclopédias tinham a primazia nas salas de aula das universidades ocidentais. Os ensinamentos que chegavam aos alunos universitários, pelos próprios manuais e também pelos comentários, não correspondiam ao conteúdo integral dos textos antigos. Muitos textos eram traduzidos apenas parcialmente, o que tornava a totalidade do saber filosófico do Ocidente medieval um conjunto formado de fragmentos. Estas características são marcas da *translatio studiorum* (translação dos estudos), a transmissão dos conhecimentos de uma cultura à outra.

Como colocado por Alain de Libera, as diversas translações são pontos fundamentais da construção da filosofia e do conhecimento científico da Idade Média: dos gregos aos bizantinos, dos bizantinos aos árabes, da Península Ibérica árabo-muçulmana (e também cristã, é verdade) para o resto da Europa. Como expôs o

¹⁰⁴ ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 1, 981a5-10 (p. 3-5, ed. Reale).

¹⁰⁵ *Ibid.*, I, 1, 981b5-10 (p. 5-7, ed. Reale).

¹⁰⁶ *Ibid.*, II, 1, 993b20-25 (p. 73, ed. Reale).

historiador francês, a Idade Média não possui um centro de irradiação do conhecimento filosófico. A *translation studiorum* fornece uma compreensão descentralizada, em que cada momento e cada translação representam um ponto no bordado que ilustra o conhecimento filosófico e científico medieval.¹⁰⁷

O *Didascalicon* do saxão Hugo de São Vítor foi um dos primeiros e mais influentes textos das universidades medievais. Assumindo a forma de um manual, o *Didascalicon* expõe ao longo de seis livros a importância da filosofia e dos estudos, os temas pertinentes às diferentes áreas de estudo, as melhores formas de estudo (sobretudo do estudo bíblico). Sendo anterior à difusão da obra aristotélica, o principal referencial de Hugo é a *Consolação da filosofia* (*De consolatione philosophiae*), de Boécio – que estudou e comentou a obra de Aristóteles.¹⁰⁸

A historiografia¹⁰⁹ aponta o *Didascalicon* de Hugo de São Vítor como um dos principais influenciadores ocidentais da cisão de opiniões sobre a natureza da alquimia: seria uma ciência? Ou meramente conhecimento artesanal? Ou, mais ainda, uma forma superior de filosofia? Trata-se de delinear, agora, as conceituações de Hugo para cada uma destas formas de conhecimento.

O primeiro livro do *Didascalicon* pode ser considerado como a justificativa do projeto de Hugo. Nele o autor dedica-se à explicação de que os seres humanos possuem o bem e o mal como elementos fundamentais de seu caráter. O bem representa a herança original do divino, que deve ser reparada a todo custo. Já o mal representa toda corrupção e desvio da natureza.¹¹⁰ A filosofia figura como a principal forma de reparação das falhas humanas: através da busca por sabedoria (definição retirada de Pitágoras), chega-se à verdade – epítome da sabedoria – e ela, por sua vez, “pode ser percebida como um retorno ou chamado que fazemos para nós mesmos”. Trata-se de um resgate das características originais atribuídas por Deus à humanidade.¹¹¹

Para Hugo, a filosofia é uma “disciplina investigadora plena de todas as coisas humanas e das razões divinas”. Ela tem por objeto “a razão primeira das coisas”, de sorte

¹⁰⁷ LIBERA, 1998, *Introdução*, pp. 11-18. A conceitualização de *translatio studiorum* como um fator descentralizador do objeto de pesquisa (a filosofia medieval) funda a crítica de Alain de Libera sobre o etnocentrismo e sobre o olhar ideologicamente enviesado da historiografia mais tradicional, cujo principal representante seria Étienne Gilson. Gilson abordava a história da filosofia medieval como a história de uma filosofia cristã, ignorando as diferenças e continuidades que as translações entre os mundos ocidental-oriental, árabo-europeu, muçulmano-judeu-cristão apresentavam. Cf. GILSON, 1995; 2006.

¹⁰⁸ Sobre Boécio, cf. LIBERA, 1998, pp. 250-259 e as orientações bibliográficas à página 493.

¹⁰⁹ NEWMAN, 1989, pp. 424-5.

¹¹⁰ *Didascalicon*, I, 5, p. 34.

¹¹¹ *Op. cit.*, I, 2, p. 27.

que exclui de sua alçada os atos humanos “no instante de sua concretização”. Dessa forma, a arquitetura considerada como ciência – ou seja, os princípios que formam o conhecimento arquitetônico – é objeto da filosofia; porém, a arquitetura como prática – a construção em si –, sua execução, “pertence ao homem rústico”. Grosso modo, a filosofia diz respeito às coisas conceituais.¹¹²

Na sequência do exemplo da arquitetura, Hugo cria a distinção entre a ciência (da arquitetura) e “as obras dos artistas”¹¹³. Segundo ele, o fazer dos artífices é uma imitação da natureza, que não se iguala a ela. Portanto, temos uma tríade de conhecimentos: a filosofia, dedicada às razões dos atos humanos, aos conceitos; as ciências, que reúnem os princípios conceituais de um determinado fazer; e as artes, que executam obras ao molde da natureza, imitando-a.

A filosofia, sendo o mais importante dos conhecimentos, pode ser dividida em quatro categorias: teórica, prática (ética), mecânica e lógica. Como explica Jerome Taylor, esse esquema quadripartite, “aristotélico em inspiração e caráter últimos”, foge a uma tradição platônica de dividir a filosofia em física, ética e lógica. Segundo Taylor, o *Didascalicon* traz a novidade de sistematizar essas concepções de forma aristotélica “dentro de um sistema de pensamento e ação radicalmente agostiniano, severamente ortodoxo, e misticamente orientado”. Tudo isto em oposição às tendências secularistas do conhecimento, mais preocupadas com as disputas, o *quadrivium* e a física (filosofia natural) do que com o destino dos homens.¹¹⁴

Efetivamente, o *Didascalicon* de Hugo de São Vítor marca uma interpretação extremamente pia do conhecimento filosófico. Cada uma das categorias corresponde a uma solução necessária aos diversos males ocasionados pela queda do homem. No *Didascalicon* essa correspondência não é imediata clareza pois, como explica Taylor, ela foi delineada por Hugo em outro texto, o *Epitome Dindimi in philosophiam*.¹¹⁵ No diálogo citado por Taylor em sua introdução ao *Didascalicon*, o interlocutor explica à personagem Sóstenes que o homem, após a queda, toma ciência de suas falhas e procede a repará-las.

E então surgiu a busca por essa Sabedoria que devemos buscar – uma busca chamada “filosofia” – para que o conhecimento da verdade possa iluminar nossa ignorância, que o amor pela virtude possa extirpar nossos perversos desejos, e que a jornada pelas conveniências necessárias possa aliviar nossas

¹¹² *Didascalicon*, I, 4, p. 33.

¹¹³ Note-se que a tradução de Tiago Tondinelli utiliza “artistas” quando Hugo está se referindo aos artesãos, ou artífices, enfim, aos trabalhadores manuais. Importa distingui-los, desde já, dos *artista*e (no plural latino), nome que designava os estudantes e mestres universitários formados pela Faculdade de Artes, cujo trabalho era intelectual e nunca manual.

¹¹⁴ TAYLOR, 1961, p. 8.

¹¹⁵ *Ibid.*, p. 12.

fraquezas. Essas três buscas primeiro formaram a filosofia. A que buscava a verdade foi chamada teórica; aquela que melhorava as virtudes os homens tiveram prazer em chamá-la de ética; aquela pensada para buscar conveniências o costume chamou mecânica.¹¹⁶

A lógica, última das divisões, é adicionada pelos homens na medida em que percebem que é indispensável assegurar conclusões claras e verdadeiras às outras três categorias.¹¹⁷

Com o exposto acima, pode-se resumir que Hugo de São Vítor acreditava que a filosofia deveria ter uma orientação moral para o melhoramento da vida terrena e a garantia da salvação no além. Além do trecho do *Compound* epigrafado, o capítulo *Da putrefação* reincide as advertências morais ao aluno-leitor, desta vez para que não confie em quem não leva uma vida virtuosa.

Não gaste seu dinheiro em vão,
 Não dê crédito a qualquer espírito,
 Mas, primeiro examine, apalpe e prove;
 E ao provar, assim deposite sua confiança,
 Mas sempre atente para grandes despesas:
 E se o Filósofo viver virtuosamente,
 Mais você pode confiar em sua Filosofia.¹¹⁸

É claro que não se trata de reduzir o *Didascalicon* de Hugo de São Vítor à única ou sequer a maior bússola moral do Ocidente medieval. Colocar a divisão quadripartite empreendida no texto sob essa perspectiva amplia a discussão mais tradicional da historiografia da alquimia sobre o texto de Hugo, atribuindo-lhe maior impacto sobre a alquimia como objeto histórico do que apenas um texto que influenciou em sua categorização ou não como uma forma legítima de conhecimento filosófico ou científico.

No primeiro capítulo, ficou estabelecido que a alquimia do *Compound* tira inspiração da filosofia natural de raiz aristotélica. Como filosofia natural, a alquimia corresponderia ao que Hugo denominou ciência: o conjunto de princípios que orientam um conhecimento. Mas, a alquimia do *Compound* é muito mais que a reunião de princípios: ela é conceitual, mas também é prática. O autor assume a função não apenas de mestre, mas também de artífice: ou, melhor, ele pode ser mestre por ser artífice.

Depois de tudo isto, eu lhe rogo que compreenda
 Para sua segurança, o que já realizei,
 Vários experimentos tomei em minha mão
 Como os encontrei escritos para o Sol e a Lua:
 Os quais lhe contarei, lembrando-os rapidamente,
 Começando pelo cinábrio, que não provou nada,
 E o Mercúrio sublimado, o qual comprei caro.
 Fiz soluções as mais variadas
 De álcoois, fermentos, sais, ferro, e aço,

¹¹⁶ TAYLOR, 1961, p. 12. Tradução minha, a partir da citação em inglês feita por Taylor.

¹¹⁷ *Ibid.*, p. 10.

¹¹⁸ *Compound*, G₁v, 1-7. “Spend not thy money away in waste, / Give not to every spirit credence, / But first examine, groape, and taste; / And as thou proovest, so put thy confidence, / But ever beware of great expence: / And if the Philosopher doe live vertuouslie, / The better thou maist trust his Philosophie”.

Desejando fazer a Pedra Filosofal:
 Mas, finalmente perdi cada centavo,
 Enfureci-me com meus livros,
 Que eu provava serem falsos a todo momento,
 O que me deixava frequentemente frustrado.¹¹⁹

O artífice, na divisão da filosofia elaborada por Hugo de São Vítor, pertence à categoria da mecânica. Como dito anteriormente, os *artistas* (artífices) são aqueles responsáveis pela imitação da natureza, tomando-a por molde. Hugo chama a mecânica, por isso, de “adulterina”. Esta concepção não carrega, necessariamente, uma carga negativa. O latim *adulterinus* significa, além de adúltero, a ideia também daquilo que não é genuíno; em outras palavras, algo que não seja proveniente da natureza, mas sim forjado pelo trabalho do homem.¹²⁰ Este significado é reforçado por Hugo, ao dizer que os antigos consideravam a mecânica como “a ciência que dizem convergir para a fabricação de todas as coisas”.¹²¹

A ideia de que a arte imita a natureza não é de forma alguma nova em Hugo. Ela pode ser encontrada em Aristóteles, na *Meteorologia* e na *Física*.¹²² Embora Hugo considere-a como a de menor importância entre as categorias da divisão da filosofia, a ciência mecânica é a que deve vir primeiro na busca pela Sabedoria. George Ovitt Jr. argumenta que as sete artes da ciência mecânica correspondem às necessidades do corpo, resguardando-o das mazelas mundanas e deixando-o são para a atividade de introspecção exigida pela filosofia como busca da verdade.¹²³ É neste ponto que Hugo (e seus seguidores da escola vitoriana), possivelmente, tenha sido inovador: embora o trabalho manual fosse algo visto com certo desprezo, pela alienação que causa ao homem, seus objetivos seriam nobres diante do quadro geral de salvação.¹²⁴ Preparar o corpo para liberar a mente e o espírito, é este o mote:

Logo, é necessário à natureza garantir a segurança dos seres que não sabem proteger a si mesmos – atribuindo-lhes defesas naturais – enquanto foi reservada ao homem uma capacidade superior de tomar para si experiências, assegurando-lhe o reconhecimento dos referidos dados e das informações

¹¹⁹ *Compound*, L1f, 1-7, 8-14. “After all this, I will thou understand / For thy savegard, what I have doone, / Manie experiments have I taken in hand / As I found written for Sunne and Moone: / The which I will tell thee, rehearsing soone, / Beginning at the vermilion, which proved nought, / And Mercurie sublimed, which I dearly bought. // I made solutions full manie a one / Of spirits, ferments, salts, yron, and steele, / Weening so to make the Philosophers Stone: / But finally I lost every deele, / After my bookes yet wrought I weele, Which evermore untrue I preeved, / Which made me oft full agreeved”.

¹²⁰ Os arquivos da Universidade de Notre Dame (Indiana, EUA) possuem uma excelente ferramenta de pesquisa para o latim. Para o significado citado: <<http://archives.nd.edu/cgi-bin/lookup.pl?stem=adulter&ending=inus>>. Ademais, esta concepção das ciências mecânicas como adulterinas não é original em Hugo.

¹²¹ *Didascalicon*, II, 20, p. 88.

¹²² Cf. respectivamente, 381b6-7 e 199a15-17.

¹²³ OVITT, JR., 1983, p. 95.

¹²⁴ WHITE, JR., 1972, pp. 196-97.

naturalmente atribuídas a todos, mas que são descobertas por ele, por sua própria razão.

Brilha muito mais a razão do homem ao descobrir objetos para suas vestes e instrumentos para sua defesa, do que brilharia, se simplesmente ele já os tivesse por sua própria natureza, de modo que não é destituído de fundamento o provérbio que nos ensina “a comum e natural fome do homem é que lhe causou todas as artes”.¹²⁵

A ideia de preservação do corpo está igualmente presente no *Compound*. Ao final do nono capítulo (*Da fermentação*), aparece a concepção do objetivo do fazer alquímico como uma “medicina”: “nós chamamos esta água de quintessência, que no homem cura todas as doenças”.¹²⁶ Ademais, existe todo um programa de prevenção dado pelo mestre. O aprendiz não deve deixar que seu corpo se intoxique “bebendo imoderadamente”. Por isso, não deve “beber mais do que consegue comer” e “caminhar para cima e para baixo em um leve ritmo”.¹²⁷

Esta aproximação de objetivos entre as ciências mecânicas e o fazer alquímico, como vistos nos textos de Hugo de São Vítor e George Ripley, atestam uma tendência identificada por William R. Newman em dois momentos distintos. Em 1989, Newman publicou o artigo *Technology and alchemical debate in the Late Middle Ages (Tecnologia e debate sobre alquimia na Baixa Idade Média)*, no qual sugere que a alquimia teve importante papel na mudança de atitudes e na apreciação sobre o que ele considerava tecnologia (as ciências ou artes mecânicas de Hugo).¹²⁸ Para Newman, a prática alquímica colocava o debate iniciado por Hugo – a tecnologia como benéfico aos homens – em outro patamar. Alguns autores, como Petrus Bonus de Ferrara (autor da *Margarita pretiosa novella*), iniciaram no século XIV uma defesa da alquimia como uma ciência perfectiva, mais do que meramente adulterina em sua qualidade de imitar a natureza. Newman denomina, em seu livro *Promethean ambitions* (2004), este momento como uma “virada religiosa” da alquimia.¹²⁹ No que diz respeito ao *Compound*, no primeiro capítulo demonstrei que as fontes de George Ripley já o direcionavam à concepção da perfeição como objetivo de sua prática alquímica.

¹²⁵ *Didascalicon*, I, 9, p. 44-45.

¹²⁶ *Compound*, I₂V, 22-28. “And yet a way there is most excellent, / Belonging unto another working, / A water we make most redolent, / All bodies to oyle wherewith we bring, / With which our medicine we make flowing, / A quintessence this water we call, / In man which healeth diseases all.”

¹²⁷ *Op. cit.*, M₁f, 9-16. “I counsell you eate and drinke temperately, / And beware well that Iposarcha come not in place, / Neshe not your wombe by drinking immoderately, / Least you quenche naturall heate in little space, / The colour will tell appearing in your face, / Drinke no more therefore than you may eate, Walke up and downe after an easie pace, / Chafe not your bodie too sore to sweate.”

¹²⁸ NEWMAN, 1989, pp. 423-5. O artigo foi traduzido por mim e publicado (com infortúnios editoriais, como paginação incorreta) na *Revista Signum*, vol. 17, n. 1, 2016, pp. 314-346.

¹²⁹ NEWMAN, 2004, pp. 82-97.

Tão tarde quanto o final do século XV, a alquimia do *Compound* ainda retém características de um processo iniciado mais de cem anos antes. Neste ponto, acredito ser interessante notar que, no estado atual das pesquisas, a duração do que os historiadores podem considerar como acontecimentos ou tendências dentro da alquimia do Ocidente costuma ser longa. Se, por exemplo, ao olhar a história da filosofia medieval é possível perceber em determinada duração uma multiplicidade de posições acerca de um mesmo problema, com a alquimia não parece ser o mesmo. Embora exista uma variedade de métodos, as pesquisas apontam certa homogeneidade entre as posições dos alquimistas. Ou, por outro lado, pode-se questionar que as pesquisas atuais caminhem demasiadamente na mesma direção e novos olhares sejam necessários para apontar a diversidade no que se chama de alquimia do Ocidente latino. Em todo caso, muitos documentos precisam ser descobertos, pontos obscuros precisam de clareza. A historiografia da alquimia ainda é incipiente.

Para além de seu débito com a filosofia natural aristotélica, a alquimia do *Compound* parece dever em grande medida sua concepção como ciência à tendência iniciada por Hugo de São Vítor e levada adiante por numerosos pensadores, na escola vitoriana e, fora dela, entre os próprios alquimistas. A despeito desta provável contribuição de Hugo não só ao *Compound*, mas aos textos alquímicos em geral, a valorização das ciências mecânicas iniciada pela escola de São Vítor chega aos argumentos dos alquimistas no mesmo momento em que as instituições de ensino da Europa medieval passam por uma transformação.

O afastamento dos centros de saber: escolas e universidades

O século de Hugo de São Vítor é o mesmo que marca a ascensão das escolas urbanas como novos modelos de instituição de ensino. Com efeito, essa ascensão pertence a um dos *dois renascimentos* do século XII, como ditos por Alain de Libera. O primeiro, trata do surgimento das escolas urbanas dedicadas à dialética e a reação monástica a essa nova forma de saber; o segundo renascimento se trata do processo de apropriação cultural dos textos árabes a partir dos centros de tradução, especialmente o de Toledo.¹³⁰

A subida dessas novas instituições urbanas de ensino – que serão seguidas (ou sucedidas) rapidamente, no século seguinte, pelas universidades – marca a formação de uma estrutura pedagógica e intelectual que, em linhas gerais, se afastará da proposição de

¹³⁰ LIBERA, 1998, pp. 310-311.

Hugo de São Vítor: as chamadas ciências mecânicas como propedêuticas às ciências superiores. As escolas urbanas se dedicavam às chamadas artes liberais, ao passo que as escolas monásticas estavam ligadas ao estudo da Bíblia.¹³¹ A partir de potentes intelectuais como Pedro Abelardo, as instituições de ensino se reformulam: cada vez mais fortes, as escolas urbanas impõem a dialetização do conhecimento teológico, a partir do confronto das autoridades. A leitura monástica da Escritura dá lugar à leitura dialética. Como diz Alain de Libera, a “estrutura da justa sucede a da contemplação”.¹³²

De certa forma, é a partir das escolas urbanas que surgirão as universidades. Os grupos de alunos e mestres das escolas adquirem cada vez mais importância nas cidades. Sua presença movimentava a economia e a vida social. A *universitas* medieval surge no contexto das associações profissionais, das famosas corporações de ofício. Com efeito: a vida dos estudantes e dos mestres das escolas era voltada ao ofício intelectual.¹³³ Por essa razão, a universidade não surge inicialmente como instituição de ensino, mas sim como “ajuntamento jurídico”: ela é “ao mesmo tempo, um centro de ensino (*studium*) que não tem nem locais próprios para o ensino, nem locais administrativos e uma associação de indivíduos (...) que são como estrangeiros na Cidade”.¹³⁴

O século XIII é duplamente significativo para a história da alquimia: por um lado, é nele que o ímpeto de tradução diminui e começam a surgir os primeiros trabalhos alquímicos de autoria propriamente europeia.¹³⁵ Por exemplo, a *Summa perfectionis*, do pseudo-Geber (provavelmente o franciscano Paulo de Taranto), é um dos principais textos alquímicos da época e sua influência se estendeu por longos anos.¹³⁶ Por outro lado, o conhecimento alquímico recebe suas primeiras sanções do saber institucionalizado na universidade medieval e do principal local de poder, a Igreja Católica. Começo pela universidade.

Pode-se dizer, grosso modo, que as escolas urbanas deram origem à universidade medieval. O século XIV é momento em que o *studium* ganha seus lugares próprios de ensino, as faculdades adquirem maior importância e estrutura e a *universitas* deixa de ser apenas um ordenamento jurídico e se torna instituição. Gostaria, agora, de focar na estruturação da universidade, em particular das faculdades de artes: é nesse processo que,

¹³¹ LIBERA, 1998, p. 313-4.

¹³² *Ibid.*, p. 340.

¹³³ GRANT, 1996, pp. 34-36.

¹³⁴ LIBERA, 1998, pp. 370-71.

¹³⁵ PRINCIPE, 2013, 55-54.

¹³⁶ Cf. NEWMAN, 1991.

acredito, pode-se encontrar um dos lados da marginalização da alquimia em seu período latino.

Em um artigo clássico de 1971, James Weisheipl analisou brevemente e levantou algumas questões sobre as faculdades de artes das universidades medievais. O autor levanta três pontos preliminares: a faculdade de artes era propedêutica à faculdade superior de teologia; as universidades não eram tão grandes quanto a historiografia da época tendia a considerar; e, por fim, a partir do século XIV é possível constatar uma evasão crescente de *alumni* que se dedicarão às profissões civis, em lugar das profissões de mestre de artes ou mesmo de teólogos.¹³⁷ Interessam-me, sobretudo, o primeiro e o terceiro pontos.

O currículo das faculdades de artes estava voltado, principalmente, às sete artes liberais. No *quadrivium*, aritmética, geometria, astronomia e música; no *trivium*, lógica, gramática e retórica. O currículo foi incrementado com as chamadas três filosofias (advindas, principalmente, do *corpus* aristotélico): filosofia moral (ética), metafísica e filosofia natural. Todas essas disciplinas eram auxiliares para uma chegada ao grau de teólogo. Uma frase comum do contexto universitário era considerá-las serviços (*handmaiden*, para o inglês) da teologia.¹³⁸

Entre os séculos XII e XIV, esse currículo se torna cada vez mais aristotélico.¹³⁹ A lógica do *trivium* torna-se um dos fundamentos da nova forma de pensar dos universitários medievais. As lógicas velha – *logica vetus*: composta de textos de Aristóteles, Porfírio e Boécio – e nova – *logica nova*: os últimos textos lógicos de Aristóteles a serem introduzidos no ensino, *Primeiros Analíticos*, *Analíticos Posteriores*, *Tópicos* e os *Sophismata* (*Elencos Sofísticos* ou *Refutações Sofísticas*) – foram a base dos séculos XII e XIII, mas ainda neste último surge a lógica moderna (*logica modernorum*) ou dos modernos, como os pensadores do Ocidente latino se autodenominavam e se diferenciavam de seus antepassados (antigos e mesmo os Padres da Igreja), que constituía os avanços próprios dos medievais distanciando-se de Aristóteles e de toda a lógica tradicional.¹⁴⁰

Entre as consequências do domínio da lógica sobre a estrutura do pensamento universitário estão a criação de novos métodos e disciplinas: as teorias da suposição e das

¹³⁷ WEISHEIPL, 1971, pp. 263-266.

¹³⁸ GRANT, 1996, pp. 42-47.

¹³⁹ Note-se que o “aristotelismo” medieval é basicamente uma categoria historiográfica e não uma realidade histórica. Cf. LIBERA, 1998, pp. 364-5.

¹⁴⁰ LIBERA, 1998, p. 360; 385.

consequências e o jogo das obrigações. Em particular, interessa-me a teoria da suposição e seu método, a resolução dos *sophismata*. De acordo com Libera, o século XIII é o período em que o *sophisma* tem por função “testar a pertinência das regras e das distinções usuais da semântica lógica e da gramática filosófica, seja ela especulativa ou não”. No século XIV o *sophisma* adquire novo estatuto: “um método de raciocínio que se aplica a todos os setores do saber”, em particular à física de Oxford. O *sophisma* supera o quadro pedagógico e passa a ser um instrumento científico que, a partir disso, dá asas a uma forma de pensamento em que a “a imaginação filosófica não é limitada por nenhuma preocupação com o realismo”.¹⁴¹

A aplicação desse desenvolvimento dos *sophismata* à física de Oxford resulta na física do *impetus*, abordada nas páginas finais do capítulo anterior desta dissertação. Como dito anteriormente, a alquimia do *Compound* se distancia da filosofia natural do século XIV e permanece atrelada à parte dela que concerne não ao movimento, mas às mudanças das coisas. No momento em que a *logica modernorum* penetra a filosofia natural e toma conta dela, a alquimia parece ser definitivamente afastada dos quadros universitários – ao menos oficialmente.

Esta suposição parece encontrar sustentação no argumento de Pedro Mantas-España sobre o problema das novas ciências surgidas no Ocidente latino após o surto de traduções do século XII. Em artigo recente, Mantas-España demonstrou que os tradutores medievais e, conseqüentemente, seus principais receptores, os intelectuais das escolas e universidades, tiveram grande interesse nas novas ciências descobertas nos manuscritos de origem árabe e as atribuições espúrias aos gregos. Dentre estas ciências estava, é claro, a alquimia.¹⁴²

Mantas-España inicia sua discussão com a questão da classificação das ciências. Durante o período das traduções não foram apenas os textos que foram traduzidos, mas também modelos de organização dos saberes, formas de pensamento. Um dos exemplos dados é o de Domingo Gundissalino (c.1115-c.1190), tradutor de autores de língua árabe como Avicena, Ibn Gabirol e al-Ghazali, que em seu texto *De divisione philosophiae* (*Sobre a divisão da filosofia*) aplica uma estrutura aviceniana para justificar a inclusão de subdisciplinas à filosofia natural: medicina, astrologia, magia natural, alquimia e outras.

¹⁴¹ LIBERA, 1998, p. 387.

¹⁴² MANTAS-ESPAÑA, 2017, p. 51.

Segundo o autor, a tentativa de Gundissalino atesta uma pluralidade de reflexões epistemológicas de seu período.¹⁴³

No século XIII, com o avanço do aristotelismo sobre a organização das ciências, tornou-se cada vez mais comum a posição de que uma ciência deveria ter princípios claros, regras bem definidas e uma linguagem precisa para que fosse, de fato, uma ciência sob os princípios aristotélicos da ciência demonstrativa – a forma definitiva da ciência, segundo Aristóteles.¹⁴⁴ Cito Mantas-España integralmente:

Operando com estratégias não muito diferentes daquelas usadas em tempos passados, embora o conteúdo fosse diferente, as classificações tardo-medievais estavam preocupadas com a estrutura interna do conhecimento sistemático e as funções e relações de suas partes, assim, auxiliando em delinear o que constituía um conhecimento legítimo como um todo. Explícita ou implicitamente, estas taxonomias serviam para delinear o que poderia ser excluído de consideração. Não obstante, a concordância entre os estudiosos sobre a adequação de certas investigações estava longe de ser unânime: não era claro quais caminhos de conhecer e lidar com a natureza deveriam ser deixados de fora dos limites, e como exatamente os domínios da ciência natural em geral precisavam ser definidos.¹⁴⁵

O argumento deste autor explicita um ponto importante e que faz jus à pluralidade de opiniões sobre a alquimia no Ocidente latino. Até o momento da *logica modernorum*, estudiosos como Alberto Magno e Roger Bacon consideraram a alquimia em seus tratados. Bacon, particularmente, foi grande entusiasta do conhecimento alquímico e o considerava um verdadeiro caminho revolucionário tanto para a filosofia natural quanto para a fé cristã.¹⁴⁶

Mais importante que a pluralidade de opiniões, o argumento de Mantas-España permite supor uma das principais razões do afastamento da alquimia da universidade: embora não houvesse consenso, houve um domínio da lógica sobre a classificação das ciências e, depois, sobre a filosofia natural. E esse domínio impõe uma organização rigorosa do saber que se pretende uma ciência demonstrativa. A alquimia, certamente, estava longe de qualquer consenso entre suas autoridades e, menos ainda, de apresentar uma linguagem rigorosa.

Mantas-España apresenta uma perspectiva mais geral do fenômeno da classificação das ciências. Chiara Crisciani, no entanto, apresentou o argumento de forma mais específica em duas ocasiões anteriores. Em um curto capítulo publicado em 2006 na coletânea de artigos apresentados no XI Congresso Internacional de Filosofia Medieval

¹⁴³ MANTAS-ESPAÑA, 2017, p. 67-70.

¹⁴⁴ MANTAS-ESPAÑA, 2017, p. 71.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 72.

¹⁴⁶ Cf. NEWMAN, 1997.

da Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale, Crisciani reforça a posição de que a alquimia do Ocidente latino deve ser analisada sob o duplo aspecto da teoria e da prática: a *operatio manuum humanarum* e da *intuitus visus* (respectivamente, uso das mãos e dos olhos) são essenciais à constituição do *opus* alquímico.¹⁴⁷

Além disso, a autora italiana traz à luz os argumentos do *Testamentum*, o texto pseudo-luliano já referido no primeiro capítulo. Nele, o autor anônimo fala contra a restrição da alquimia pelo quadro epistemológico coordenado pela lógica. Segundo a autora, a opinião do pseudo-Lúlio é de que “os *logici* e *legistae* estão se enganando se pensam que podem dar precedência ao seu esquema ou sobrepô-lo em fenômenos quando estes realmente acontecem e podem ser vistos”.¹⁴⁸

Muitos anos antes, Crisciani já havia publicado um artigo que se tornou referência na historiografia da alquimia. Em 1973 ela expôs sua análise sobre a *Pretiosa margarita novella*, texto escrito por Pedro Bono de Ferrara (Petrus Bonus), um médico italiano do século XIV. Basicamente, Pedro expõe através do método textual escolástico da *quaestio* (método que analisa proposições aparentemente contraditórias) que a alquimia possui um caráter científico, de acordo com a epistemologia aristotélica; que a alquimia é mais nobre que as outras ciências, pois ela necessita de uma revelação para ser executada.¹⁴⁹

Segundo Crisciani, Pedro estabelece um lugar para a alquimia na árvore das ciências medievais segundo o princípio da hierarquização delas: se, por um lado, a ciência dos minerais é mais geral, a alquimia é mais especializada e pode trabalhar as especificidades dos diversos tipos de minerais, particularmente os metais. Sendo assim, a alquimia torna-se subordinada à ciência dos minerais na hierarquia das ciências dedicadas ao estudo do mundo natural.¹⁵⁰

Pedro, no entanto, admitiria que embora a alquimia fosse uma ciência altamente especializada, ainda haveria questões que ela não poderia responder pela razão. Por isso, ele se volta à revelação como o elemento que preencherá esta falta. A transmutação é um processo além dos limites da natureza e das capacidades humanas; é, de fato, um milagre. Por isso é necessário que o alquimista seja um indivíduo iluminado, tocado pela graça divina a fim de completar seu trabalho.¹⁵¹

¹⁴⁷ CRISCIANI, 2006, pp. 1816-17.

¹⁴⁸ *Ibid.*, p. 1818.

¹⁴⁹ CRISCIANI, 1973, p. 167.

¹⁵⁰ *Ibid.*, pp. 168-69.

¹⁵¹ *Ibid.*, pp. 170-72.

Por essa caracterização dual do fazer alquímico – um empreendimento científico e obra de fé ao mesmo tempo – Pedro Bono encontra-se em posição de justificar o uso, pelos alquimistas, de todo o aparato de segredo linguístico que afastaria a alquimia dos requisitos necessários para ser considerada uma ciência pelos mestres universitários. Aqui, o corte vem de ambos os lados: a universidade exige clareza e rigor; a alquimia se arroga o direito de não os ter para proteger seus divinos segredos dos impuros.¹⁵²

Diante da tarefa de estabelecer a alquimia como uma ciência, Pedro Bono se vale de compará-la à ciência mais próxima que goza do privilégio universitário: a medicina. Entre todos os saberes universitários apenas a medicina possuía um lado prático que era necessário à sua constituição e exercício.¹⁵³ Esta proximidade entre alquimia e medicina foi alvo de uma breve análise de Bernard Joly que, além da questão epistemológica, abre uma perspectiva sobre a própria constituição social das duas práticas.

No que diz respeito à parte de constituição científica, Joly acrescenta: trata-se de um afastamento em função do confronto entre uma ortodoxia enraizada na universidade e a heterodoxia da alquimia. A medicina é o limite dessa ortodoxia universitária, principalmente porque ela tem no *corpus* de Galeno (um aristotélico, diga-se de passagem) toda a estrutura do saber médico ensinado na universidade. Como já estabelecido, não há consenso entre as autoridades alquímicas.¹⁵⁴

Outro problema aventado por Joly é a ausência de uma organização profissional de alquimistas. Em outras palavras, de uma corporação de ofício. A universidade surge da organização jurídica de mestres e alunos, da fundação do ofício de intelectual. Com a formação das faculdades, cada intelectual ganha sua especialização: os *artista* (os graduados e mestres da faculdade de artes), os médicos, teólogos e juristas. A organização de uma corporação dá aos praticantes de medicina o poder de definir sua prática dentro de certos padrões, conseqüentemente criando a possibilidade de excluir de seus quadros todos aqueles que não estivessem de acordo com a ortodoxia ou condenar os que fossem considerados impostores.¹⁵⁵

Sem este poder, a posição dos alquimistas em relação à sua aproximação da universidade ficou enfraquecida. Para Joly, a procura por legitimidade – tanto científica como profissional – é “sem dúvida” a razão das atribuições de textos espúrios a figuras

¹⁵² CRISCIANI, 1973, pp. 174-75.

¹⁵³ *Ibid.*, pp. 179-180; CRISCIANI, 2006, p. 1819.

¹⁵⁴ JOLY, 1994, p. 21.

¹⁵⁵ *Ibid.*, pp. 22-23.

como Hermes Trismegisto, Aristóteles, Platão e São Tomás de Aquino. Para o pesquisador francês, a linguagem cifrada dos textos alquímicos seria uma estratégia para assegurar um poder de exclusão análogo ao dos médicos: na falta de uma ortodoxia científica rigorosa, excluía-se aqueles que não fossem considerados dignos do conhecimento revelado.¹⁵⁶

Diante do exposto, retornando aos pontos de Weisheipl, pode-se fazer algumas colocações: 1) se a universidade ignora os saberes que têm, por necessidade, um lado técnico (com exceção da medicina), a alquimia seria forçada a abrir mão de uma parte inalienável de seu saber para adentrar os quadros universitários; 2) os alquimistas, irreduzíveis quanto à parte prática de seu saber, consideram-se mais privilegiados do que os *artistae* e os teólogos, que não conseguem conciliar suas formas de saber e, por isso, não têm capacidade de vislumbrar a dádiva divina proporcionada pelo saber alquímico. E um caso como o de Pedro Bono de Ferrara pode ilustrar o ponto final de Weisheipl: 3) a evasão universitária criou uma massa de indivíduos letrados e com acesso aos métodos ensinados na universidade que se encaminhavam às profissões civis, entre elas a medicina. O próprio George Ripley afirmada ter sido estudante da Universidade da Lovaina: não se sabe, contudo, que tenha terminado os estudos até o grau de mestre em teologia. Segundo o apontamento de Weisheipl, 4) a universidade pode ter sido porta de entrada da formação de uma estrutura de pensamento; mas, aqueles que passavam por essa porta saíam precocemente ou não se dedicavam ao caminho esperado da faculdade de teologia.

Embora o *Compound* não tenha nenhuma parte dedicada à configuração epistemológica da alquimia, seu autor não deixou de seguir a tendência demonstrada por Crisciani e Joly: o paralelo com a medicina. Em toda a extensão do texto, pode-se contar quase trinta referências do fazer alquímico como uma prática médica ou da pedra filosofal como um remédio (ambos referidos pelo termo *medicine*, em inglês médio). Os versos finais do capítulo doze, *Da Projeção (Of Projection)*, demarcam bem a questão da aproximação com a medicina e da manutenção do saber:

Agora tu conquistaste os doze portões,
E todo o Castelo tu dominaste por tua vontade,
Mantenha teus segredos guardados para ti mesmo,
E os comandos de Deus tente realizar,
No fogo cuide de manter teus frascos parados,

¹⁵⁶ JOLY, 1994, pp. 23-24.

E multiplique tuas medicinas cada vez mais,
 Pois homens sábios o dizem, uma despesa não é dolorida.¹⁵⁷

É possível que os estudos de Ripley na Lovaina tenham sido justamente encaminhados à área de medicina. Embora seja difícil verificá-la, esta hipótese torna-se um pouco mais plausível quando se tem em conta que, em 1456, diversos indivíduos ligados aos círculos da corte e nobreza inglesas peticionaram a liberação para a prática de alquimia, que havia sido proibida por um estatuto no início do século XV. Dentre eles, três obtiveram a licença: o médico do rei, John Fauceby; o decano da paróquia de Saint Ebb (Oxford), John Kyrkeby (identificação provável); e um John Rayny, não identificado. Entre os rejeitados, ainda haviam Gilbert Kymer (médico, amigo pessoal de um duque e cuja carreira eclesiástica era extensa) e William Hatclyff (médico de Eduardo IV, rei à época de George Ripley). Os nove primeiros peticionários, ademais, são descritos como hábeis conhecedores das ciências naturais.¹⁵⁸

O afastamento que se produz, portanto, entre a alquimia e a universidade não é unilateral. O corte é dado por ambos os lados, cada um ajustando suas fronteiras a fim de se proteger e legitimar: a universidade, como espaço de poder, excluindo de seus quadros os saberes demasiadamente técnicos – de tal maneira que, inclusive, proíbe o estudo anatômico quanto à medicina¹⁵⁹; os alquimistas, mantendo seus segredos e justificando sua pluralidade de doutrinas com a prerrogativa de proteção de um saber que julgam demasiado nobre para que qualquer um se aposses dele.

O afastamento da instituição eclesiástica: monastérios, papado e Inquisição

Retornando à querela entre centro e periferia, os monastérios desempenharam um papel inicial em afastar a alquimia da instituição eclesiástica. Apesar disso, a relação entre monastérios e alquimia foi pouco explorada pela historiografia. Uma das principais contribuições – senão a única – foi publicada há 22 anos por Wilfrid Theisen e permanece sem sequência (tanto do autor como de outros pesquisadores, até onde pude verificar).

Logo no século XIII, os monastérios iniciaram suas políticas locais de repressão à prática da alquimia. Segundo Theisen, em diversos Capítulos Gerais das três principais

¹⁵⁷ *Compound*, K₃f, 1-8. “Now hast thou conquered these gates twelve, / And all the Castle thou holdest at thy will, / Keepe thy secreats in store to the selfe, / And the commaundements of God looke thou fulfill, / In fire see thou continue thy glasses still, / And multiply thy medicines aye more and more, / For wise men doe say, that store is no sore”.

¹⁵⁸ GEOGHEGAN, 1957, pp. 10-13. Além deste contexto, é importante lembrar que existe outro texto atribuído a Ripley, o *Medulla alchimiae* (*A essência da alquimia*), ao qual não tive acesso, que faz referência mais direta ao trabalho pela “pedra vegetal” e tem maiores ligações às funções medicinais do fazer alquímico. Cf. RAMPLING, 2009, pp. 67-68.

¹⁵⁹ GEOGHEGAN, 1957, p. 25.

ordens regulares (dominicanos, franciscanos e beneditinos) proibições foram feitas. Aqueles que fossem identificados como praticantes ou entusiastas da alquimia poderiam sofrer punições variadas: serem presos, terem seus corpos exumados caso fossem falecidos e, a mais grave, excomunhão.¹⁶⁰

No caso dos Capítulos Gerais, Theisen diz que os documentos não revelam detalhes sobre as razões das proibições. O autor, então, procura explicitar alguns argumentos antialquímicos que se tornaram correntes no século XIII. Preocupava-se, à época, com o uso indevido das riquezas pelos monges, tendo em vista a necessidade de utilizar ouro e prata em alguns processos alquímicos. Também havia uma preocupação com a insalubridade da prática, dada a toxicidade de diversos materiais utilizados.¹⁶¹

Duas outras razões merecem um olhar mais amplo, em função de suas ligações com uma figura central do poder eclesiástico: o papa. Em 1317, o papa de Avignon João XXII editou um decreto comumente chamado *Spondent quas non exhibent* (*Prometem o que não podem cumprir*), cujo título oficial era *De crimine falsi* (*Sobre o crime de falsificação*).¹⁶² O documento condenava da seguinte forma:

Desejando banir tais práticas por todos os tempos, nós determinamos por este edito formal que quem quer que faça ouro ou prata deste tipo [alquímico] ou ordene que seja feito, contanto que a tentativa prossiga, ou quem quer que conscientemente assista àqueles engajados (realmente) em tal processo, ou quem quer que conscientemente faça uso de tal ouro ou prata tanto por venda ou pagamento de débito, deve ser compelido à penalidade de pagar aos cofres públicos, para uso em favor dos pobres, tanto peso em ouro ou prata genuínos quanto seja o de metal alquímico, desde que fique provado juridicamente que sejam culpados em qualquer das formas acima ditas (...).¹⁶³

A medida de João XXII não se baseava em argumentos filosóficos ou teológicos. Basicamente, a medida papal estipulava ações contra um risco econômico, até mesmo moral. Isto permitiu a Theisen questionar se João XXII era realmente opositor da alquimia ou apenas dos possíveis fraudadores.¹⁶⁴ Como colocado acima, a legitimidade da alquimia era tornada ambígua pela ausência de contornos bem definidos para sua prática, sem consenso de autoridades e sem estatuto de profissão.

No século XIV, dois casos da cultura popular são emblemáticos por sua ambiguidade. O *Canon's yeoman's tale* (*Conto do criado do cônego*), de Geoffrey Chaucer, parte das histórias de seus *Canterbury Tales* (*Contos da Cantuária*), possui uma

¹⁶⁰ THEISEN, 1995, p. 240-46.

¹⁶¹ *Ibid.*, p. 250.

¹⁶² Cf. FRIEDBERG, 1955, pp. 1295-96.

¹⁶³ Tradução minha, a partir da tradução inglesa oferecida por WALSH, 1905, p. 251. Robert Halleux também forneceu tradução, em francês, do texto em *Les textes alchimiques* (1979), embora apenas parcialmente.

¹⁶⁴ THEISEN, *op. cit.*, pp. 251-3.

longa história em que o assistente de um suposto alquimista narra suas desventuras a serviço de seu mestre. Ao final da história, Chaucer cita uma passagem do *De lapide philosophorum*, texto alquímico do pseudo-Arnaldo de Vilanova, alquimista anônimo que atribuiu seus textos ao médico de origem aragonesa.¹⁶⁵ O segundo caso é a presença dos alquimistas no *Canto XXIX* do Inferno de Dante, em sua *Divina comédia*. Dante encontra dois indivíduos que chama de “falsários”.¹⁶⁶ Interpretações variadas foram dadas a estes textos, muitas delas permitindo aos pesquisadores da alquimia abrir a possibilidade de um interesse ou, até mesmo, do pleno envolvimento dos autores com a prática.

As condenações da alquimia abrem um verdadeiro problema historiográfico. O historiador da alquimia se depara, sempre, com o problema da pluralidade. Nos casos citados acima, pode-se pensar em três situações: a) os autores se referem especificamente aos alquimistas; b) os autores se referem aos falsificadores de moeda em geral; c) os autores se referem àqueles que desvirtuam a prática alquímica e cometem fraudes. O primeiro e o segundo casos são postos em dúvida pelo terceiro. A ambiguidade do terceiro caso permite ao pesquisador supor que determinado autor não esteja condenando a alquimia. Outro ponto de vista de destaque é a consideração anacrônica: do ponto de vista da ciência moderna, a transmutação dos metais é impossível, assim todos os alquimistas seriam falsificadores de uma forma ou de outra. Descontado o erro do anacronismo, a solução viável para a pluralidade de significados seria estabelecer um conjunto documental que cerque a opinião do autor do documento por suas posições relativas a questões análogas. Em casos em que isto é impossível, resta ao historiador suportar o peso que o documento lhe impõe.

Não obstante o problema historiográfico das condenações, o decreto de João XXII não parece ter freado as atividades alquímicas no Ocidente. Em meados do século XIV, João de Rupescissa, um franciscano, iria desenvolver uma série de pesquisas sobre a natureza. Preso desde a década de 1340 por suas visões escatológicas, João desenvolveria – da prisão – os conceitos de *aqua ardens* e quintessência, cujos papéis seriam centrais na restauração da humanidade com a vinda do Apocalipse.¹⁶⁷ É neste mesmo século que surgiram os textos pseudo-lulianos, principalmente o *Testamentum* já referido outras vezes.¹⁶⁸

¹⁶⁵ Cf. DAMON, 1924.

¹⁶⁶ Cf. FRANCO JR., 2010.

¹⁶⁷ Cf. DEVUN, 2009, esp. Introdução, pp. 1-10.

¹⁶⁸ Cf. PEREIRA, 1989.

Os problemas da alquimia com a Igreja Católica são multifacetados. Se nos casos acima as condenações vieram de instituições diretamente pertencentes à hierarquia da Igreja – os mosteiros e o papado – outros afastamentos serão produzidos a partir das relações da Igreja com outras instituições e com as mudanças pelas quais a sociedade da Europa medieval passou no período tardio da Idade Média. Volto minha atenção, agora, para os problemas entre a faculdade de artes e a faculdade de teologia no final do século XIII, especificamente nas chamadas Condenações de 1277 de Paris.

Entre os anos 1240 e 1280, a Universidade de Paris foi local de uma série de proibições outorgadas pela faculdade de teologia à faculdade de artes. O objetivo principal era combater ideias contrárias à fé católica. Na condenação de 1277, o bispo Etienne Tempier propôs a restrição ao ensino de nada menos que 219 teses. Entre todas elas havia um ponto comum: a doutrina da dupla verdade.¹⁶⁹ Segundo o bispo, os *artistae* parisienses estariam questionando artigos de fé da teologia com suas proposições, em especial algumas advindas das questões de filosofia natural. A principal, pode-se dizer, era a da eternidade do mundo. Um dos mestres provavelmente mais visados foi Boécio da Dácia, cujo texto *Sobre a eternidade do mundo (De aeternitate mundi)* propunha que algumas questões não podiam ser esclarecidas pela razão, bem como outras não podiam ser explicadas pela fé, portanto, as questões não resolvidas pela razão poderiam ser explicadas pela crença e vice-versa.¹⁷⁰

Para o bispo Tempier a posição de Boécio, bem como a dos diversos *artistae* que se propunham a admitir a não contradição entre fé e razão, teria entre suas consequências dois grandes tópicos: a limitação dos poderes de Deus e a existência de uma dupla verdade. A começar pelo segundo tópico, existiria uma verdade atingida pela razão e outra exposta pela Escritura. Para Alain de Libera, esta doutrina da dupla verdade configura menos uma realidade dos escritos e do pensamento dos *artistae* e mais uma invenção por Tempier: tal invenção tinha um intuito simples, o de censurar. O pensamento de Tempier, de acordo o historiador francês, seria que os dois caminhos “que conduzem a uma verdade única não poderiam ser paralelos tão logo se traçam dentro de cada um de nós: é preciso que eles se cruzem ou que se separem”.¹⁷¹

O trabalho de censor de Tempier impõe aos integrantes da faculdade de artes o silêncio sobre questões teológicas que por ventura surgissem nas disputas. No caso de se

¹⁶⁹ LIBERA, 1998, pp. 412-4.

¹⁷⁰ GRANT, 1996, p. 75; LIBERA, 1999, p. 117-8.

¹⁷¹ LIBERA, 1999, p. 118.

deparar com um artigo comum à fé e à filosofia, o *artista* deveria escolher a primeira ou refutar a posição filosófica se decidisse abordá-la.¹⁷² Limitados em suas discussões e em seu próprio ambiente, os assuntos da filosofia sofrem duas consequências. De acordo com Grant, a manutenção do dogma do poder absoluto de Deus através das condenações teria tido um efeito curioso: admitir, nas discussões sobre filosofia natural, as impossibilidades hipotéticas geradas pelo poder divino.¹⁷³ Já segundo Libera, a consequência seria o “transbordamento da universidade sobre a sociedade”, um efeito de fazer surgir um novo ideal de vida, dentro e fora da universidade.¹⁷⁴

O que este conflito das faculdades teria a ver com a alquimia? Ao analisar o *Compound*, podem ser encontrados diversos indícios próximos ou análogos às questões suscitadas pelas controvérsias de 1277. O primeiro deles: há no texto alquímico algum indício de outra verdade, ou seja, uma discordância das Escrituras? A resposta é imediata: não há. Pelo contrário, Ripley se esforça em manter uma concordância com a autoridade do texto sagrado. Os versos de abertura do décimo capítulo, *Da exaltação (Of Exaltation)*, deixam claro:

Procedemos agora ao capítulo da *Exaltação*,
Do qual tu tens de ter verdadeiramente conhecimento puro,
Mas pouco é diferente da *Sublimação*,
Se tu a conceberes corretamente, eu garanto,
De acordo com a escritura sagrada,
Cristo dizendo, pois, quando eu for elevado da terra,
Atrairei tudo a mim.¹⁷⁵

O *Compound* é repleto de referências a personagens e passagens bíblicas, além de diversas das analogias serem estruturadas sobre a Trindade e em torno da morte e ressurreição de Cristo. Esta última é uma tópica dominante em boa parte dos textos alquímicos.¹⁷⁶ Um conceito como o da eternidade do mundo (conceito aristotélico), que junto com outros deu origem às controvérsias de 1277 é ignorado por Ripley. O autor, na realidade, reafirma a criação divina do mundo no prefácio do texto:

No começo quando fizestes tudo a partir do nada,
Uma matéria disforme e escura sob confusão,
Por ele o começo maravilhosamente foi criado,
Contendo naturalmente todas as coisas sem divisão:
Das quais em seis dias ele fez clara distinção:

¹⁷² GRANT, 1996, p. 76-7; LIBERA, 1999, p. 124-5.

¹⁷³ GRANT, *op. cit.*, pp. 81-83.

¹⁷⁴ LIBERA, 1999, p. 129. O autor se refere ao seu conceito de intelectual, que opõe ao utilizado por LE GOFF, 1998.

¹⁷⁵ *Compound*, I,3f, 8-14. “Procede we now to the chapter of *Exaltation*, / Of which truly thou must have knowledge pure, / But little is different from *Sublimation*, / If thou conceive it right I you ensure / Hereto accordeth the holy scripture, / Christ saying thus, if I exalted be, / Then shall I draw all things unto me”. A passagem bíblica é de João, 12:32.

¹⁷⁶ CRISCIANI, 2017, pp. 27-29.

Como o Gênesis claramente registrou,
Então o céu e a terra foram aperfeiçoados por sua palavra.¹⁷⁷

A eternidade do mundo não serve aos desígnios do alquimista, pois são as forças sobrenaturais presentes no âmago da natureza que ele irá explorar. O alquimista se aproxima do dogma religioso pois ele não é apenas uma analogia, mas uma necessidade:

Pois como uma única massa tudo foi feito,
Da mesma forma em nossa prática deve ser,
Todos os nossos segredos de uma Imagem devem partir,
Como nos livros dos Filósofos que desejarem ver,
Nossa pedra é chamada de mundo menor, um e três;
Magnésia também de enxofre e Mercúrio,
Proporcionada pela natureza da forma mais perfeita.¹⁷⁸

Pois deste mundo nossa pedra é chamada o cimento
Que movido pela arte como a natureza requiere,
Em seu aumento deve ser completamente rico,
E multiplicar seu tipo ao seu próprio desejo,
Portanto se Deus consentir em lhe inspirar,
A saber a verdade, e fantasias evitar
Como você em riquezas poucos devem ser.¹⁷⁹

Ao mesmo tempo que encontra na Escritura uma necessidade, o alquimista passa perto de montar para si mesmo uma armadilha. Se Deus é absolutamente poderoso e perfeito, como poderia o alquimista alterar Sua criação? A solução é encontrada na gradação de estágios naturais de imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito, explorados no capítulo anterior desta dissertação (p. 29). O devir das coisas na natureza as leva em direção a um estágio de perfeição, mas o alquimista teria acesso a algo mais-que-perfeito, divino, para acelerar o processo. A doutrina da transmutação passa muito perto de uma doutrina de criação, o que seria incorrer em um erro crasso diante da ortodoxia, já que apenas Deus tinha a prerrogativa de criar – todas as outras coisas apenas se transformam. A proposição encontrada no *Compound* é que o alquimista consegue operar a transmutação através da revelação, tal qual a inspiração divina possibilita a realização de milagres.

Desta *Separação* encontrei uma figura semelhante,

¹⁷⁷ *Compound*, B₃v, 8-14. “In the beginning when thou mad’st all of nought, / A globous matter and darke under confusion, / By him the beginning marvelously was wrought, / Conteyning naturally all things without division: / Of which in six dayes he made cleere distinction: / As Genesis apertly doth record, / Then heaven and earth were perfected by his word”.

¹⁷⁸ *Op. cit.*, B₃v, 22-28. “For as one masse was made all thing, / Right so in our practice must it be, / All our secreats of one Image must spring, / As in Philosophers bookes whoso list [verbo “listen”, que significa desejar] to see, / Our stone is called the lesseworld [o prefixo “lesse” tem sentido, entre outros, de menor; parece-me uma associação à ideia de microcosmo], one and three; / Magnesa also of sulphure and Mercurie, / Proportionate by nature most perfectlie.”

¹⁷⁹ *Op. cit.*, F₂v, 1-8. “For of this world our stone is called the sement / Which moved by craft as nature doth require, / In his increase shall be full opulent, / And multiply his kinde after thine owne desire, / Therefore if God vouchsafe thee to inspire, / To know the truth, and fan[t]sies to eschew / Like unto thee in riches shall be but few”.

Contada pelo Profeta nos Salmos,
 Deus fez sair de uma pedra uma corrente de água pura,
 E da pedra mais dura óleo abundante,
 Da mesma forma da nossa pedra preciosa se fores inteligente,
 Óleo incombustível, e água debes conseguir extrair,
 E o carvão não precisarás mais soprar.¹⁸⁰

Ripley, ao manter sua fé recorrendo a Escritura, coloca o risco de se afastar da ortodoxia da Igreja. As condenações de 1277 estão, é verdade, bastante distantes da época de escrita do *Compound*. No entanto, o texto carrega em si problemas e questões vindos das temporalidades passadas, dos quais o autor não se desfaz. Não rompe com a historicidade da prática alquímica, mas ao mesmo tempo maneja as questões de seu tempo tentando manter-se a salvo: não tanto dentro da ortodoxia, mas não completamente descolado dela. O alquimista agrega detalhes de seu mundo e desliza entre posições de risco e de segurança em face à instituição de poder.

Para continuar tocando a questão da ortodoxia, acredito ser válido examinar a relação do *Compound* com três questões relacionadas às mudanças de grande porte que se produziram na Europa medieval: as atitudes quanto à morte, o surgimento do Purgatório na cultura cristã e o sentimento escatológico do século XIV. Estas três, sem dúvidas, estão entrelaçadas no conjunto de transformações culturais ao fim da Idade Média latina.

São diversas as passagens em que o autor do *Compound* faz referência à morte.¹⁸¹ A morte como aparece no *Compound* tem dois papéis distintos, dentro e fora do fazer alquímico. Fora da prática a morte do corpo é algo a ser evitado. Dentro da lógica já vista da produção da pedra filosofal como uma medicina, o produto final da alquimia é uma saída da morte física, como comenta Ripley sobre uma história a respeito de Raimundo Lúlio:

E quando tiver feito a *Calcinação*,
 Aumentando, não desperdiçando a umidade radical,
 Até que sua base por contínua rarefação,
 Irá levemente fluir como se sobre o metal,
 Então relaxe-a com o mênstruo vegetal,
 Até que tenha óleo em cor clara,
 Então estará este mênstruo à vista dos olhos.

E óleo é extraído na cor do ouro,
 Ou próximo disso de um bom chumbo vermelho,
 Do qual *Raimundo* falou quanto ele estava velho,
 Muito mais que ouro ficaria em seu lugar:

¹⁸⁰ *Compound*, D_{3v}, 22-28. “Of this *Seperation* I finde a like figure, / Thus spoken by the Prophet in the Psalmodie, / God brought out of a stone a flood of water pure, / And out of the hardest rock oyle abundantly, / So out of our stone precious if thou be witty, / Oyle incombustible, and water thou shalt draw, / And thereabouts at the coale thou needst not to blow”. A passagem bíblica referida é Salmos, 78:14-16.

¹⁸¹ Cf., por exemplo, pp. C_{1f}, C_{1v}, C_{3v}, D_{4v}, E_{4f}, G_{4f}.

Pois quando ele estava quase morto,
 Ele fez então *Aurum potabile*,
 Que o reviveu como os homens podem ver.¹⁸²

A história se refere, sem dúvida, a algum mito recorrente entre os círculos alquímicos sobre a figura de Raimundo Lúlio ou faz referência a alguma passagem dos diversos textos apócrifos atribuídos ao pensador catalão. Em qualquer dos casos, o produto alquímico feito pelo suposto Lúlio foi necessário para que ele se mantivesse vivo quando defrontado pela iminente morte da idade avançada.

O outro lado da morte no fazer alquímico está situado dentro do *opus*. Constitui uma etapa necessária do processo, na qual a substância trabalhada deve morrer, para ser ressuscitada em seguida. Esta morte seguida de retorno é um dado corrente da cultura medieval, particularmente pela centralidade da figura de Cristo. Uma das passagens de abertura do capítulo *Da putrefação* é significativa:

E *Putrefação* pode ser definida como
 Pelos dizeres dos Filósofos, a fuga dos corpos;
 E no nosso Compêndio a divisão de três coisas,
 Os corpos mortos levando à corrupção,
 E posteriormente preparando-os para a regeneração,
 Pois as coisas estando na terra, sem dúvida
 Serão geradas da rotação dos céus.¹⁸³

Tomando como referência a ideia de Philippe Ariès de que as atitudes sobre a morte no século XV estavam mais associadas a uma crescente individualização do fracasso¹⁸⁴, pode-se pensar que o intuito *externo* da prática alquímica estivesse voltado ao prolongamento da vida em direção à continuação da benfeitoria na vida terrena. A passagem que serve de epígrafe ao capítulo atesta: “Sirva teu Deus, e ajude os pobres para isso / Se tu quiseres que esta vida continue longamente”.¹⁸⁵ A moralidade do alquimista tende àquela que se encontra na renovação espiritual do surgimento das ordens mendicantes. Particularmente, ela permite ao leigo – embora Ripley se tratasse, segundo o próprio, de um cônego de uma abadia agostiniana – ascender a uma renovação

¹⁸² *Compound*, C_{1v}, 8-14; 15-21. “And when thou hast made *Calcination*, / Encreasing not wasting moysture radicall, / Untill thy base by oft subtilation, / Will lightly flowe as was upon mettall, / Then loose it with vegetable menstruall, / Till thou have oyle thereof in colour bright, / Then is that menstrie visible to sight. // And oyle is drawne out in colour of golde, / Or like thereto out of fine red lead, / Which *Raymond* sayd when he was olde, / Much more than golde would stand in stead: / For when he was for age nigh dead, / He made thereof *Aurum potabile*, / Which him revived as men might see”.

¹⁸³ *Op. cit.*, E_{4f}, 15-21. “And *Putrifaction* may thus defined bee / After Philosophers sayings, to be of bodies the fleying [para esta palavra, existem diversos sentidos: a) fazer fugir, amendrotar, repudiar (do germânico); b) do germânico, flagelar. Optei pelo sentido de fuga, pois parece se adequar melhor ao contexto da putrefação, uma passagem da vida para a morte] / And in our Compound a division of things three, / The killed bodies into corruption foorth leading, / And after unto regeneration them abling, / For things being in the earth, without doubt / Be engendred of rotation of the heavens about”.

¹⁸⁴ ARIÈS, 2012, pp. 146-148.

¹⁸⁵ *Compound*, G_{2f}, versos 7-8.

espiritual, tendência identificada por André Vauchez entre os movimentos mendicantes dos séculos XIII-XIV.¹⁸⁶

Os aspectos de preservação moral e ascensão espiritual presentes no *Compound* estão alinhados às tendências da religiosidade e espiritualidade ocidentais que se formaram concomitantemente à difusão dos textos alquímicos no Ocidente. Não é à toa que Newman classifica o século XIV como o da virada religiosa na alquimia. Ainda em fins do século XV, à época de elaboração do *Compound*, a religião cristã passa por convulsões e ainda passará com a chegada da Reforma Protestante. Para além de uma máscara para os processos desempenhados, a linguagem religiosa que recobre o *Compound* esboça o contexto de produção, bem como a historicidade da prática.

Não se deve esquecer que um dos principais referenciais alquímicos saídos do século XIV é João de Rupescissa, cujo pensamento escatológico o levou à alquimia enquanto procurava soluções para o combate ao Anticristo e a preparação para o Juízo Final.¹⁸⁷ O *Compound* não apresenta nenhuma visão escatológica específica por parte de Ripley, mas é possível supor que o prolongamento da vida esteja relacionado ao temor do Juízo Final ou, ainda, à própria preparação da caminhada da humanidade ao *millenium*, o período de mil anos de felicidade antes do julgamento, ambos produtos de uma longa tradição de visões escatológicas divergentes sobre o fim dos tempos.¹⁸⁸

Já o intuito *interno* da morte no texto alquímico tem forte ligação a outro desenvolvimento da cultura cristã, uma vez mais remontando ao século XII. A morte que se torna um estágio necessário à regeneração deve ser feita através do fogo purgatório. O terceiro lugar, como o chamou Jacques Le Goff, é o estágio intermediário do processo. Como demonstrado no primeiro capítulo desta dissertação, Ripley retira da *Scala philosophorum* um esquema tripartite do procedimento alquímico.

Ripley considera que a calcinação seja a purgação da pedra, ou seja, a retirada das impurezas. De acordo com Le Goff, havia discordâncias entre aqueles que refletiram sobre a natureza deste novo conceito do cristianismo medieval durante o século XII, mas duas tendências se impuseram: ele seria um *lugar*, físico ou espiritual, no qual haveria *fogo* em que os corpos ou almas seriam torturados.¹⁸⁹ Esta dupla acepção é perfeitamente encarnada no texto de Ripley.

Faça com que um abrace o outro e que se beijem [os elementos],

¹⁸⁶ VAUCHEZ, 1995, p. 125 e ss., esp. 146-9.

¹⁸⁷ DEVUN, 2009, pp. 11-12.

¹⁸⁸ DELUMEAU, 2009, p. 305 e ss.

¹⁸⁹ LE GOFF, 1995, p. 163 e ss.; e 187 e ss.

E como crianças que brinquem para cima e para baixo,
 E quando suas camisas estiverem sujas,
 Então deixe a mulher lavar a sujeira,
 Que com frequência irá desmaiar de cansaço,
 E morrer enfim com todas as suas crianças,
 E irá ao purgatório para purgar sua impureza original.¹⁹⁰

Esta ida ao Purgatório é apenas passageira, no entanto. Depois da purgação, a substância deve ascender:

Pois como as almas depois de dores transitórias
 São levadas ao Paraíso, onde é sempre feliz a vida;
 Também deve nossa Pedra (depois de sua escuridão no Purgatório)
 Ser purgada, e juntada em Elementos sem dificuldade,
 Regozijar a brancura e beleza de sua esposa,
 E passar da escuridão do purgatório à luz
 Do Paraíso, na brancura do Elixir de grande poder.¹⁹¹

Ainda que não houvesse consenso doutrinal sobre as questões tocadas – as atitudes sobre a morte, o Purgatório e a escatologia milenarista – o *Compound* traz consigo elementos de todas estas transformações da cultura do Ocidente nos séculos finais da Idade Média. A observância destes detalhes serve ao historiador da alquimia como um meio de propor cortes entre o que constitui um efeito de linguagem e o que poderia ser a proposição de uma doutrina alternativa à oficial. Acredito que a linguagem foi um ponto elusivo da alquimia aos seus estudiosos e continua sendo aos leigos: distinguir no texto alquímico aquilo que estava ou não de acordo com os valores e as regras da sociedade em que vivia o autor.

Enfim, chega-se à última parte desta seção. Se a linguagem alquímica confundia seus interlocutores modernos, por que não poderia ser considerado que igualmente iludiu seus leitores coevos? Continuando com a suposição que o alquimista transita entre terrenos do oficial e não-oficial, do ortodoxo e heterodoxo, enfim, da norma e do desvio, trata-se agora de falar especificamente de como a Igreja – representante da autoridade normativa – lidava com os desvios e qual a relação disto com a alquimia do *Compound*.

Em 1992, Ana Maria Alfonso-Goldfarb e Simão Mathias publicaram, em uma coletânea dedicada aos trabalhos apresentados no I Congresso Internacional – Inquisição (Universidade de São Paulo, 1987), um texto sobre as relações entre alquimia e

¹⁹⁰ *Compound*, E₄V, 15-21. “Make each the other then to halse and kisse, / And like as children to play them up and downe, / And when their shirts are filled with pisse, / Then let the woman to wash bebowne, / Which oft for faintness will fall in a swowne, / And dye at the last with her children all, / And goe to purgatorie to purge their filt originall.”

¹⁹¹ *Op. cit.*, F₁V, 15-21. “For like as soules after paines transitorie / Be brought to Paradice, where ever is ioyfull life; / So shall our Stone (after his darknes in Purgatorie) / Be purged, and ioyned in Elements withouten strife, / Reioyce the whitenes and beautie of his wife, / And passe from darknes of purgatorie to light / Of Paradice, in whitenes Elixer of great might.”

Inquisição. Em suma, os autores direcionam o texto para dois pontos principais: o do conflito da alquimia em relação à doutrina cristã e o da não assimilação da alquimia pelo cristianismo medieval.¹⁹²

As referências do texto são coevas às disponíveis na época. O verdadeiro *boom* da historiografia da alquimia entre os norte-americanos e europeus seria, de fato, nesta mesma época e trabalhos de autores seminais como William Newman, Chiara Crisciani e Michela Pereira ainda não estavam disponíveis ou, se estavam, é compreensível sua ausência dada a dificuldade de obtenção dos títulos e números de revistas sobre o tema (dificuldade que permanece ainda hoje).

Tendo isto em vista é possível compreender o tratamento dado ao assunto. A alquimia, em grande medida, é tratada como uma estrutura calcada em bases herméticas sobre as quais os autores medievais iriam construindo seu fazer alquímico e desviando da norma cristã. Pelo exposto até aqui, parece-me seguro apontar como um erro dos autores. O assentamento do saber alquímico – do século XII ao XV – sobre o neoplatonismo dos textos herméticos não é de simples sobreposição. Goldfarb e Mathias incorrem naquilo que tanto se criticou em autores como Mircea Eliade, a saber, a transformação da alquimia em um termo guarda-chuva, sob o qual as diferentes fases do saber são amalgamadas sem distinção. A alquimia do pseudo-Raimundo Lúlio do *Testamentum* (séc. XIV) não é a mesma de Robert Boyle (1627-1691).¹⁹³

Ademais, não foi tanto o cristianismo medieval que não assimilou a alquimia. A meu ver, pelo contrário, foi a instituição cristã medieval por excelência, a Igreja Católica que não assimilou o saber alquímico. O fato de a instituição, em diversas instâncias, repudiar a prática da alquimia *dentro de seus quadros* é motivo suficiente para discordar da afirmação dos autores. No que diz respeito à Europa medieval, o cristianismo assimilou com vigor a prática alquímica e, por isso mesmo, ela sofre uma série de mutações ao longo dos séculos.

Portanto, essa relação obscura entre alquimia e Inquisição não pode ser colocada sob as linhas gerais de que a alquimia não correspondia às normas e a Inquisição perseguia aqueles fora das normas. O que se constata, de saída, é uma relação negativa entre alquimia e Inquisição: por isso, faz-se necessário descer aos detalhes tanto do aparelho inquisitorial quanto dos textos alquímicos para preencher esta interseção que se apresenta vazia; cabe ao pesquisador procurar no não-dito aquilo que preencherá o vácuo entre estes

¹⁹² ALFONSO-GOLDFARB; MATHIAS, 1992, p. 493 e 497.

¹⁹³ Sobre Robert Boyle e suas ligações a outros alquimistas modernos, cf. NEWMAN; PRINCIPE, 2002.

objetos. O *Compound*, neste caso, não é o texto mais privilegiado para tocar o assunto, tanto por sua temporalidade quanto geografia. O fenômeno inquisitorial, estreitamente associado às heresias, é mais continental. Mas, permanece o fato de que não há, até hoje e até onde pude verificar, estudo aprofundado sobre a relação da perseguição aos hereges com a prática alquímica europeia. Por isso, ainda que o documento seja limitado, algumas questões devem ser postuladas, mesmo que à guisa de crítica historiográfica.¹⁹⁴

Com respeito à Idade Média, a historiografia sobre as heresias e a perseguição promovida pela Igreja Católica foi renovada em grande medida a partir da década de 1980. Aqui, tomam-se por referência duas frentes, uma francesa e outra anglófona, cada uma tomando partido de um lado distinto de um mesmo problema. Os franceses, a partir do grupo de trabalho de Monique Zerner em Nice, dão vista aos textos eclesiásticos anteriores à Inquisição e as estratégias da Igreja em manipular os textos para “inventar” a heresia.¹⁹⁵ Já a tradição de língua inglesa, encarnada por Robert Ian Moore, traça sua visada sobre a construção do aparelho inquisitorial a partir do enquadramento de grupos sociais dissidentes às normas da Igreja.¹⁹⁶

A começar pela pesquisa francesa, o que se tem é um conjunto de textos polêmicos – um estilo textual derivado de um método de denúncia de dissidência¹⁹⁷ – que impinge sobre certos grupos sociais o estigma do desvio. Esse estigma, no entanto, poderia ser resultado de uma fabricação e não da resposta da instituição eclesiástica a uma realidade de desvio da ortodoxia. O sínodo de Arras, examinado por Guy Lobrichon, parecia ser o caso de uma produção retórica a fim de garantir a ordem política e social de uma região particularmente conturbada.¹⁹⁸

O capítulo de Michel Lauwers dá conta, por exemplo, dos questionamentos às práticas funerárias. Segundo o autor, o “sufrágio pelos mortos encontrava-se no ponto de interseção entre todas as formas de instituições e práticas que, segundo os polemistas,

¹⁹⁴ A importância da questão extrapola os limites desta pesquisa, tornando-a de interesse geral. Durante a rodada de perguntas do simpósio temático “Igreja, Poder e Sociedade” (organizado pelos professores Paulo Duarte e Renata Cristina Nascimento), do XXIX Simpósio Nacional de História (julho de 2017), do qual participei, o professor Paulo Augusto Tamanini (Universidade Federal Rural do Semi-Árido) me pôs a questão da relação entre a alquimia e as heresias e como a Igreja ocidental lidava com isto.

¹⁹⁵ ZERNER, 2009, pp. 8-9.

¹⁹⁶ MOORE, 2007, p. 4; 7-10 e passim. Advirto ao leitor que há, com Moore, uma outra visão sobre o problema textual das heresias à qual não tive acesso, senão tangencialmente. Moore participou das fases finais das pesquisas lideradas por Zerner, por ter publicado à mesma época um texto que dava conta das relações entre oralidade e escrita na “invenção” das heresias. Em grande medida, Moore parte da discussão iniciada por STOCK, 1983, texto bastante presente em *The formation of a persecuting society*. Cf. MOORE, 1994.

¹⁹⁷ Esse estilo é remanescente de Santo Agostinho. Cf. WEISS in ZERNER, 2009, pp. 15-38, esp. 22-34.

¹⁹⁸ LOBRICHON in ZERNER, *op. cit.*, pp. 69-88.

denunciavam os hereges”. O questionamento de uma coisa punha sob escrutínio da sociedade um conjunto inteiro de práticas da Igreja, dentre as quais o recebimento de “oferendas, esmolas e dons em intenção dos defuntos”.¹⁹⁹ Por outro lado, os polemistas subvertem as contestações à eficácia dos ritos funerários em uma contestação doutrinal, tornando possível aos polemistas defender o dogma e, mais que isso, renovar a doutrina da Igreja sobre a morte e o Além.²⁰⁰

Os demais capítulos desta bela obra coletiva demonstram como o passar do tempo e as vicissitudes da conservação escrita dos atos da Igreja, bem como o manejo dos textos pelos membros eclesiásticos fugiu a certos historiadores e que esse conjunto de fatores pode ser justamente o ponto de inflexão para reconsiderar uma série de conclusões a respeito do que se considerava – tanto na Idade Média como na historiografia – como heresia.

Em relação à alquimia, esta nova visada proposta pelos franceses do grupo de Nice chama atenção para alguns pontos. O primeiro é que a heresia, considerada como desvio já tinha uma história que antecedia a difusão dos textos alquímicos no Ocidente latino e, por isso, ela já tinha alvos e procedimentos relativamente estabelecidos (mas, de forma alguma, rígidos e fechados). Um segundo ponto seria a relevância dos textos alquímicos num contexto de constituição ou reafirmação de autoridade política ou doutrinal. Dada a natureza da transmissão do saber e da execução da prática, até que ponto a prática da alquimia constituiria um perigo à ordem política e social de uma determinada área? Qual era o alcance de quaisquer ideias que, por ventura, pusessem em causa a doutrina e a autoridade eclesiais?

Continuando e ampliando a discussão, passo ao outro lado da moeda, cunhado por Robert Ian Moore. Para o historiador irlandês o período que vai de meados do século X a meados do século XIII é o de ascensão da sociedade europeia como uma sociedade persecutória. Nestes trezentos anos, Moore acredita encontrar as bases e a formação de uma violência direcionada por “instituições governamentais, judiciais e sociais contra grupos de pessoas definidos pelas características gerais de raça, religião ou modo de vida”.²⁰¹

Para expor e provar sua tese, Moore analisa o processo de perseguição a alguns grupos sociais definidos: hereges, leprosos e judeus. Entre os séculos X e XII as

¹⁹⁹ LAUWERS in ZERNER, *op. cit.*, p. 172.

²⁰⁰ *Ibid.*, pp. 183-4.

²⁰¹ MOORE, 2007, p. 4.

populações destes grupos vão ficando à margem da sociedade europeia. O século XIII, no entanto, é o momento de virada: o IV Concílio de Latrão, de 1215, é o evento que marca o estabelecimento de um conjunto de regras e definições que servirão à perseguição de dissidentes. Como diz o autor, a importância não está na brutalidade ou no feito em si – que não era mais do que o resultado de esforços contínuos de outros concílios – mas, sim, na abertura do precedente e na flexibilidade do aparelho persecutório.²⁰²

Por um motivo ou por outro, estes grupos marginalizados foram enquadrados em um esquema que tornava suas características intercambiáveis e representava para o cristianismo ocidental uma mesma ameaça: o trabalho de Satanás contra a comunidade cristã.²⁰³ Em sua crítica à historiografia mais tradicional, o historiador muda a perspectiva dos perseguidos para os perseguidores. Não há como dar credibilidade a qualquer interpretação que julgue que hereges, judeus e leprosos tenham sido perseguidos igualmente em uma mesma época apenas por uma questão demográfica ou de coincidência.²⁰⁴

A proposição de Moore para explicar a mudança que permite a formação de um aparato de perseguição é a transição de um modelo de autoridade comunitária – como o da sociedade europeia dos séculos XI-XII – para um modelo de autoridade centralizada. Efetivamente, tratar-se-ia da formação das características de um governo ou instituição como executores do poder. Assim, não bastaria que a exclusão dos grupos viesse da simples *existência* de normas definidas por uma autoridade central; essa exclusão deveria ser feita pela *ação* das normas sobre os grupos, resultando em sua perseguição.²⁰⁵

Ao inverter a perspectiva, Moore estabelece a questão como uma de exercício de poder e autoridade. Entre os séculos XI e XII são diversos os movimentos religiosos que surgem do novo impulso espiritual. E muitos desses movimentos, como demonstrado pelo grupo de Nice, estavam mais interessados em *questionar práticas* do que *desafiar doutrinas*. Em meio a um debate metodológico sobre a consideração dos governantes e prelados do século XII como atores “de uma determinação instintiva e coletiva de preservar a unidade social” (abordagem durkheimiana) ou “progressão em direção a um estado burocrático” (abordagem weberiana), Moore expõe que não há evidência documental que suporte nenhuma das duas hipóteses, já que elas dependeriam em grande

²⁰² MOORE, 2007, pp. 7-10.

²⁰³ *Ibid.*, pp. 11-60.

²⁰⁴ *Ibid.*, pp. 62-64.

²⁰⁵ *Ibid.*, pp. 103-104.

medida de uma demonstração de uma hostilidade popular contra as vítimas de perseguição. A realidade histórica, ao que tudo indica, estava no sentido contrário: onde quer que houvesse um movimento contestatório dos problemas da Igreja, os contestadores seriam bem recebidos desde que suas contestações fossem suportadas por suas práticas e estilo de vida. Portanto, o problema da dissidência estava muito mais no campo da *possibilidade* do que da *realidade*: uma possibilidade de que os grupos marginais pudessem angariar simpatia suficiente ao ponto de subverter a ordem social.²⁰⁶

Da tese de Moore pode-se extrapolar as seguintes questões: o aparelho de perseguição criado pelas instituições de poder – não só pela Igreja Católica, embora ela tenha um papel determinante²⁰⁷ – requeria a identificação de um grupo social com um problema específico. No período que sucede à temporalidade estudada por Moore – ou seja, os séculos XIV-XV – a alquimia está em seu período de produção de textos cuja autoria é propriamente europeia. O aparelho de perseguição suposto por Moore já estava formado e bastaria a dedicação das instituições de poder para que a prática alquímica fosse *sistematicamente* perseguida. E, no entanto, não há indícios de que tenha sido. Os questionamentos colocados em função do grupo de Nice se repetem: se não era um dado *real* que a alquimia representasse um perigo à sociedade, o quão *provável* era essa subversão?

O único exemplo de que se tem notícia vindo da Inquisição foi o lançamento do tratado *Contra alchimistas*, de Nicolau Eymerich, em 1396.²⁰⁸ Neste tratado, a maior parte da argumentação do inquisidor aragonês fica sobre a discussão de que a arte não poderia superar a natureza. Este argumento é o mesmo utilizado por Avicena na porção do *Kitab al-Shifa* que foi atrelada ao livro IV da *Meteorologia* de Aristóteles e que será perpetuado por séculos, como se vê no seu uso por Eymerich. Defendendo a impossibilidade da transmutação dos metais, o inquisidor conclui que o risco da prática alquímica está na invocação de demônios, que ajudariam o alquimista coletando riquezas para simular a produção de ouro – já que nem aos demônios é reservada a capacidade de transmutar metais.²⁰⁹

²⁰⁶ MOORE, 2007, pp. 106-108.

²⁰⁷ *Ibid.*, p. 146.

²⁰⁸ O manuscrito do tratado se encontra na Bibliothèque Nationale de France, Latin 3171. Ele foi editado e traduzido para o francês por Sylvain Matton, na revista *Chrysopoeia*. Não foi possível acessar nenhuma das versões, no entanto. Por isso a exposição que se segue é baseada nos comentários de William Newman.

²⁰⁹ NEWMAN, 2004, pp. 91-97.

O *Contra alchimistas* de Nicolau Eymerich marca uma solitária contraposição inquisitorial à prática alquímica. Sua posição, inclusive, não produz nada de original contra a alquimia – dado que a demonologia teve sua formação entre os séculos XIII e XIV²¹⁰ e que os argumentos que abrem o tratado são usados desde os primeiros tempos de difusão dos textos alquímicos. Para todos os efeitos, as relações da alquimia com a Inquisição permanecem nebulosas, mas espera-se que a discussão historiográfica apresentada aqui lance alguma luz sobre o problema. Pode-se apenas estimar que novos pesquisadores procurem, nas questões aqui levantadas, o caminho de propor respostas às perguntas suscitadas.

O capítulo final desta dissertação tentará, à luz das discussões já realizadas, demonstrar como no *Compound* foram adaptadas as dinâmicas do ato escritural às necessidades do saber alquímico. É na escritura que o alquimista fecha um ciclo ao mesmo tempo que abre outro: ele encerra no texto o saber que resulta de suas pesquisas, mas concomitantemente, proporciona a transmissão desse saber e a abertura de um novo ciclo de aprendizado.

²¹⁰ A esse respeito, cf. BOUREAU, 2016.

Capítulo 3

A escritura do *Compound*

O capítulo final desta dissertação tentará dar conta dos aspectos textuais do *Compound of alchimy*. Em primeiro lugar, sua circulação na Europa, que expressa os problemas da temporalidade do texto. Essa problemática da temporalidade será cercada e lapidada pelas questões textuais: o gênero literário, a forma da escrita, as tendências da “teoria literária medieval” e as dinâmicas próprias do trabalho escritural.

A circulação do *Compound of alchimy*

O *Compound* é um texto de alta importância na alquimia proveniente da Inglaterra. Possivelmente o mais importante, se se considerar que ele parece marcar o ápice entre seus antecessores e contemporâneos – são 39 cópias manuscritas sobreviventes, completas ou quase completas²¹¹ – e o lugar que ocupa como centro de referência da autoridade de Ripley na posteridade do século XVI.²¹²

Como já exposto na introdução desta dissertação, a data de publicação original mais segura é o ano de 1471, sendo datada pelo colofão dos manuscritos mais antigos. A maioria das cópias manuscritas são datadas do final do século XV até o final do século XVI, aparecendo cópias manuscritas tão tarde quanto 1580.²¹³ A versão aqui utilizada corresponde à primeira edição impressa, publicada por Ralph Rabbards em Londres, em 1591. A edição Rabbards serviu como referência para a posteridade, pois ela contém todos os elementos textuais que podem ser encontrados na diversidade de manuscritos: o *Titulus operis* (16 versos de apresentação do autor), *Prologue* (13 estrofes de exortação ao leitor), *Preface* (29 versos que resumem o texto), os *Twelve Gates* (os doze capítulos do texto alquímico em si), *Recapitulatio totius operis praedicti* (11 estrofes de recapitulação), *Erronious Experiments* (15 estrofes de admissão dos erros cometidos antes do acerto final).²¹⁴

De acordo com o catálogo levantado por Jennifer Rampling, existem hoje cópias manuscritas em três diversos idiomas: inglês (39 cópias), latim (12), italiano (1). Além

²¹¹ RAMPLING, 2009, p. 20.

²¹² *Ibid.*, pp. 127-8.

²¹³ *Ibid.*, pp. 23-4.

²¹⁴ *Ibid.*, pp. 24-5.

disso, existem 32 cópias fragmentadas, principalmente em inglês e latim. Os manuscritos encontram-se sob guarda de arquivos em diversas partes da Europa e do mundo: Gales, Inglaterra, Escócia, Holanda, Jerusalém, Estados Unidos da América, França, Itália. A sobrevivência de tantas cópias em variados idiomas aponta uma viva circulação do texto durante o final do século XV e por quase todo o século XVI, até o aparecimento da edição de Rabbards.²¹⁵ George Ripley tornou-se uma autoridade quase instantânea após a descoberta de seu texto.²¹⁶

Uma história detalhada da circulação do texto seria evidentemente uma pesquisa exaustiva e demasiado enfadonha para os propósitos da pesquisa que apresento. O mais importante, em minha concepção, é estabelecer que o texto apresenta grande importância na história da alquimia inglesa (e mesmo continental, à luz da circulação de outros textos do *corpus* de Ripley) e que a temporalidade da edição impressa em nada afeta a historicidade dos conteúdos do texto.

O uso das autoridades

Nesta e na próxima seção examinarei dois procedimentos textuais presentes no *Compound* que o relacionam às tendências daquilo que Alastair Minnis chamou de teoria literária medieval. Para Minnis, certos procedimentos textuais associados ao estudo universitário e, especialmente, ao estudo exegético da Bíblia deram origem a um corpo de regras e tendências que transbordaram as salas do *studium* e chegaram às páginas dos autores populares. O primeiro procedimento corresponde ao uso (e abuso) das autoridades.

Segundo Minnis, o *auctor* medieval era o indivíduo considerado como escritor de um texto e uma autoridade em determinado assunto. Os textos dos *auctores* eram dotados de *auctoritas*, termo que designava ao mesmo tempo a sagacidade do autor sobre o assunto referido no texto e a verdade de suas palavras. Portanto, os autores tornavam-se autoridades através do estatuto de verdade que seus textos adquiriam.²¹⁷

Para que um texto fosse considerado importante ele deveria ter duas características: valor intrínseco e autenticidade. No primeiro caso, ainda segundo Minnis, o valor intrínseco do texto vinha de sua concordância com a Escritura, dado que era ela a

²¹⁵ RAMPLING, 2009, p. 265-77.

²¹⁶ *Ibid.*, p. 128.

²¹⁷ MINNIS, 2010, p. 10.

principal referência em termos de autoridade considerando-se que seus autores eram divinamente inspirados ou, de outra perspectiva, seu autor era o próprio Deus cristão.²¹⁸

Para que um texto tivesse autenticidade ele deveria ser considerado o trabalho genuíno de um *auctor*, portanto, eram considerados autênticos apenas os textos dos quais não houvesse sombra de dúvida sobre a autoria – mesmo os de autoria duvidosa eram agrupados com os anônimos sob a alcunha de apócrifos. Os textos cuja autoria não era bem estabelecida geralmente desfrutavam de menor importância entre os estudiosos. Como, segundo Minnis, se considerava drástico questionar a autoria de um texto, era mais comum que se aceitasse atribuições improváveis de textos populares a autores antigos e respeitados.²¹⁹ É neste ponto precisamente que se abusava das autoridades, em especial nos textos alquímicos.

No *Compound of alchimy* diversos são os autores citados como autoridades. O mais citado é sem dúvida Raimundo Lúlio – ou, mais exatamente, o pseudo-Lúlio.²²⁰ Desde o primeiro capítulo afirmei, com Rampling, a primazia do *Testamentum pseudo-luliano* para a construção teórica do *Compound*. Para além das escolhas teóricas, as atribuições de texto alquímicos a Lúlio foram extremamente frequentes no período posterior à sua morte, como demonstrou Michela Pereira.²²¹ Lúlio foi uma importante figura do pensamento medieval, principalmente considerando sua posição externa às universidades.²²²

Outro autor, também mencionado no primeiro capítulo, é Guido de Montanor.²²³ A figura de Guido é extremamente opaca, sendo mencionado em alguns manuscritos do século XV, mas sem que tenham sobrevivido quaisquer que fossem reveladores de sua vida. Efetivamente, os manuscritos do século XV que fornecem maiores informações são aqueles associados ao *corpus* atribuído a George Ripley. Para todos os efeitos, Guido de Montanor ganha fama e torna-se autoridade alquímica por ser considerado uma fonte utilizada por outra autoridade, o próprio Ripley. Assim, o status de um e do outro como *auctoritatis* da alquimia é posterior às suas próprias vidas, surgindo a partir dos procedimentos ligados à teoria literária medieval.²²⁴

²¹⁸ MINNIS, 2010, p. 10-11. Para a discussão sobre a autoria da Bíblia, cf. *op. cit.*, cap. 3, pp. 73-117.

²¹⁹ *Ibid.*, p. 11.

²²⁰ Cf. *Compound*, B_{4v}, C_{1v}, C_{3v}, L_{2v}, L_{4f}, M_{1v}.

²²¹ Cf. PEREIRA, 1989.

²²² Sobre Lúlio, cf. por exemplo, BONNER, 2007.

²²³ Cf. *Compound*, E_{3f}, F_{1f}.

²²⁴ As pouquíssimas informações sobre Guido de Montanor são comentadas em RAMPLING, 2009, p. 70-72.

Outra figura que aparece no *Compound*, embora tenha ganhado apenas duas menções, completa este trio de autoridades: o alquimista chamado Geber.²²⁵ Na tradição alquímica, acreditava-se que Geber fosse Jabir ibn Hayyan, profícuo intelectual de origem árabe, que dedicou inúmeros textos às ciências e à alquimia. Com a *translatio studi*, Jabir ganhou o nome de Geber entre os latinos e ao seu *corpus* foram adicionados inúmeros trabalhos, dentre os quais a influente *Summa perfectionis magisterii* (*Suma do aperfeiçoamento do magistério*). Ocorre que a *Summa* não foi escrita por Jabir, que viveu entre os séculos VIII e IX do calendário cristão. A *Summa*, segundo o trabalho excepcional de Newman, é provavelmente a obra de Paulo de Taranto, um franciscano de origem italiana, que viveu no século XIII. O provável texto de Paulo lançou na alquimia ocidental uma série de postulados que seriam longamente discutidos nos séculos seguintes.²²⁶

Nomes importantes do pensamento ocidental figuram no *Compound* não mais do que uma vez: fala-se de Avicena²²⁷, Alberto Magno²²⁸, Roger Bacon²²⁹, todos autores que escreveram sobre alquimia, criticando-a ou elogiando-a. A presença dos nomes destes autores marca a importância de seus textos ao mesmo tempo que atribui importância ao *Compound*, citando-os como autoridades sobre o assunto que ali se discute.

Os casos de Lúlio, Guido e Geber identificados no *Compound* são sintomáticos de uma época em que a transmissão dos saberes está transitando de um registro oral para um registro cada vez mais escrito. Se, de um lado, a voz do intérprete de um texto carrega a autoridade nas transmissões orais²³⁰, de outro, é o nome que carrega o peso do texto em suas costas nas transmissões escritas. O avanço da escritura sobre o processo de transmissão de saberes parece personificar, individualizando as autoridades, destituindo da generalidade da voz sua função de amarrar os laços sociais e constituir a tradição.

Porém esta situação está longe de ser rígida no século XV. O *Compound* parece prová-lo na medida em que atribui à generalização do anonimato um igual nível de autoridade. Muitas são as referências do texto aos *filósofos*, designação vaga que, por sua generalidade, funda um sentido de tradição no qual não importa de quem em específico procede a informação, mas sim de que ela remete a um conjunto dado por verdadeiro: são

²²⁵ Cf. *Compound*, B₄v, L₂f.

²²⁶ Sobre Jabir ibn Hayyan e as atribuições apócrifas a seu nome, bem como a tese que atribui a autoria da *Summa perfectionis* a Paulo de Taranto, cf. NEWMAN, 1991.

²²⁷ Cf. *Compound*, B₄v.

²²⁸ Cf. *Compound*, M₁v.

²²⁹ Cf. *Compound*, C₃v.

²³⁰ ZUMTHOR, 1993, p. 67.

os filósofos que escrevem que a calcinação é um longo processo de um ano²³¹; são eles que guardam o segredo da dissolução²³²; são eles que definem a conjunção dizendo que ela nada mais é que a copulação das qualidades que foram separadas.²³³

Outro aspecto é que não se costumava disputar a autoridade de um *auctor*.²³⁴ Mesmo Avicena, cujo texto adicionado ao livro IV da *Meteorologia* de Aristóteles postulava uma opinião contrária à possibilidade do fazer alquímico, tem seu texto subvertido e considerado uma opinião favorável!

Como o Filósofo na *Meteorologia* escreve,
A forma dos corpos metálicos não é transmutável,
Mas depois ele adiciona estas palavras de maior deleite,
Sem que sejam reduzidos ao seu princípio material,
Em que tais corpos dentro da natureza sejam liquefeitos,
Minerais e metálicos podem ser mercurizados (...)²³⁵

O uso das autoridades nos textos alquímicos não atesta apenas a homogeneidade de procedimentos literários entre autores oriundos dos círculos escolásticos e universitários e os marginais alquimistas: a atribuição de autoridade ao texto alquímico se tratava de garantir um estatuto de legitimidade do saber para além dos enquadramentos oficiais dos espaços de poder como a universidade e a Igreja. Podia-se e devia-se falar de alquimia porque homens importantes como Alberto Magno e Roger Bacon também se interessaram por ela. Em última instância, o uso das autoridades no texto alquímico correspondia menos à importância do texto dentro da tradição a que pertence e mais à sobrevivência desta tradição diante das relações de poder.

A linguagem e a poesia alquímica

A primeira questão relativa à linguagem empregada no *Compound* diz respeito ao uso do vernáculo no lugar do latim. O século XV é um período em que o latim já cedeu bastante espaço às línguas vernáculas – sobretudo nos espaços orais – mas, a cultura escrita (a *literacy*, dos anglófonos) ainda tem grande presença do latim. Como em diversos outros aspectos, trata-se menos de uma transição de uma língua à outra e mais de uma relação tensa entre elas.²³⁶

²³¹ *Compound*, C₃f, 25-28.

²³² *Ibid.*, D₂f, 1-2.

²³³ *Ibid.*, E₂f, 8-9.

²³⁴ MINNIS, 2010, p. 14.

²³⁵ *Compound*, L₄f, 17-22.

²³⁶ Todas as discussões a seguir, que tratam dos aspectos textuais do documento, ficam sem dúvida prejudicadas pois, antes de poder escrever este capítulo, o exemplar de *Les textes alchimiques*, de Robert Halleux, do qual eu dispunha, foi perdido. O texto de Halleux é um dos primeiros trabalhos de referência sobre tipologia textual entre textos alquímicos, contando com contextualizações e classificações.

Em termos mais gerais, a difusão das línguas vernáculas na Europa de fins da Idade Média e início da Era Moderna está atrelada a diversos fatores, quase todos eles associados à ideia da formação de comunidades linguísticas as mais variadas, grupos sociais nos quais a comunicação – oral ou escrita – se realiza em torno de alguma necessidade ou questão importante. Donde o desenvolvimento da política, das ciências, dos costumes em determinado momento. O registro da língua não significa, necessariamente, a homogeneidade em um período ou grupo social, mas apenas a provável predominância de uma escolha.²³⁷ Ripley poderia ter escrito o *Compound* em latim, mas desejou fazê-lo em inglês médio. Suas razões não são explicitadas no documento, mas ao menos pode-se tentar explicar suas razões diante do contexto de escritura do texto.

Em primeiro lugar, trata-se de lembrar que a alquimia ou, mais precisamente, sua transmissão se deu no contexto das traduções realizadas pelos europeus. Assim, os primeiros leitores dos textos alquímicos (ainda que não fossem seus primeiros praticantes) tiveram seu contato na polifonia das línguas: do árabe ao latim, do árabe ao hebraico e depois ao latim, assim por diante. Michela Pereira chama atenção para o fato de que tão cedo quanto o século XIV é possível encontrar receituários alquímicos escritos em vernáculo, mas que estes devem ser considerados de menor importância dentro de um contexto mais amplo; diz a italiana que a presença desses receituários deve ser compreendida “mais como uma pista de seu duplo regime, oral e escrito, que caracterizava a alquimia em sua indissolúvel conjunção de prática e teoria do que um exemplo precoce de vernacularização”.²³⁸ As primeiras traduções entre os séculos XII e XIII foram para o latim bem como os primeiros tratados alquímicos de autoria propriamente europeia eram escritos geralmente nessa língua no século XIV.²³⁹

Peter Burke afirmou que o latim se tornou, entre os séculos XIV-XVI, uma língua em busca de uma comunidade. Uma língua altamente utilizada em determinados espaços – na Igreja, na justiça, na administração pública, na universidade – mas, que vai perdendo força e se mantendo apenas de forma pontual nesses espaços. Um ponto de resistência que o latim apresentou nos primeiros momentos da difusão das línguas vernáculas na Europa era sua neutralidade e capacidade de ser língua franca diante da nova polifonia

²³⁷ BURKE, 2010, p. 22.

²³⁸ PEREIRA, 1999, p. 339-40.

²³⁹ Os receituários são textos menores, de instruções diretas. Os tratados são textos longos, que possuem discussões mais voltadas à conciliação de autoridades, revisão de práticas ou proposição de novos procedimentos. Para uma visão sobre a literatura de receituários, cf. CARROLL, 1999.

das línguas europeias.²⁴⁰ A circulação do *Compound* e de outros textos do *corpus* associado a George Ripley parece confirmar essa posição intermediária do latim, tendo em vista que hoje existem ao menos doze manuscritos que contém uma tradução latina do *Compound* e outros que foram traduzidos do latim para o inglês médio e de volta ao latim.²⁴¹

Em todo caso, a opção do inglês médio concorda bem com uma tendência primeiramente identificada por Linda Voigts na literatura científica e médica da Inglaterra, entre 1375 e 1475. De acordo com Voigts, essa centena de anos marca um período em que as comunidades científica e médica inglesas são essencialmente bilíngues: a autora apresenta dados de uma verdadeira multidão de manuscritos nos quais podem ser identificados os usos tanto do latim quanto do inglês médio (quando não são os casos trilíngues, em que o anglo-normando também figura). Essa troca de um idioma ao outro corresponderia a diversas razões, dentre as quais um uso inadvertido de mais de um idioma (a autora cita um exemplo de um tradutor ou copista que inicia o texto em inglês médio, passa ao latim e retorna ao inglês médio), a tentativa de buscar uma equivalência quando se está sem palavras na língua preferida ou até mesmo quando se tenta fazer um aproveitamento do máximo de vocábulos possíveis.²⁴²

Os anos finais deste período analisado por Voigts indicam, segundo a autora, a consolidação do uso da língua vernácula inglesa nos textos científicos e médicos. Essa periodização e essa transposição dos saberes de uma língua a outra parece acontecer igualmente na alquimia, como demonstrou Pereira. Línguas como o italiano, o catalão e o alemão testemunham uma grande mobilidade de textos alquímicos pela Europa, sendo muitos destes vertidos para o vernáculo a partir do latim. A partir de 1450, a coleção de manuscritos que a autora analisou apresenta uma quantidade muito mais relevante de textos escritos em vernáculo e dois manuscritos em especial chamam atenção por serem compostos de textos em variadas línguas.²⁴³

Portanto, a escritura do *Compound* em inglês-médio corresponde a uma característica marcante de seu período. O uso do vernáculo pelo alquimista denota sua participação num longo processo centenário de adesão ao código linguístico de sua terra natal. Parece-me que não havia dificuldade na escolha pelo latim ou vernáculo à altura do

²⁴⁰ BURKE, 2010, pp. 59-64.

²⁴¹ RAMPLING, 2009, pp. 19; 271-3.

²⁴² VOIGTS, 1996, pp. 813-20.

²⁴³ PEREIRA, 1999, pp. 350-56.

século XV. Em qualquer um dos casos, havia a possibilidade de que o texto fosse vertido, em algum momento de sua transmissão para além das fronteiras geográficas de sua origem, para o latim ou para um vernáculo qualquer. E como aponta Pereira, nos casos de Arnaldo de Bruxelas e John Kirkeby, a existência de um texto em mais de um idioma em cópias manuscritas não era problema algum; de fato, tornava-se uma vantagem comparativa a fim de que se pudesse chegar a uma compreensão mais sólida do texto.

Como demonstrei no primeiro capítulo, o *Compound* é um longo trabalho poético. Se para o leitor moderno em algum momento essa pode parecer uma expressão literária atípica para um texto de alquimia, o contexto histórico dos séculos finais da Idade Média ilustra muito bem as tendências literárias da época – dentro e fora da alquimia. Neste caso, a origem inglesa do *Compound* torna-o ainda mais marcante: entre os ingleses, a poesia alquímica foi uma verdadeira moda por longos anos.

A tradição poética da alquimia pode ser encontrada em alguns textos em latim, mas eles sequer chegam próximo à quantidade e qualidade de outras poesias latinas em geral. O grosso da produção poética alquímica se situa nas línguas vernáculas.²⁴⁴ A poesia alquímica parece surgir fora dos círculos de praticantes – ou, ao menos, daqueles que nos legaram textos considerados autenticamente alquímicos, discutindo conceitos e técnicas. Um dos primeiros exemplos é o famoso *Roman de la rose* (*Romance da rosa*), de Jean de Meun. O *Roman* contém uma longa seção alquímica, composta de quase cem versos. Outro exemplo, do século XIV, é o *Confessio amantis* (*Confissão do amante*), de John Gower, que conta com cerca de 160 versos. Um ponto em comum sobre esses textos é o fato de, posteriormente, terem suas seções alquímicas isoladas e republicadas como textos alquímicos *per se*.²⁴⁵

Entre todas as línguas vernáculas europeias foi a inglesa que mais desenvolveu a poesia alquímica. Ao lado de Gower, o século XIV testemunha o nascimento dos *Canterbury tales* (*Contos da Cantuária*), de Geoffrey Chaucer. Como mencionei no capítulo anterior, o texto de Chaucer compreende uma longa digressão alquímica – glosada de um texto do pseudo-Arnaldo de Vilanova – que, apesar do estilo predominantemente satírico ao longo do *Conto do criado do cômego* (*Canon's yeoman's tale*), será posteriormente reconhecida como prova do envolvimento positivo de Chaucer com a alquimia. Mais tarde, o próprio *Compound* será imediatamente considerado um

²⁴⁴ KAHN, 2010, p. 252.

²⁴⁵ *Ibid.*, pp. 252-3.

clássico, ao lado de outro poema alquímico inglês, o *Ordinall of alchemy* (*Ordinal da alquimia*), de Thomas Norton.²⁴⁶

De modo geral, qual era a importância da forma poética dentro da alquimia? Quais eram suas funções? De acordo com Didier Kahn, podem ser elencadas quatro funcionalidades principais da poesia alquímica. A primeira delas tem a ver com a forma poética em si. Uma prática comum entre os copistas era a abreviação de palavras nos textos em prosa, o que poderia torná-los um aglomerado de abreviações tortuosas e, no mais das vezes, confundíveis entre si. No ato escritural, a forma poética torna o texto mais estável e confina melhor as informações originais. O ritmo e as rimas evitavam que se pulasse linhas ou frases durante o trabalho de cópia.²⁴⁷

Esta primeira função está intrinsecamente associada a uma segunda: o uso da memória. Do ponto de vista do escritor – que, não se deve esquecer, é ao mesmo tempo um mestre – a transmissão textual faz parte de um rito pedagógico, ensinar o conhecimento de forma que seu aprendiz possa memorizá-lo e colocá-lo em prática com maior facilidade. Não apenas isso, pode-se supor também um aspecto prático: o poema, por seus recursos mnemônicos, é consideravelmente mais fácil de lembrar do que uma prosa. Sobretudo um texto poético vernáculo do que uma prosa latina. Assim, o praticante de alquimia poderia ter mais facilidade na execução de seu trabalho caso não tivesse acesso ao manuscrito ou não pudesse estar com ele perto de si – afinal, o alquimista trabalha próximo ao fogo e o risco de um incêndio era óbvio.²⁴⁸

A terceira função da poesia na alquimia teria objetivos externos ao texto. De acordo com Kahn e Timmerman, a forma poética era comumente utilizada para atrair o patrocínio de cortesãos e monarcas. Dada a necessidade de metais, comuns e preciosos, para o fazer alquímico, sem dúvida a prática necessitava de um auxílio financeiro caso o alquimista não fosse especialmente abastado. Kahn reforça que esta parece ter sido uma tendência surgida na Inglaterra, embora a historiografia ainda careça de estudos que demonstrem as razões para isto. Em todo caso, o fenômeno de busca por patrocínio entre os mais ricos é mais comum aos séculos XVI e XVII do que propriamente aos séculos finais da Idade Média.²⁴⁹

²⁴⁶ KAHN, 2010, p. 257.

²⁴⁷ KAHN, 2011, p. 63; TIMMERMAN, 2013, p. 19.

²⁴⁸ TIMMERMAN, *op. cit.*, pp. 18-9.

²⁴⁹ KAHN, 2011, p. 64; TIMMERMAN, 2013, p. 19. Um trabalho que ilustra muito bem as relações de patrocínio da arte alquímica é NUMMEDAL, 2007.

As duas funções finais podem ser entendidas concomitantemente, pois dizem respeito aos dois lados do fazer alquímico: à teoria e à prática. Os versos condensam o conhecimento teórico e encurtam o texto em oposição a uma possível longa exposição em prosa. Kahn nota que a edição independente (feita posteriormente) das seções alquímicas de textos como o *Roman de la rose*, tiradas de seus contextos e, inclusive, recompiladas em compêndios (como o *Theatrum chemicum Britannicum*, de Elias Ashmole, publicado em 1652), é um indício dessa função. Além disso, diversos textos alquímicos também era propagadores das necessidades técnicas: a construção dos aparatos como fornos e recipientes, as indicações sobre a quantidade de calor, etc.²⁵⁰

Um dos aspectos mais popularizados da linguagem alquímica é seu uso dos chamados *decknamen* – os termos substitutivos, que escondem o sentido das palavras. Muitas vezes os *decknamen* são árvores que escondem verdadeiras florestas: sob eles, são encontrados diversos significados e cabe ao iniciado descobrir o correto ou mais apropriado à ocasião. A obscuridade gerada pelo uso desta linguagem figurativa pode ser considerada a razão principal das interpretações que compreendem o fazer alquímico numa linha do misticismo e ocultismo, para não falar da tradicional abordagem jungiana.²⁵¹

Em sua crítica à abordagem jungiana, Newman afirma que o processo de afastamento da universidade pela ênfase da alquimia em seu aspecto técnico – tecnológico, como o chama Newman – resulta na crescente cisão com o discurso acadêmico e igualmente crescente dependência de “sua linguagem especializada de imagens e tropos”.²⁵² A meu ver, pode-se considerar outra razão, mais profunda e que se apresenta mais interna, devendo-se mais à própria configuração do saber alquímico do que à sua relação com uma instituição externa.

Em primeiro lugar, como era utilizada essa linguagem? Algumas distinções devem ser feitas. O uso dos *decknamen* corresponde a uma parte da construção do segredo textual. Outra parte igualmente importante são as figuras de linguagem, principalmente as analogias. O conjunto desses dispositivos linguísticos é que forma, de fato, a cifra que esconde a significação real do texto.

Os *decknamen* geralmente são utilizados, no *Compound*, para substituir os nomes dos elementos e dos materiais com os quais o alquimista irá trabalhar. Alguns deles são

²⁵⁰ KAHN, 2011, p. 64.

²⁵¹ NEWMAN, 1996, pp. 159-188.

²⁵² *Ibid.*, pp. 162-3.

classicamente reconhecidos: o Sol designa o ouro, a Lua designa a prata.²⁵³ Outros termos têm múltiplos nomes: no *Prefácio*, o autor diz que existem três mercúrios que são “a chave desta ciência”.²⁵⁴ Segundo Ripley, o pseudo-Lúlio os chama de “mênstruos”, dos quais dois são superficiais e o terceiro, oculto, “essencial do Sol e da Lua”.²⁵⁵ Cada um dos três possui uma finalidade diferente: o primeiro é usado na calcinação natural; o segundo, serve à ressuscitação dos materiais mortos na calcinação. A combinação e circulação dos produtos dos dois processos dá origem ao terceiro mênstruo, de natureza tão ardente que é chamado “nosso Basilisco”.²⁵⁶

O uso das analogias em alquimia é um procedimento linguístico que parece ter raízes nas ligações com a influência do mito de Hermes Trismegisto e a tradição textual que dele deriva.²⁵⁷ Aqui, posso apenas sinalizar isto como hipótese, pois não há ou não possuo conhecimento de estudo especializado que trate disto. Em todo caso, parece que o texto da *Tábua de esmeralda* (*Tabula smaradigna*) influenciou a literatura alquímica até a época do *Compound*.²⁵⁸

A *Tábua de esmeralda* possui uma série de aforismos, entre os quais alguns estabelecem relações de analogia entre os acontecimentos terrestres e os acontecimentos da esfera celeste, com especial ênfase na característica divina ou imutável dos astros. Por exemplo, uma das primeiras linhas estabelece que “aquilo que está abaixo é como aquilo que está acima, para realizar milagres a partir de uma única coisa”.²⁵⁹ Esse aforismo segue uma linha encontrada em outros textos associados a Hermes, como o *Asclépio* (*Asclepius*) e o *Liber XXIV philosophorum* (*Livro dos XXIV filósofos*).²⁶⁰

²⁵³ Cf., por exemplo, para o cap. 1 (*Of Calcination*): C_{3v} (6; 7-8), C_{4f} (13-14), D_{1f} (1-2).

²⁵⁴ *Compound*, B_{4f}, 27-28. “To understand well Mercuries three, / The keyes which of this science bee”.

²⁵⁵ *Ibid.*, B_{4v}, 1-7. “Raymond his menstrues doth them call, / Without which truly no trueth is done; / But two of them be superficall, / The third essentiall of Sunne and Moone, / Their properties I will declare right soone, / And Mercurie of mettalls essentiall, / Is the principle of our stone materiall”.

²⁵⁶ *Ibid.*, B_{4v}, 21-28. “Bodies with the first we calcine naturally / Perfect, but none which been uncleene, / Except one which is usually / Named by Philosophers the Lyon greene: / He is the meane the Sunne and Moone betweene / Of winning tincture with perfectnes, / As Geber thereunto beareth witnes”; C_{1f}, 1-7. “With the second which is an humiditie / Vegetable, reviving that earst was dead, / Both principles materials must loosed be / And formalls, els stand they little in stead: / These menstrews therefore know I thee reed, / Without the which neither true calcination / Done may be, nor true dissolution”; “For so together may they be circulate, / That is the base oyle and the vegetable menstruall, / So that it be by labor exuberate, / And made by craft a stone celestiall, / Of nature so firie that we it call, / Our Bazeliske or our Cockatrice, / Our great Elixer most of price”. Rampling discute essas passagens em sua tese, cf. 2009, pp. 64-7.

²⁵⁷ Sobre a relação da alquimia com o hermetismo, cf. PEREIRA, 2000a.

²⁵⁸ Cf. PEREIRA, 2000b.

²⁵⁹ Existem diversas traduções e edições do texto, embora elas apresentem poucas variações entre si. Utilizei a tradução de Isaac Newton, que pode ser encontrada no manuscrito 28 da coleção Keys, da Biblioteca do King’s College da Universidade de Cambridge. É possível fazer o download das imagens do manuscrito.

²⁶⁰ PEREIRA, 2000b, 134-5.

No *Compound* podem ser encontradas diversas analogias, dentre as quais já citei no capítulo anterior as que recorreram ao imaginário do purgatório para dar significado ao processo de calcinação. No capítulo seis, *Da congelação (Of Congelation)*, o alquimista fala que a pedra deve passar por um processo igual ao da digestão:

Como determina a Física para cada digestão,
Primeiramente feita no estômago no qual está a secura,
Causando brancura sem dúvida,
Como a segunda digestão causa vermelhidão,
Completa no fígado por calor em moderação,
Assim também nossa Pedra por secura e por calor
É digerida completamente para o branco e vermelho.²⁶¹

O uso da linguagem cifrada, a meu ver, tem duas consequências distintas com relação à transmissão do saber alquímico, a depender da situação da recepção. Pela sugestão de Michela Pereira, de que a alquimia acontece em dois regimes, oral e escrito, cada um destes possui uma consequência distinta sem que, no entanto, sejam opostas ou excludentes.

A escritura como técnica de comunicação tem diversas diferenças em relação ao uso da voz. O texto escrito tem a possibilidade de omitir informações, ainda que sem o uso de palavras substitutivas como os *decknamen* alquímicos. Um caso emblemático é apresentado por Andrea Daher. Montaigne, ao escrever seu relato sobre o diálogo com os indígenas na corte em Rouen, deixa clara sua indignação com o intérprete que deixa de fora a terceira impressão dos índios brasileiros sobre os costumes dos cortesãos europeus. É no reconhecimento de uma fala perdida que Daher intui o fato de oralidade: se antes havia interpretações que atribuíam as palavras dos indígenas ao próprio viajante francês, a ausência colocada *por escrito* revela uma *fala* que não se pode ouvir.²⁶²

O uso dos *decknamen* e das analogias, por outro lado, nomeia com outro código aquilo do que se fala. Na contramão de uma ausência, esses recursos linguísticos do alquimista estabelecem uma presença que apenas os indivíduos cientes daquele código podem acessá-la. Por isto ela é uma escrita cifrada: há um cadeado que tranca o texto e apenas os que sabem o código podem abri-lo. Retorna-se, assim, à questão tratada ao final do capítulo anterior e exposta por Bernard Joly. O segredo do texto alquímico não seria reflexo de um estado psíquico (como intuem as análises jungianas) ou uma simples

²⁶¹ *Compound*, G₃v, 15-21. “As Phisicke determineth of each digestion, / First done in the stomach in which is drines, / Causing whitenes without question, / Like as the second digestion causeth rednes, / Complete in the liver by heate in temperatenes, / Right so our Stone by drines and by heate / Digested is to white and red compleate”.

²⁶² DAHER, 2012, pp. 13-6.

verborragia. O texto tem sentido social: ele cria, em torno de si, uma comunidade de *leitores e ouvintes*.

Desde o primeiro capítulo, reforcei o aspecto oral da prática alquímica. Para falar com Zumthor, por trás do texto há uma voz que o comunica. Não parece ter sido diferente no caso do *Compound*. Inclusive, a falta de uma análise profunda e de longa duração sobre a poesia alquímica inglesa deixa-me um tanto à deriva para desbravar o assunto.²⁶³ Trata-se, aqui, mais de intuir através de outro olhar do que necessariamente provar uma tese. O *Compound* parece ter, em si, os ecos do que Zumthor chama de uma “voz poética”, o uso da voz que transmite os textos – as canções de gesta, os épicos, as baladas, etc. – poéticos e, ao transmiti-los oralmente, abala toda a estrutura verticalizada que se encontra na escritura. A oralidade – ou, como prefere Zumthor, a *vocalidade* – estabelece uma presença total do texto no momento de sua performance. Tão cedo acontece, ele acaba no momento em que o intérprete se cala. A voz poética tem a vantagem e a diferença de reunir, no momento da performance, tudo aquilo que se encontra por trás do texto – toda a tradição se diz e acontece na interpretação. Por isso, a voz que declama um texto age como memória.²⁶⁴

A transmissão textual do saber alquímico dilata sua duração. O *Compound*, escrito originalmente em 1471, ganha prolongamentos tão tardios quanto 1652 com o *Theatrum chemicum Britannicum* de Elias Ashmole. A escritura triunfa sobre a dispersão espaciotemporal, mas dispersa as informações em uma multiplicidade de nomes, de pessoas. Os *decknamen* e os *auctores* fragmentam o saber alquímico, transformando-o numa rede cujos pontos são dados pelo leitor. De tal maneira, o leitor do *Compound* se depara com os nomes de Roger Bacon, Geber, Lúlio, Guido de Montanor e precisa encontrar nos textos deles os pontos que serviram de âncora ao autor do *Compound*. De outro lado, a escritura também fragmenta na medida em que o texto se multiplica nos manuscritos (sem esquecer as traduções).

Daí a contradição do texto alquímico: ao ser escrito, ele dispersa seu saber numa multiplicidade de informações e nomes, que o obscurecem aos olhos do leitor desavisado.

²⁶³ Há pelo menos cinco anos, durante minhas pesquisas de graduação, tomei ciência de que Jennifer Rampling prepara um livro sobre a alquimia inglesa, datando-o entre 1300 e 1700. No entanto, não me parece que a autora tenha intenção de abordar a temática da poesia alquímica inglesa pelo viés da escritura-oralidade. Desde então, aliás, não há atualizações sobre o andamento do livro dada a pouca presença da autora em redes sociais e que a última atualização em sua página pessoal no site do Departamento de História da Universidade de Princeton data de 2014. Página da autora: <<https://history.princeton.edu/people/jennifer-m-rampling>>.

²⁶⁴ ZUMTHOR, 1993, p. 139.

Mas, é nessa mesma polissemia dos *decknamen* e das múltiplas autoridades que se reconhece aquele que tem *direito* ao saber alquímico. Em um só golpe a escritura do texto alquímico cria uma rede de relações textuais que faz o crivo de seus leitores; mas estabelece, igualmente, a oportunidade de fugir da prisão do texto em direção à liberdade da fala.

Em todos os momentos em que o texto foi rememorado, colocado em prática, essa duração é reduzida àquele momento específico; nele, todos os nomes são retirados de seu estado escondido, virtual, e são dados à fala: o alquimista se torna intérprete²⁶⁵, transformando o texto alquímico em uma performance, na qual revela todos os segredos de seu saber ao trazê-lo livre das amarras particularizantes da escritura e lançá-lo no seio da tradição.²⁶⁶ Os diversos nomes do mercúrio – os três mênstruos do *Compound* derivados do pseudo-Lúlio – não importam. O alquimista e seu(s) ouvinte(s) conseguem vê-lo, senti-lo, tocá-lo.²⁶⁷

Os dois regimes se encontram e na tensão deles surge um jogo que move o praticante do saber alquímico entre dois polos de comunicação. Esse deslizamento, de escritor a intérprete e vice-versa, se dá a todo momento. A alquimia, no entanto, parece superar o esquema de duplas opostas (escritor-intérprete e leitor-ouvinte) quando se considera que a performance do alquimista não é apenas vocal, ela é da ordem da técnica. O alquimista *faz, fala e escreve*. É claro, nada se dá nesta ordem necessariamente; ela é, na realidade, intercambiável a depender da situação da transmissão ou mesmo de recepção.

A escritura do *Compound* não parece ter se dado fora de um regime prático, no qual o texto deixa entrever marcas de uma presença física nas mais variadas formas. A voz se faz especialmente presente diante da permutação de posições diante das situações de transmissão e recepção. A escritura dá, ainda, outra evidência da presença corporal no fazer alquímico. Falo aqui da linguagem visual que o *Compound* provê através da *Roda dos elementos*, já mencionada ao final do primeiro capítulo.²⁶⁸

²⁶⁵ Devo este conceito a ZUMTHOR, 1993. Cf. cap. 3, esp. pp. 67-71.

²⁶⁶ Reporto-me, novamente, a Zumthor para o conceito de tradição. Cf. 1993, pp. 143-6.

²⁶⁷ ZUMTHOR, 1993, p. 142.

²⁶⁸ Por alguma razão, a versão da *Roda* que acompanha o impresso do *Compound* utilizado por mim é posterior à que foi comissionada por Ralph Rabbards para figurar em sua edição do texto. A *Roda* utilizada aqui pertence à edição impressa de Elias Ashmole, publicada em 1652 no *Theatrum chemicum Britannicum*, cuja confecção foi assinada por um John Goddard. RAMPLING, 2013, p. 85, afirma que a *Roda* de Goddard contém todo o material que pode ser encontrado nas versões anteriores – impressas e manuscritas – da *Roda*. De forma que, aqui, não encontro problema em utilizá-la dado que o objetivo da análise é demonstrar como havia uma ligação entre a prática da alquimia e a leitura do texto, tornando sua escritura um meio indispensável de transmissão do saber. Apenas uma análise da circulação de manuscritos e impressos seria

Logo no primeiro capítulo, *Da calcinação*, pode-se encontrar uma referência à *Roda*. O alquimista diz que é preciso, primeiro, fazer a rotação dos elementos: transformar a terra em água; então, a água deve ser transformada em ar por “levigação” (“*levigacion*”); quando o ar for transformado em fogo, o aprendiz poderá ser chamado de mestre, “de todos os segredos, grandes e pequenos”, pois consegue dar a volta completa da roda de elementos, “verdadeiramente concebendo nossos escritos sem dúvida”.²⁶⁹

Essa passagem dá a medida da relação entre texto e imagem: apenas quando se consegue dominar o uso da roda dos elementos é que se pode considerar o aspirante um verdadeiro mestre. A roda consegue, em uma imagem, subsumir todo o conteúdo do que se expõe no *Compound*. Do ponto de vista prático a ideia é bastante óbvia: sem colocar em risco o manuscrito ou impresso, usa-se uma cópia da *Roda* para consulta. Ela não substitui o texto, no entanto; ela o complementa, na medida em que – assumindo que as hipóteses sobre o caráter poético estejam corretas – o texto é *memorizado*. A roda é, ao mesmo tempo, resumo e instrumento de lembrança. Veja-se como exemplo a passagem abaixo, do segundo capítulo, *Da dissolução*:

Altitude, Latitude, e também profundidade,
Por todos os quais nossa roda deve girar,
Sabendo que sua entrada deve ser pelo Oeste,
Suas passagens então pelo Norte se fizeres bem,
E lá suas luzes perderão seus brilhos uma a uma;
E lá você permanecer por noventa noites
Na escuridão do purgatório sem luzes.²⁷⁰

Quando se consulta a *Roda* ao final do documento é possível ver, claramente, a ligação entre os versos e o que está lá representado. Veja-se na figura 3.1., abaixo: no círculo externo do Oeste, a matéria deve ser fria e seca (*frigidum e siccum*), como se concebia o elemento terra na filosofia natural. A terra, então, torna-se água com sua passagem a um estado frio e úmido (*frigidum e humidum*), como se vê no círculo do Norte. De um a outro estado, percebe-se uma mudança de uma característica de retenção (*retensive*, no círculo do Oeste) à expulsiva (*expulsive*, no círculo do Norte). A chegada no Norte e a nova característica de expulsar entram em acordo com o que é dito no início

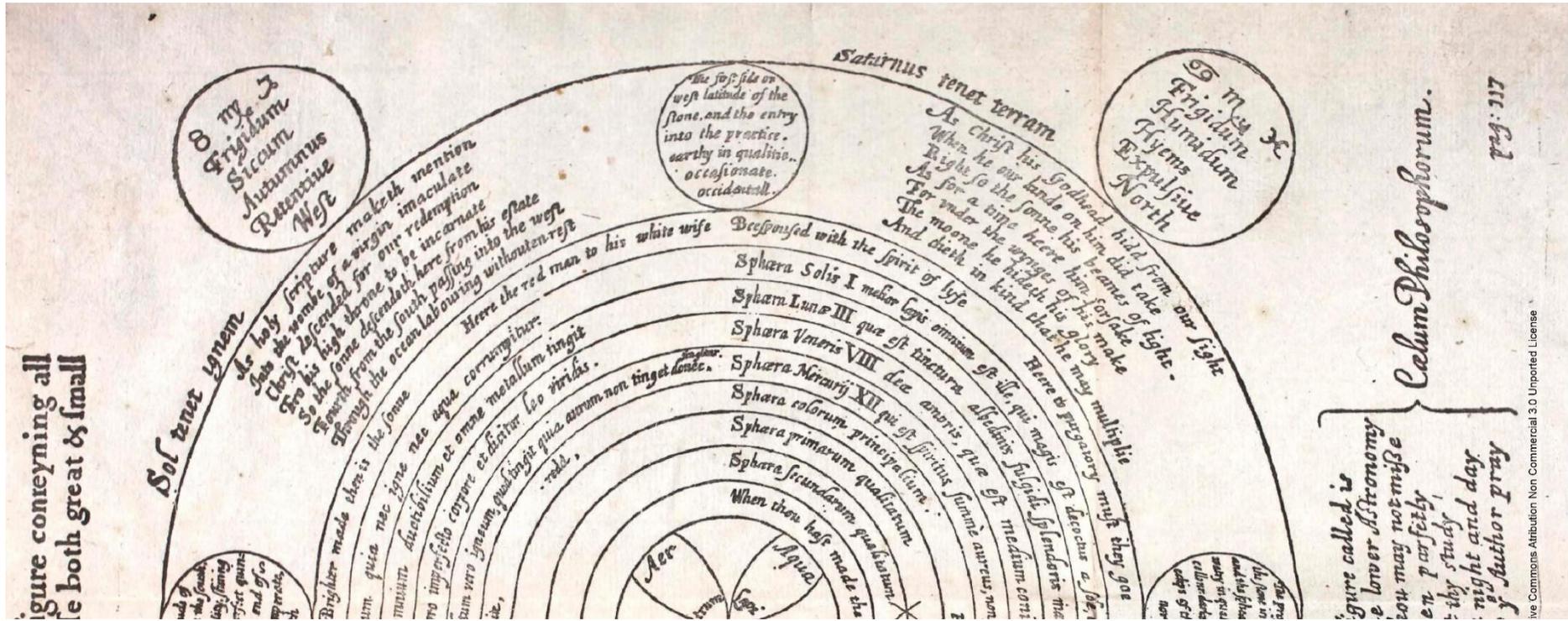
capaz de esclarecer a presença de uma versão tão posterior da *Roda* na edição Rabbards, o que estaria fora do escopo de minha pesquisa e necessitaria de uma abordagem e recursos inteiramente diferentes.

²⁶⁹ *Compound*, C_{4v}, 15-21. “But first of these elements make thou rotacion, / And into water thine earth first of all, / Then of thy water make ayre by levigacion, / And ayre make fier, then Maister I will thee call / Of all our secrets great and small: / The wheele of Elements then canst thou turne about, / Truly conceiving our writings without doubt”.

²⁷⁰ *Ibid.*, D_{2v}, 22-28. “Altitude, Latitude, and also profunditie, / By which allgates turne we must our wheele, / Knowing that thine entrance in the West shall be, / Thy passages forth to the North if thou doo weele, / And there thy lights lose their lights each deelee; / For there thou must abide by ninetie nights / In darknes of purgatorie withouten lights.

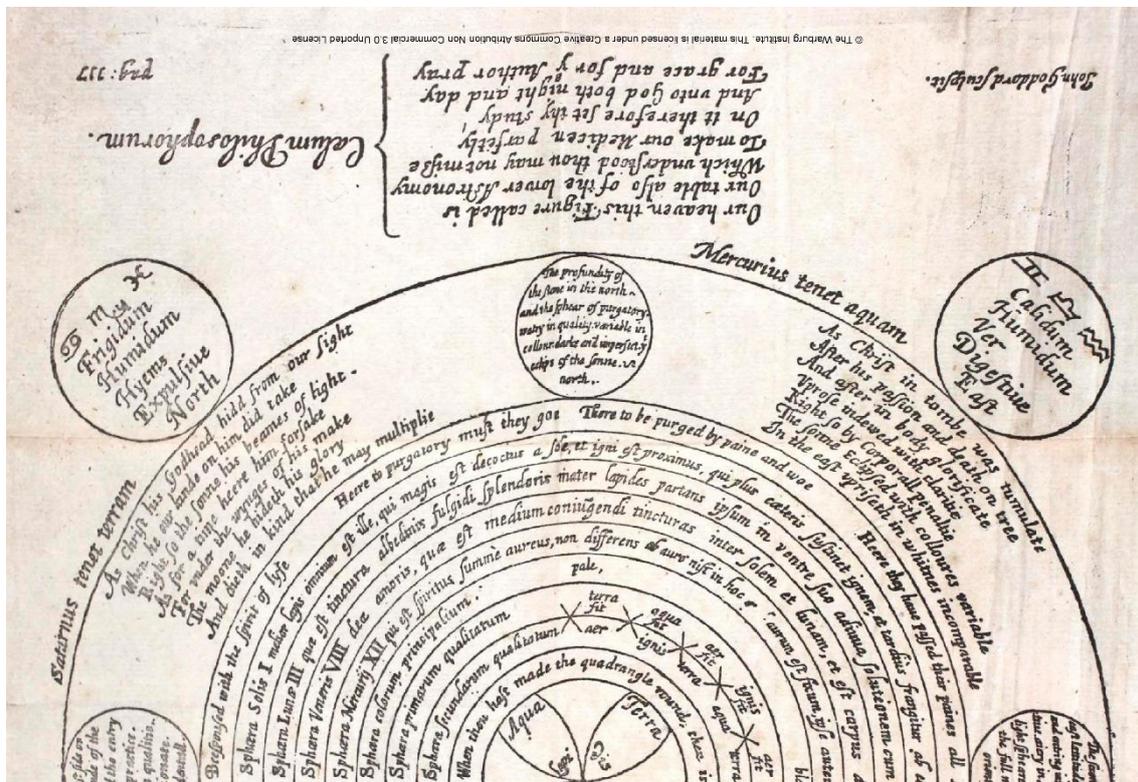
do capítulo, em que a dissolução é caracterizada como aquela que “mostra o que estava escondido da vista”.²⁷¹

²⁷¹ *Compound*, D₁v, 1-2. “Of *Dissolution* now will I speake a word or two, / Which sheweth out what erst was hid frō sight”.



(Figura 3.1.: recorte do lado direito da Roda dos elementos, mostrando a passagem dos círculos do Oeste ao do Norte. A imagem foi girada em 90° para melhor leitura e visualização.)

O alquimista prossegue no giro da *Roda*. Depois dos noventa dias de purgatório, deve-se tomar curso rumo ao Leste (cf. figura 3.2, abaixo), onde o material será transformado em ar, quente e úmido (*calidum e humidum*). Com os noventa dias de purgação, o Sol (ouro) ascenderá com a luz do dia e, no verão, trará conforto ao alquimista tornando-se um “branco perfeito”.²⁷²



(Figura 3.2: recorte da parte inferior da *Roda dos elementos*, mostrando a passagem do círculo Norte ao Leste. A imagem foi girada em 180° para melhor leitura e visualização).

Em seguida, o processo está chegando ao fim. Do Leste, ascende-se ao Sul – na ordem da imagem, o círculo do Leste fica imediatamente abaixo do círculo do Sul – no qual o alquimista se sentará na “cadeira de fogo”. Lá ocorrerá a “colheita” deste trabalho, onde o Sol brilhará em seu “*Hemisfério*”, depois do eclipse, em vermelhidão gloriosa, como “Rei que reinará sobre todos os metais e Mercúrio”.²⁷³

²⁷² *Compound*, D3f, 1-7. “Then take thy course up to the East anone, / By colours passing variable in manifolde wise, / And then be winter and vere nigh overgone, / To the East therefore thine ascending devise, / For there the Sunne with daylight doth uprise / In sommer, and there disport thee with delight, / For there thy worke shall become perfect white”.

²⁷³ *Ibid.*, 8-14. “Foorth from the East into the South ascend, / And set thee downe there in the chaire of fire, / For there is harvest, that it to say an end / Of all this worke after thine owne desire, / There shineth the Sunne up in his *Hemisphere*, / After the Eclipses in rednes with glorie, / As king to raigne upon all mettals and Mercurie”.

Isto conclui o giro no capítulo segundo, *Da dissolução*. A *Roda dos elementos* será mais uma vez invocada adiante, no sexto capítulo, *Da congelação*, em que o processo deve ser repetido.

Quando tiveres feito sete vezes a Imbibição,
Novamente então terá de girar sua roda,
E putrificar toda a matéria sem adição,
Primeiro sofrendo a negrura se quiseses fazer bem,
Então congelando em brancura cada parte,
E depois pela vermelhidão ascenda ao sul,
Então terá trazido sua base a um fim.²⁷⁴

Uma vez mais a *Roda* é invocada, desta feita, para ser girada três vezes durante o processo de alimentação (“*cibation*”).²⁷⁵ No décimo capítulo, *Da exaltação*, ela deverá ser girada uma última vez.²⁷⁶

A *Roda dos elementos* faz parte de uma tendência tardia na história da alquimia. O uso de diagramas, desenhos, figuras geométricas – enfim, de recursos visuais não-textuais – é algo mais comum ao próprio século XV e aos séculos seguintes. Existem exemplos de usos anteriores, mas escassos, como nota Barbara Obrist.²⁷⁷ Entre os séculos XIII e XV, antes da difusão das imagens, boa parte da visualização nos textos alquímicos era feita através de recursos propriamente linguísticos.

Ainda segundo a historiadora francesa, as analogias, por exemplo, faziam parte de um esquema argumentativo que tinha por objetivo integrar a alquimia às teorias científicas aceitas à época. Analogias eram desenvolvidas em diferentes níveis, dentre os quais um se dedicava às teorias gerais de cosmologia; outro, às áreas particulares e substâncias; e um último à imitação da natureza pela arte. Os três níveis de argumentação combinavam a estrutura do aristotelismo medieval e das influências neoplatônicas sobreviventes da *translatio studii*.²⁷⁸

A *Roda dos elementos* do *Compound of alchimy* parece ser a combinação do uso das figuras geométricas (que, segundo Obrist, foi especialmente desenvolvido na

²⁷⁴ *Compound*, H₂f, 8-14. “When thou hast made seaven times Imbibition, / Againe then must thou turne about thy wheele, / And putrifie all that matter without addition, / First blacknes abiding if thou wilt doe weele, / Then into whitenes congeale it up each deele, / And after by rednes into the south ascend, / Then hast thou brought thy base unto an end”.

²⁷⁵ *Op. cit.*, H₃f, 8-14. Não há um correspondente mais direto para o termo *cibation* na língua portuguesa atual. De acordo com o Middle English Dictionary, a definição (que é, aliás, retirada do próprio *Compound*) é de “‘alimentar’ a ‘matéria’ com material fresco”. Assim, preferi utilizar o verbo que coordena a ação do procedimento para substantivá-lo e referir o processo. Disponível em: <<https://quod.lib.umich.edu/cgi/m/mec/med-idx?type=byte&byte=27559791&egdisplay=compact&egs=27560642>>.

²⁷⁶ *Op. cit.*, I₄f, 15-21; 22-28.

²⁷⁷ OBRIST, 2003, p. 131.

²⁷⁸ *Ibid.*, pp. 136-7.

alquimia pseudo-luliana)²⁷⁹ com os recursos textuais, que remetem diretamente ao texto do tratado e o resumo. A fama de Ripley acompanhará o desenvolvimento da tendência visual da alquimia, ao ponto de, entre os séculos XVI e XVII, surgir uma série de ilustrações que lhe foi atribuída e hoje é conhecida como os *Ripley Scrolls*.²⁸⁰

A *Roda dos elementos* e todos os recursos linguísticos e textuais vistos até aqui apontam, em meu entendimento, para uma inseparável relação entre texto e corpo. Era necessário ao praticante de alquimia ter acesso a um texto (ou, mais provavelmente, textos) – escrito ou recebido oralmente – do qual partiria sua jornada prática. Na situação oral, o texto alquímico nivela os praticantes e as diferenças entre indivíduos não são hierárquicas (como na escritura), mas sim de posição em relação à transmissão: ora mestre-intérprete, ora aprendiz-ouvinte. A presença das pessoas era inevitável. O uso de seus corpos, imprescindível. A voz por trás do texto revela um corpo, um indivíduo. Essa voz, no entanto, tem outra tarefa na escritura: quando ela se torna autoridade, ela dá o corte e estabelece a diferença. A escritura, ao nomear, *cria identidades*.

O discurso do alquimista

O trecho que epigrafa o segundo capítulo desta dissertação pertence, como dito, ao quinto capítulo do *Compound*, chamado *Da putrefação*. A longa digressão que lá pode ser encontrada é o assunto desta última seção. É nessa digressão, nesse ato escritural que decide falar do *Outro*, que se encontra a linha que delimita uma prática que se quer legítima.

Do que se fala nessa digressão? O autor inicia falando que muitas pessoas são levadas ao trabalho alquímico por “fantasias”, quebrando potes e recipientes dias após dia, “envenenando-se e perdendo suas vistas”, com odores e fumaças, virando noites em claro.²⁸¹ Ripley os descreve: suas roupas são sujas e surradas, “os homens podem farejá-los por multiplicadores onde quer que vão”, seus olhos são turvos, suas bochechas magras e tristes, e quando perdem o que tinham em suas bolsas queixam-se e “xingam os Filósofos”.²⁸² O autor continua: suas casas são incríveis, com fornos, recipientes os mais

²⁷⁹ OBRIST, 2003, pp. 158-60.

²⁸⁰ Os *Ripley Scrolls* foram digitalizados pela Biblioteca Britânica e disponibilizados no seguinte endereço digital: <http://www.bl.uk/manuscripts/FullDisplay.aspx?ref=Add_MS_5025&index=1>.

²⁸¹ *Compound*, F₂v, 8-14. “But many men be moov’d to worke after their fantasie, / In many subjects in which be tinctures gay; / Both white and red divided manually / To sight, but in the fire they flye away: / Such breake pottes and glasses day by day, / Emboysoning themselves and loosing their sights, / With odours, smoakes, and watching up by nights”.

²⁸² *Ibid.*, 15-21. “Their clothes be boudy and worne thread bare, / Men may them smell for multipliers where they goe, / To file their fingers with corosives they doo not spare, / Their eyes be bleard, their cheekes leane

diversos, “que sais, que pós, que óleos, que águas pungentes”! Falam eloquentemente da *materia prima*, mas jamais encontraram a verdade.²⁸³

Claramente, Ripley ironiza todos aqueles que se passam por alquimistas, mas jamais foram capazes de demonstrar o conhecimento verdadeiro da arte alquímica. As farsas são tão ousadas quanto a promessa de ajudar o rei inglês a vencer a França, no conflito que ficou conhecido como a Guerra dos Cem Anos:

Esta irmandade conhece nossa pedra muito bem,
Eles se pensam mais ricos que o Rei,
Eles o ajudarão, ele não deverá falhar
A *França* vencer, uma coisa maravilhosa,
A santa Cruz eles trarão para casa,
E se o Rei fosse prisioneiro, eu assumo,
Rapidamente seu resgate eles fariam.²⁸⁴

Um dos pontos favoritos destes farsantes, a Igreja de Westminster ficava apinhada deles.²⁸⁵ Tão honrados, estes homens, os sargentos os esperavam a cada hora e os procuravam rua por rua! Mercadores e ourives montavam guarda para esperá-los. Muitos tolos os seguiam e muitos apostavam em suas reivindicações; alguns até conseguiam suas riquezas de volta, outros ganhavam uma libra após terem gasto dez. Receber um nobre de ouro, uma felicidade completa. Quando os sargentos os prendiam, diz Ripley, nada mais se encontrava em suas bolsas do que quinquilharias ou, no mínimo, imagens de São Martim. O dinheiro? Urina nos muros.²⁸⁶

As ironias continuam por mais alguns versos. O que cria a diferença entre *aquele que escreve e aquele sobre o qual se escreve*? A conduta desses farsantes, para começar, é expressa e duramente reprovada. Os versos abaixo não poderiam ser mais claros:

Atente, quem se mistura com esta rica companhia,
Grande ostentação eles fazem de seus ganhos:
Por eles devem colher por sua Filosofia tanto,
Quanto podem tirar do rabo de um macaco:
Cuidado, portanto, pela graça de Jesus,
E não se meta com nada de grande custo,

and blowe, / And thus for had I wist they suffer losse and woe: / And such when they have lost that was in their purse, / Then doo they chide, and Philosophers sore doo curse”.

²⁸³ *Compound*, F_{2v}, 22-28. “To see their houses it is a noble sport, / What furnaces, what glasses there be of divers shapes, / What salts, what powders, what oyles, waters fort, / How eloquently *de Materia prima* their tungs do clap, / And yet to finde the truth they have no hap; / Our our Mercurie they meddle & of our sulphure vive, / Wherein they dote, and more and more unthrive”.

²⁸⁴ *Op. cit.*, F_{3f}, 15-21. “This fellowship knoweth our stone right weele, / They thinke them richer than is the King, / They will him help, he shall not faile / *Fraunce* for to winne a wondrous thing, / The holy Crosse home will they bring, / And if the King were prisoner ytake, / Right soone his raunsome would they make”.

²⁸⁵ *Ibid.*, 22-28. “A mervaille it is that *Westminster* Kerke, / To the which these Philosophers doo much haunt, / Since they can so much riches werke / As they make boast of and avaunt, / Drinking daylie at the wine a due taunt, / Is not made up perfectly at once; / For truly it lacketh yet many stones”.

²⁸⁶ *Op. cit.*, F_{3v}, 1-28. O leitor pode consultar os versos na transcrição oferecida no Anexo I.

Pois se fizer, nada mais é que perda.²⁸⁷

Outro ponto, que aparece mais de uma vez, é o da educação formal do indivíduo. O verdadeiro alquimista é versado em filosofia natural.²⁸⁸ Mais que isso, para Ripley, o que o diferencia daqueles sobre quem fala é a educação propriamente institucional.

Alguns deles nunca aprenderam uma palavra nas Escolas,
Deveriam esses pela razão entender a Filosofia?
São eles Filósofos? Não, são tolos:
Pois seus trabalhos se provam desleixados (...)²⁸⁹

Esse ato de diferenciação que se coloca pela escritura contribui à contradição da figura do alquimista e da criação de seu texto. A prática da alquimia – sua feitura como performance de um texto – elimina as barreiras verticais, as hierarquias. Mas, só as elimina na medida em que o intérprete sabe o que está fazendo. A performance do texto alquímico não é dada a qualquer um. Ela só pode ser realizada por alguém que tenha sido educado na tradição textual do saber.

Desta análise, tiro duas consequências: o discurso do alquimista sobre o *Outro* cria as próprias condições de existência e manutenção de sua identidade, da existência de um *Mesmo*, que é ligada a um saber. O que se encontra fora dessas condições que o alquimista dá a si mesmo pode-se apenas considerar como falso. Esse procedimento discursivo é, antes de tudo, um procedimento de exclusão.²⁹⁰ No capítulo anterior, ao discutir a relação entre alquimia e heresia, já discuti essa questão sobre outra visada: na escritura do *Compound*, é o texto que define a norma e, portanto, define quem não lhe pertence.

A segunda consequência é que no momento em que o alquimista decide negar a participação do *Outro* em seu saber, ele confirma sua existência. O farsante não tem lugar de fala em seu discurso, mas aparece, ainda que como objeto da negação, em um “retorno do outro no discurso que o proíbe”, como diz Michel de Certeau. O reconhecimento desse *Outro* parece ser o reconhecimento de uma transgressão, de algo que aquele que *profere o discurso* entende como algo que não é discurso. Em outras palavras, trata-se de uma questão de validação: apenas o alquimista, em sua escritura e *através* dela, estabelece um

²⁸⁷ *Compound*, G₁f, 1-7. “Lo who so meddleth with this rich companie, / Great boast of their winning they may make: / For they shall reape as much by their Philosophie, / As they of the taile of an ape, can take: Beware therefore for Iesus sake, / And meddle with nothing of great cost, / For if thou doe, it is but lost”.

²⁸⁸ *Op. cit.*, F₃f, 8-14. “They talke of the red man and of his white wife, / That is a speciall thing, and of the Elixers two, / Of the Quintessence, and of the Elixer of life, / Of honie, Celidonie, and of *Secondines* also, / These they divide into Elements, with others moe; / No multipliers, but Philosophers called will they bee, / Which naturall Philosophie did never read nor see”.

²⁸⁹ *Op. cit.*, G₁f, 22-25. “Some of them never learned a word in Schooles, / Should such by reason understand Philosophie? / Be they Philosophers? Nay, they be fooles”.

²⁹⁰ FOUCAULT, 2014, pp. 31-2.

regime do que é verdadeiro. Para além das redes textuais que ele ali estabelece e das quais pode ser *corretamente* feita uma performance, tudo se trata de fraude.²⁹¹ Via de mão dupla: de um só lance, cria-se um espaço em que se afirma a verdade do *Mesmo* e nega-se a verdade do *Outro*; ao negar que o *Outro* profira um discurso, confirma sua existência.

Na escritura, a alquimia encerra sua verdade como saber, mas nunca se desvencilhando de sua prática. Em um jogo de posições que são trocadas incessantemente, encontram-se o mestre e o aprendiz, o escritor e o leitor, o intérprete e o ouvinte. Ao se assemelhar a seus contemporâneos da profissão médica e tentar, pela definição de seu saber, criar uma norma e negar a entrada dos indignos, o alquimista tira das sombras seu reverso: ao nobre, o sujo; ao humilde, o ganancioso; ao inteligente, o desleixado. Conclusão nada surpreendente: no jogo dos opostos se faz a alquimia.

²⁹¹ CERTEAU, 2017, p. 268.

Considerações finais

Foi-se o tempo que o texto alquímico poderia ser considerado como parte de uma cultura fechada, cujos segredos não se revelavam diante das perguntas dos historiadores. Cada vez mais a historiografia reabilita a alquimia ao *mainstream* da história. Esse avanço é marcado pelo privilégio de alguns métodos sobre outros, expondo uma desigualdade entre os variados aspectos do tema. Mas, de acordo com a pesquisa de Marcos Martín-Torres, esse vão entre as especializações sobre o tema parece cada vez menor.²⁹²

No entanto, ainda que a proliferação de trabalhos sobre alquimia nos últimos vinte ou trinta anos tenha coberto diversos aspectos do tema, a historiografia da alquimia ainda carece de pesquisas que deem atenção às dinâmicas entre oralidade e escritura no texto alquímico. Isto não é dizer que os historiadores de outras visadas tenham ignorado essas dinâmicas por completo, mas sim que seus trabalhos as sugeriram sem, contudo, explorá-las.

A abordagem por mim preferida tem uma visada muito mais próxima da antropologia histórica e tudo que o conceito de mentalidade proporcionou à historiografia de Bloch e Febvre à obra de Jacques Le Goff. No entanto, considero, com Paul Zumthor, que “a história das mentalidades e dos modos do raciocínio (de fato, quase tudo o que designa nosso termo *cultura*) é determinada pela evolução dos meios de comunicação”.²⁹³ Por essa perspectiva é que optei em dar maior ênfase à construção do conceito de alquimia em um texto a partir dos elementos que poderiam ser identificados como seus meios de transmissão.

Assim, os capítulos que compõem meu texto não têm uma relação necessariamente vertical, mas horizontal. Lado a lado, cada um tenta demonstrar uma face do texto, cada uma delas ligada a um espaço de circulação de ideias e de práticas. No primeiro capítulo, o texto alquímico se liga à filosofia natural e aos textos aristotélicos; no segundo, ele se liga à universidade – considerada em sua estrutura e como lugar de produção de saber – e à Igreja – considerada igualmente em estrutura e como executora do poder; por fim, o terceiro se liga às práticas de comunicação por escrito.

No centro da relação entre alquimia e esses espaços de circulação de ideias e práticas estão a oralidade e a escritura, cuja dinâmica e tensão movimentam a alquimia

²⁹² Cf. MARTÍN-TORRES, 2011.

²⁹³ ZUMTHOR, 1993. p. 96.

entre seus aspectos teóricos e técnicos; entre sua condição de saber e de prática. O que esclarece como o conceito se constrói, ora mais próximo do saber teórico, ora mais próximo de uma prática, é a aproximação ou distanciamento desses espaços na medida em que os aspectos oral e prático ou o aspecto teórico são enfatizados.

No texto alquímico, a técnica – o uso dos sentidos – é presumida pelas marcas de oralidade. Na medida em que o texto deixa entrever a possibilidade de sua transmissão oral fica marcada a presença de uma voz – portanto, de uma pessoa. Essa perspectiva tem a vantagem de ligar o texto alquímico à realidade e não à virtualidade de estados psíquicos, antiga proposição de Jung e que se difundiu aos observadores leigos.

Aos olhos da universidade, a alquimia é técnica. Para a Igreja, é fraude. Para o alquimista, é um saber que melhora a filosofia natural por seu aspecto prático e que, por seu objetivo nobre, se afasta de qualquer imputação de fraude. E é na prática escritural que o discurso se manifesta e confirma esse afastamento do estigma criado pela Igreja, ao mesmo tempo que cria um lugar próprio para a alquimia e seus praticantes no rol dos saberes e práticas da sociedade da Europa do século XV.

Portanto, trata-se de interpretar o texto sob a condição de algo que não é rígido nem fechado, mas sim como síntese de um intenso movimento de trocas de posições: intérprete ou ouvinte; escritor ou leitor; artesão ou *artista*; ortodoxo ou transgressor; beato ou fraudador. Para cada relação, do texto ao mundo, da sociedade ao texto, a alquimia e seus praticantes deslizam entre essas posições.

Tentar uma conclusão sobre um período ou sobre a alquimia como conceito aplicável à cultura de fins da Idade Média e início do período moderno demandaria, sem dúvida, uma pesquisa de longa duração e que dispusesse de uma série documental vultuosa. No entanto, faz-se necessário reforçar que no contexto da historiografia brasileira, analisar um fenômeno predominantemente europeu requer uma série de recursos dos quais raros pesquisadores brasileiros dispõem. Considerando-se a dificuldade de acesso aos documentos pela ausência de digitalização dos mesmos, apenas com recursos financeiros estáveis e bem empregados poder-se-ia ter oportunidade de visitar os arquivos. Diante de um quadro de crescente precarização da pesquisa universitária brasileira as barreiras tornam-se ainda maiores.

Autoras como Michela Pereira e Chiara Crisciani fazem um esforço considerável em disponibilizar seus trabalhos em páginas pessoais.²⁹⁴ Seus esforços, no entanto, ainda

²⁹⁴ As duas autoras possuem perfis no site Academia.edu, no qual costumam disponibilizar textos que, de outra forma, estariam acessíveis apenas via compra de edições virtuais ou físicas dos periódicos.

são relativamente pouco recebidos, pois suas principais publicações são escritas em italiano e têm circulação menor. Diante disso, a historiografia anglófona se impõe. As barreiras linguísticas e de mercado editorial tornam o acesso à historiografia da alquimia muito difícil e, a meu ver, conseqüentemente impedem que surjam maiores questionamentos vindos fora do eixo europeu e norte-americano. Portanto, os novos caminhos da historiografia da alquimia pressupõem uma acessibilidade maior às pesquisas e aos documentos.

Descontados estes problemas acredito que muito pode ser feito ainda na direção de uma sociologia histórica.²⁹⁵ Diante de uma clara e intensa relação do ser humano com a escritura e a leitura, a historiografia da alquimia urge de exemplos que demonstrem as redes textuais e de leitura. A própria natureza dos escritos alquímicos, que possuem textos significados pelas letras e pelas imagens, é merecedora de novas observações e questionamentos, na esteira de *Les débuts de l'imagerie alchimique*, de Barbara Obrist. E, como comentado no terceiro capítulo, há de se observar a questão da forma textual: por que a poesia alquímica foi tão prolífica na Inglaterra? Quais outras formas se destacaram no resto da Europa e por quê?

Há, ainda, a questão de explorar melhor textos da Antiguidade. Pesquisas poderiam ser feitas para esclarecer as relações entre alquimia, hermetismo e neoplatonismo. Em especial, o hermetismo é estreitamente associado à alquimia pela força simbólica de Hermes Trismegisto e as pessoas que se consideram praticantes contemporâneas costumam associá-los sem a devida qualificação ou diferenciação. Colaborações como o clássico *La révélation d'Hermès Trismégiste*, de André-Jean Festugière, parecem seguir sem continuações de grande notabilidade.²⁹⁶ Poder-se-ia, a partir de tal pesquisa, dar notícias do mundo bizantino, que parece ainda ignorado quando nos referimos à alquimia.

Pode-se dizer que muito do que compõe a visão leiga sobre a alquimia hoje é devido ao romantismo oitocentista e seu interesse pelo “oculto”.²⁹⁷ A ideia de oculto é vaga e problemática ao historiador de qualquer área que seja, pois nela são amalgamados os mais diversos saberes e práticas.²⁹⁸ Nesse conjunto nebuloso sempre figurou a magia,

²⁹⁵ Veja-se, por exemplo, os diversos trabalhos de Roger Chartier sobre livros e leitores no período moderno.

²⁹⁶ Devo esta lembrança a uma conversa com o companheiro Francisco Gabriel, da Faculdade de Filosofia da Unirio.

²⁹⁷ NEWMAN; PRINCIPE, 2001, pp. 388-401.

²⁹⁸ Para uma discussão do assunto, cf. VICKERS, 2008; NEWMAN, 2009.

em toda sua extensão histórica. Através de sua associação com o temor do Diabo e dos demônios, a magia tornou-se o alvo da caça às bruxas que marcou a história europeia nos primórdios da Era moderna e suscitou ao longo de várias décadas acalorados debates historiográficos. Por fim, a perseguição realizada às bruxas esteve sempre ligada ao combate às heresias. Na esteira do segundo capítulo, acredito que poderiam surgir alguns estudos que privilegiassem a relação da alquimia com bruxaria e a heresia. Olhar estes dois fenômenos poderia ser benéfico a uma tentativa de problematizar o estatuto social do alquimista e as razões de sua marginalização.

Ao cabo destas considerações, acredito que o futuro da historiografia da alquimia esteja associado a análises de maior fôlego sobre a circularidade e transformação de formas e práticas culturais, para além do âmbito dos paradigmas científicos e dos indivíduos que foram seus campeões. Tomando por exemplo a belíssima pesquisa de Anke Timmerman sobre um conjunto anônimo de textos alquímicos, são eles, os textos, principais comunicadores deste saber, que devem ser colocados à frente nos vindouros esforços.

ANEXO

Abaixo, segue a transcrição do *Compound of alchimy*, elaborada por mim. O texto segue a edição impressa e editada por Ralph Rabbards, em 1591, e publicada por Thomas Orwin em Londres. A transcrição indica, em negrito>, o bloco da página (A, B, C, etc.), o número, seguido da indicação de frente ou verso: no bloco C, a frente do fólio da página 1 se dá como C₁f. Sinais gráficos e itálicos seguem o do texto original. Considerando sua estrutura em versos e o longo número de páginas, o texto foi organizado em duas colunas, que seguem da esquerda para a direita, de cima para baixo. As margens foram ajustadas para o padrão estreito (1,27 cm em todos os lados) para que as linhas pudessem ser mantidas ao máximo de sua integridade. A transcrição inclui apenas os textos atribuídos a George Ripley, excluindo os eventuais elementos pré-textuais escritos pelo editor.

[B₁f]

*The Compound of
Alchymie.*

A most excellent, learned, and wor-
thie worke, written to king Edward
tht fourth, by Sir George Ripley,
Chanon of Bridlington in York-shire, con-
tayneing twelve gates.

The Prologue.

Childe of this discipline incline to me thine eare
And harkē to my doctrine with al thy diligēce
These words of wisdomē in minde doe thou (beare,
Which of olde fathers be true in sentence:
Live cleane in soule, to God doe no offence.
Exalt thee not but rather keepe thee lowe,
Else will thy God in thee no wisdomē sowe.

From sinfull doctrine and wicked thought,
The holy spirite doth him withdraw,
Nilling to dwell where sinne is wrought:
Dread God therefore and obey his law:
A righteous man forsooke I never sawe:
Neyther his seede begge bread for neede:
In holy scripture this doe I reede.

[B₁v]

Make wisdomē therefore thy mother to be,
And call on Prudence to be thy friend,
By pathes of truth they will guide thee,
With love and honesty wheresoever thou wend:
Both vertuous to be, curteous and hend:
Pray God therefore that thou maist finde,
Wisdomē and Prudence with mouth and minde.

All manner good come with them shall,
And honestie by their hands innumerable,
Then in cumbrance shalt thou not fall,
So be they in riches incomparable:
To worship and profite they will thee able,
To cunning and all manner of grace,
Both here and after thy lives space.

For these benefites which they doe bring,
I meane these vertues of prudence and sapience,
To whome I can compare no thing,
No riches, nor spices of redolence,
Above all treasure such is their excellence,
That whatsoever earthly precious is,
To them is compared as clay lwis.

Infinite treasure to man they be,
Who useth them shall friendship have
With God in heaven and there him see,
After them there busily crave,
For bodie and soule they will both save,
And here in goods thee multiply;
And afore princes thee dignifie.

[B₂f]

Thinke how *Adam* lost his wisdomē,
Sampson his might which was so strong:
King *Saule* also lost his kingdome,
And *David* was punished for his wrong:
In the Oke by the haire fayre *Absolon* hong,
King *Ezechias* by sicknes had punishment,
And many one moe for sinne was shent.

But see how other which lived weele,
And to their God did no offence,
Such chastisement did never feele;
But God sheweth ever to them benevolence,
Enoch and *Hely* were carried hence,
To Paradiſe, and orher good livers were
Of God rewarded in diverse mannere.

Some had great Fortune, some great cunning,
Some had great peace, some great riches,
Some conquered lands to their great wyning;
Some were exalted for their great meeknes,
Some other were saved from the cruelnes
Of Tyrants, Lyons, and of the hot furnace,
As *Daniel* and others in many a place.

Thus to good livers God sent great grace,
And unto sinners great and sore punishment,
Some to amend in this life had space,
Some sodainely with fire from heaven were brent,
Sinfull Sodomites for ever were shent,
With *Dathan* and *Abiron* with many moe,
Which sunke for sinne to endles woe.

[B₂v]

Thus ever sith this world was wrought,
God hath rewarded both evill and good:
Thus if it may rest in thy thought,
From sinfull living to change thy moode.
If sinfull people this understoode,
They ought to be afrayde God to offend,
And soone their sinfull lives to amend.

Therefore with God looke thou beginne,
That he by grace may dwell with thee,
So shalt thou best to wisdomē winne;

And knowledge of our great privitie:
Nourish vertues, and from vices flee,
And trusting thou wilt thee well dispose,
Our secrets to thee I will disclose.

Keepe thou them secreate and for me pray,
Looke that thou use them to Gods pleasure,
Doo good with them what ever thou may;
For time thou shalt this life indure,
That after thy ende thou mayst be sure
In heaven for to rewarded be,
Which God graunt both to me and thee.

FINIS

[B₃f]

The Preface.

O High incomprehensible and glorious Maiestie,
Whose luminous beames obtundeth our specula-(tion),
O trinehood in person ô onehood in deity,
Of Iherarchiall Iubilists gratulant glorification,
O piteous purifier of soules and pure perpetua[t]ion,
O deviant from danger, ô drawer most debonayre,
From this troublesome vale of vanitie, ô our Exalter.

O power, ô wisdom, ô goodnes inexplicable,
Supporte me, teache me, and be my governor,
That never my living to the be displicable,
But that I acquite me to thee as true professor,
At this beginning good Lord heare my prayer,
Be nigh with grace for to inforce my will,
Graunt witt that I may mine intent fulfill.

Most curious Cofer and copious of all treasure,
Thou art he from whome all goodnes doth descend,
To man and also to every creature,
Thine handy-work therefore vouchsafe to defend,
That we no time in living here mispend,
With troth here graunt us our living so to winne,
That into no danger of sinfulness we rinne.

And forasmuch as we have for thy sake
Renounced our wills, the world and fleshly lust,
As thine owne professors us to thee take,
Sith in thee onely dependeth all our trust;
We can no further; to thee incline we must:
Thy secret treasure vouchsafe unto us,
Shew us thy secrets and to us be bounteous.

[B₃v]

And amongst others which be profest to thee,
I me present as one with humble submission,
Thy servant beseeching that I may bee,
And true in living according to my profession,
In order Chanon Regular of *Bridlington*;
Beseeching thee Lord thou wilt me spare,
To thy true servants thy secrets to declare.

In the beginning when thou mad'st all of nought,
A globous matter and darke under confusion,
By him the beginning marveilously was wrought,
Conteyning naturally all things without division:
Of which in six dayes he made cleere distinction:
As Genesis apertly doth record,
Then heaven and earth were perfected by his word.

So through his will and power, out of one mas
Confused; was made each thing that being is,
But afore in glory as maker he was,
Now is and shall be without end Iwis,
And purified soules up to his blis
Shall come a principle this may be one,
For the declaring of our precious stone.

For as one masse was made all thing,
Right so in our practice must it be,
All our secreats of one Image must spring,
As in Philosophers bookes whoso list to see,
Our stone is called the lesseworld, one and three;
Magnesa also of sulphure and Mercurie,
Proportionate by nature most perfectlie.

[B₄f]

But many one merveileth and marvaile may,
And museth on such a marveilous thing,
What is our stone; sith Philosophers say
To such as ever be it in seeking.
For foules and fisshes to us doth it bring,
Every man it hath, and it is in every place,
In thee in me, and in each thing, time and space?

To this I answer that *Mercurie* it is I wis,
But not the common called quicksilver by name,
But *Mercurie* without which nothing being is,
All Philosophers record and truly saine the same,
But simple searchers putteth them in blame,
Saying they hid it but they be blame worthy,
Which be no Clearkes and meddle with Philosophy.

But though it *Mercurie* be, yet wisely understand,
Wherein it is, and where thou shalt it seech,
Else I counsell thee take not this work in hand,
For Philosophers flatter foules with fayre speech:
But listen to me, for truly I will thee teach,
Which is this *Mercurie* most profitable,
Being to thee nothing deceivable.

It is more neere in some things than in some;
Therefore take heede what I to thee write
For it knowledge to thee never come,
Therefore yet shalt thou me not twite,
For I will truely now thee excite
To understand well *Mercuries* three,
The keyes which of this science bee.

[B₄v]

Raymond his menstrues doth them call,
Without which truly no trueth is done;
But two of them be superficial,
The third essentiall of Sunne and Moone,
Their properties I will declare right soone,
And Mercurie of mettalls essentiall,
Is the principle of our stone materiall.

In Sunne and Moone our Menstrue is not seene,
It appeareth not but by effect to sight,
That is the stone of which we meene,
Who so our writings conveiveth aright,
It is a soule, a substance bright.
Of Sunne and Moone a subtile influence,
Whereby the earth receiveth resplendence.

For what is Sunne and Moone sayth *Avicen*,
But earth which is pure white and red:
Take from it the said cleerenes, and then
That earth will stand but in little stead;
The whole compound is called our lead:
The qualitie of cleerenes from Sun and Moone dooth
(come,
These are our menstrues both all and some.

Bodies with the first we calcine naturally
Perfect, but none which been uncleane,
Except one which is usually
Named by Philosophers the Lyon greene:
He is the meane the Sunne and Moone betweene
Of winning tincture with perfectnes,
As *Geber* thereunto beareth witness.

[C₁f]

With the second which is an humiditie
Vegetable, reviving that earst was dead,
Both principles materials must loosed be
And formalls, els stand they little in stead:
These menstrews therefore know I thee reed,
Without the which neither true calcination
Done may be, nor true dissolution.

With the third humiditie most permanent,
Incombustible and unctuous in his nature,
Hermes tree unto ashes is brent,
It is our naturall fire most sure,
Our Mercurie, our Sulphur, our tincture pure,
Our soule, our stone borne up with winde
In the earth ingendred, beare this in minde.

This stone also tell thee I dare,
Is the vapour of metalls potentiall,
How thou shalt get it, thou must beware,
For invisible truly is this menstruall,
Howbeit with the second water philosophicall,
By separation of Elements it may appeare
To sight, in forme of water cleare.

If this menstrue by labor exuberate
With it may be made Sulphur of nature,
If it be well and kindly acuate
And circulate into a spirit pure,
Then to dissolve thou must be sure,
Thy base with it in divers wise,
As thou shalt know by thy practice.

[C₁v]

That poynt therefore in his due place,
I will declare with other moe,
If God will graunt me grace and space,
And preserve in life from woe,
As I thee teach looke thou doe so:
And for the first ground principall,
Understand why waters menstruall.

And when thou hast made *Calcination*,
Encreasing not wasting moysture radically,
Untill thy base by oft subtilation,
Will lightly flowe as was upon mettall,
Then loose it with vegetable menstruall,
Till thou have oyle thereof in colour bright,
Then is that menstrue visible to sight.

And oyle is drawne out in colour of golde,
Or like thereto out of fine red lead,
Which *Raymond* sayd when he was olde,
Much more than golde would stand in stead:
For when he was for age nigh dead,
He made thereof *Aurum potabile*,
Which him revived as men might see.

For so together may they be circulate,
That is the base oyle and the vegetable menstruall,
So that it be by labor exuberate,
And made by craft a stone celestiall,
Of nature so firie that we it call,
Our *Bazeliske* or our *Cockatrice*,
Our great *Elixer* most of price.

[C₂f]

Which as the sight of *Bazeliske* his object
Killeth, so fleyeth it crude *Mercurie*,
When thereupon he is proiect,
In twinkle of an eye most sodainly,
That *Mercurie* then teineth permanently,
All bodies to Sunne and Moone perfect,
Thus guide thy base both red and white.

Aurum potabile thus is made,
Of golde not commonly calcinate,
But of our tincture that will not fade,
Out of our base drawn with the menstrue circulate
But naturall calcination must algate
Be made, ere thy golde dissolved may bee,
That principle first therefore I will teach thee.

But into chapters this Treatise I will divide,
 In numbers twelve with due recapitulation;
 Superfluous rehearsalls Ile lay aside,
 Intending onely to give true information,
 Both of theorick and pratck operation:
 That by my writing whoso guided will bee,
 Of his intent perfectly speede shall hee.

The first chapter shall be of naturall *Calcination*,
 The second of *Dissolution* secreat and Philosophicall,
 The third of our elementall *Separation*,
 The fourth of *Coniunction* matrimoniall,
 The fift of *Putrification* follow shall,
 Of *Congelation* albificate shalbe the sixt,
 Then of *Cibation* the seaventh shall follow next.

[C₂v]

The secret of Sublimation the eight shall show;
 The ninth shall be of firmentation;
 The tenth of our exaltation I trow;
 The eleventh of our mervailous multiplication;
 The twelfth of proiection, then recapitulation:
 And so this treatize shall take an end,
 By the helpe of God as I intend.

Of Calcination.

The first Gate.

Calcination is the purgation of our stone,
 Restoring also of his naturall heate,
 Of radicall humiditie it looseth none,
 Inducing solution into our stone most meete,
 After philosophie I you behight
 Doo, but not after common guise,
 With Sulphures or Salts preparate in divers wise.

Neither with Corosives nor with fire alone,
 Neither with vineger nor with water ardent,
 Nor with the vapour of leade our stone
 Is calcined according to our intent:
 All those to calcining which so be bent,
 From this hard science withdrawe their hand,
 Till they our calcining better understand.

[C₃f]

For by such calcination their bodies be shent,
 Which minisheth the moysture of our stone:
 Therefore when bodies to powder be brent,
 Dry as ashes of tree or bone,
 Of such calxes then will we none;
 For moysture we multiple radicall,
 In calcining minishing none at all.

And for a sure ground of our true calcination,
 Worke wittely only kind with kind:
 For kind unto kind hath appetitive inclination,
 Who knoweth not this in knowledge is blind,

He may fourth wander as mist in the wind,
 Wotting never with profite where to light,
 Because he conceaves not our words aright.

loyne kind to kind therefore as reason is,
 For every burgeon answers his owne seede,
 Man getteth man, a beast a beast I wis,
 Further to treat of this it is no neede.
 But understand this poynt if thou wilt speede,
 Each thing is first calcined in his owne kind;
 This well conceived fruite therein shalt thou finde.

And we make Calx unctuous both white and red
 Of three degrees or our base be perfect,
 Fluxible as waxe, els stand they in no sted.
 By right long processe as Philosophers doo write,
 A yeare we take or more to our respite:
 For in lesse space our Calxes will not be made,
 Able to teyne with colour that will not fade.

[C₃v]

And for thy proportion thou must beware,
 For therein maist thou be beguil'd,
 Therefore thy work that thou not mare,
 Let thy bodie be subtilly fyl'de
 With *Mercury* as much then so subtil'd,
 One of the Sunne, two of the Moone,
 Till altogether like papp be doone.

Then make the *Mercurie* foure to the Sun;
 Two to the Moone as it should bee,
 And thus the worke must be begun,
 In figure of the Trinitee,
 Three of the bodie and of the spirite three,
 And for the unitie of the substance spirituall
 One moe than of the substance corporall.

By *Raymonds* reportory this is true,
 Proportion there who list to looke,
 The same my Doctor to me did shew,
 But three of the spirite *Bacon* tooke,
 To one of the bodie for which I awooke,
 Many a night ere I it wist.
 And both be true take which you list.

If the water also be equall in proportion
 To the earth, with heate in due measure,
 Of them shall spring a new burgeon,
 Both white and red in pure tincture,
 Which in the fire shall ever indure,
 Kill thou the quick the dead revive;
 Make trinitie unitie without any strive.

[C₄f]

This is the surest and best proportion,
 For there is least of the part spirituall,
 The better therefore shall be solution,
 Than if thou did it with waterswall,

Thine earth over glutting which loseth all
Take heede therefore to potters loame,
And make thou never too neshe thy wombe.

That loame beholde how it tempred is,
The meane also how it is calcinate,
And ever in minde looke thou beare this;
That never thine earth with water be suffocate,
Drye up thy moysture with heate most temperate,
Help *Dissolution* with moysture of the Moone,
And *Congelation* with the Sunne, then hast thou
doone.

Foure Natures into the fift so shalt thou turne,
Which is a Nature most perfect and temperate,
But hard it is with thy bare foote to spurne
Against a barr of yron, or steele new acuete,
For many doe so which be infatuate,
When they such high things take in hand,
Which they in no wise doe understand.

In egges, in vitriall, or in blood,
What riches wend they there to finde,
If they Philosophy understood,
They would not in working be so blinde;
Golde or silver to seeke out of kinde:
For like as fire of burning principe is,
So is the principle of gilding Gould Iwis.

[C₄v]

If thou intend therefore for to make
Gold and Silver by craft of our philosophie,
Thereto neyther egges nor bloud thou take
But Gold and Silver which naturally
Calcined wisely and not manually,
A new generation will forth bring,
Increasing their kinde as doth every thing.

And if it true were that profit might be
In things which be not mettalline,
In which be coulors pleasant to see,
As in bloud, egges, haire, urine, or wine,
Or in mean mineralls digd out of the myne,
Yet must that element be putrifid and separate,
And with Elements of perfect bodies be dispousate.

But first of these elements make thou rotacion,
And into water thine earth first of all,
Then of thy water make ayre by levigacion,
And ayre make fier, then Maister I will thee call
Of all our secrets great and small:
The wheele of Elements then canst thou turne about,
Truly conceiving our writings without doubt.

This done, goe backwards turning the wheele againe,
And into water turne thy fire anone,
Ayre into earth, els labourest thou in vaine,
For so to temperment is brought our stone,

And Natures contractions foure are made one,
After they have three times been circulate,
And also thy base perfectly consumate.

[D₁f]

Thus under the moysture of the Moone,
And under the temperate heate of the Sunne,
Thine Elements shalbe incinerate soone,
And then thou hast the maistrie wonne:
Thanke God thy worke was then so begunne,
For there thou hast one token trewe,
Which first in blacknes to thee will shewe.

The head of the Crowe that token call wee,
And some men call it the Crowes bill;
Some call it the ashes of *Hermes* tree,
And thus they name it after their will:
Our Toade of the earth which eateth his fill,
Some nameth it by which it is mortificate
The spirit with venome intoxicate.

But it hath names I say to thee infinite,
For after each thing that blacknes is to sight,
Named it is till time it waxeth white,
Then hath it names of more delight,
After all things that been full white,
And the red likewise after the same,
Of all the red things doth take the name.

At the first gate now art thou in,
Of the Philosophers Castell where they dwell,
Procede wisely that thou winne
In at moe gates of that Castell,
Which Castell is rounge as any bell,
And gates it hath eleven yet moe,
One is conquered, now to the secong goe.

The end of the first gate.

[D₁v]

Of Dissolution.

The second Gate.

Of *Dissolution* now will I speake a word or two,
Which sheweth out what erst was hid frō sight,
And maketh intenuate things that were thicke (also,
By vertue of our first menstrue cleare and bright,
In which our bodies eclipsed been of light,
And of their hard and drye compaction subtilate,
Into their owne first matter kindly retrograde.

One in gender they be, and in number two,
Whose Father is the Sunne, the Moone the Mother,
The Mover is *Mercurie*, these and no moe
Be our *Magnesia*, our *Adropp*, and none other
Things here be, but onely sister and brother,
That is to meane agent and patient,
Sulphure and *Mercury* coessentiall to our intent.

Betwixt these two equalitie contrarious,
 Ingendred is a meane most marveilously,
 Which is our *Mercury* and menstree unctuoues,
 Our secreat Sulphure working invisibly,
 More fiercely than fire burning the bodie,
 Dissolving the bodie into water minerall,
 Which night for darknes in the North we doe call.

[D₂f]

But yet I trow thou understand not utterly,
 The very secreat of the Philosophers *Dissolution*,
 Therefore conceive me I counsell thee wittily,
 For the truth I will tell thee without delusion:
 Our solution is cause of our *Congelation*,
 For *Dissolution* on the one side corporall,
 Causeth *Congelation* on the other side spirituall.

And we dissolve into water which wetteth no hand,
 For when the earth is integrately incinerate,
 Then is the water congealed; this understand
 For the elements be so together concatenate,
 That when the bodie is from his first forme alterate,
 A new forme is induced immediately,
 For nothing being without all forme is utterly.

And heere a secret to thee I will disclose,
 Which is the ground unto our secrets all,
 And it not knowne thou shalt but lose,
 Thy labour and costs both great and small,
 Take heed therefore in error that thou not fall,
 The more thine earth, and the lesse thy water be,
 The rather and better solucion shalt thou see.

Behold how yce to water doth relent,
 And so it must for water it was before,
 Right so againe to water our earth is went,
 And water thereby congeald for evermore,
 For after all Philosophers that ever were bore,
 Each mettall was once water mynerall,
 Therefore with water they turne to water all.

[D₂v]

In which water of kinde occasionate,
 Of qualities been repugnant and diversitie,
 Things into things must therefore be rotate,
 Untill diversitie be brought to perfect unities:
 For Scripture recordeth when the earth shall be
 Troubled, and into the deepe Sea shall be cast,
 Mountains and bodies likewise at the last.

Our bodies be likened conveniently
 To mountaines, which after high Planets we name,
 Into the deepnes therefore of *Mercurie*
 Turne them, and keepe thee out of blame,
 For then shalt thou see a noble game,
 How all shall become powder as soft as silke,
 So doth our rennit kindly kurd up our milke.

Then hath the bodies their first forme lost,
 And other been induced immediately,
 Then hast thou well bestowed the cost:
 Whereas other uncunning must by [?]
 Not knowing the secrts of our philosophie:
 Yet one poynt more I must tell thee,
 How each bodie hath dimensions three.

Altitude, Latitude, and also profunditie,
 By which allgates turne we must our wheele,
 Knowing that thine entrance in the West shall be,
 Thy passages forth to the North if thou doo weele,
 And there thy lights lose their lights each deele;
 For there thou must abide by ninetie nights
 In darknes of purgatorie withouten lights.

[D₃f]

Then take thy course up to the East anone,
 By colours passing variable in manifolde wise,
 And then be winter and vere nigh overgone,
 To the East therefore thine ascending devise,
 For there the Sunne with daylight doth uprise
 In sommer, and there disport thee with delight,
 For there thy worke shall become perfect white.

Foordth from the East into the South ascend,
 And set thee downe there in the chaire of fire,
 For there is harvest, that it to say an end
 Of all this worke after thine owne desire,
 There shineth the Sunne up in his *Hemisphere*,
 After the Eclipses in rednes with glorie,
 As king to raigne upon all mettals and Mercurie.

And in one glasse must be done all this thing,
 Like to an Egge in shape and closed weele,
 Then must thou know the measure of firing,
 The which unknowne thy worke is lost each deele:
 Let never thy glasse be hotter than thou maist feele
 And suffer still in thy bare hand to hold,
 For feare of losing, as Philosophers have told.

Yet my doctrine furthermore attend,
 Beware thy glasse thou never open ne meve
 From the beginning till thou have made an end;
 If thou doo contratie, thy worke may never cheve.
 Thus in this Chapter which is but briefe,
 I have thee taught thy true solution:
 Now to the third gate goe, for this is won.

The end of second gate.

[D₃v]

Of Seperation.

The third gate.

Separation doth each part from other divide,
 The subtil from the grosse, the thick frō the thinn
 But *Seperation* manuall looke thou set a side,

For that pertaines to fooles that little good doth winn,
But in our *Seperation* Nature doth not blinn,
Making division of qualities elementall,
Into a fift degree till they be turned all.

Earth is turned into water under black and bloe,
And water after into ayre under very white,
Then Aire into fire, elements there be no moe,
Of these is made our stone of great delight,
But of this *Seperation* much more must we write,
And *Seperation* is called by Philosophers definition,
Of the saide foure elements tetraptive dispersion.

Of this *Seperation* I finde a like figure,
Thus spoken by the Prophet in the Psalmodie,
God brought out of a stone a flood of water pure,
And out of the hardest rock oyle abundantly,
So out of our stone precious if thou be witty,
Oyle incombustible, and water thou shalt draw,
And there abouts at the coale thou needst not to blow.

[D₄f]

Do this with heate easie and nourishing,
First with moyst fire and after that with drie,
The flegme with patience out drawing,
And after that the other Natures wittely
Drye up thine earth untill it be thirsty,
By *Calcination* else labourest thou in vaine,
And then make it drink up the moysture againe.

Seperation thus must thou oftentimes make,
Thy waters dividing into partes two,
So that the subtile from the grosse thou take,
Till earth remaine beneath in colours bloe,
That earth is fixed to abide all woe,
The other parte is spirituall and flying,
But thou must turne them all into one thing.

Then oyle and water with water shall distill,
And through her helpe receive moving,
Keepe well these two that thou not spill
Thy worke for lack of due closing,
And make thy stopple of glasse melting,
The topp of thy vessell together with it,
Then Philosopher-like it is up shit.

The water wherewith thou maysst revive the stone,
Looke thou distill before thou worke with it,
Oftentimes by itselpe alone,
And by this sight thou shalt wit,
From feculent feces when it is quit:
For some men can with *Saturne* it multiplie,
And other substance which we defie.

[D₄v]

Distill it therefore till it be clene
And thinne like water as it should be,

As heaven in colour bright and shene,
Keping both figure and ponderositee,
Therewith did *Hermes* moysten his tree:
Within his glasse he made it grow upright,
With flowers discoloured beautifull to sight.

This water is like to the venymous Tire,
Wherewith the might triacle is wrought,
For it is poyson most strong of Ire,
A stronger poyson cannot be thought,
At Potheccaries often therefore it is sought,
But no man by it shalbe intoxicate,
From the time it is into medicine elixerate.

For then as is the Triacle true,
It is of poyson most expulsive,
And in his working doth marveiles shew,
Preserving many from death to life,
But looke thou meddle it with no corosive,
But choose it pure and quick rinning,
If thou thereby wilt have winning.

It is a marveilous thing in kinde,
And without it can nothing be done,
Therefore *Hermes* called it his winde,
For it is up flying from Sunne and Moone,
And maketh our stone flie with it soone,
Reviving the dead and giving life,
To Sunne and Moone, husband and wife.

[E₁f]

Which if they were not by craft made quick,
And their fatnes with water drawne out,
And so the thinne dissevered from the thick,
Thou shouldst never bring this worke about:
If thou wilt therefore speede without doubt,
Rayse up the birdes out their neast,
And after againe bring them to rest.

Water with water accord will and ascend,
And spirit with spirit, for they be of one kinde,
Which after they be exalted make to descend,
So shalt thou devise that, which Nature erst did
binde,
Mercury essentiall turning into winde,
Without which naturall and subtill *Seperation*,
May never be complete profitable generation.

Now to helpe thee in at this gate,
The last secret I will declare to thee,
Thy water must be seaven times sublimate,
Else shall no kindly Dissolution bee,
Nor putrifying shalt thou none see;
Like liquid pitch, nor colours appearing
For lack of fire within the glasse working.

Foure fires there be which thou must understand,
Natural, innaturall, against Nature also,

And elementall which doth burne the brand:
 These foure fires use we and no moe,
 Fire against nature must doe thy bodie woe,
 This is our Dragon as I thee tell,
 Fiercely burning as the fire of hell.

[E₁v]

Fire of nature is the third menstruall,
 That fire is naturall in each thing;
 But fire occasionate, we call unnaturall,
 As heate of ashes, and balnes for putrifying:
 Without these fires thou maist naught bring
 To Putrification, for to be separate,
 Thy matters together proportionate.

Therefore make fire thy glasse within,
 Which burneth the bodie much more than fire
 Elementall, if thou wilt winne
 Our secrets according to thy desire:
 The shall thy seeds both rot and spire
 By helpe of fire occasionate,
 That kindly after they may be sepearate.

Of *Seperation* the Gate must thus be wonne,
 That furthermore yet thou maist proceed
 Towards the Gate of secret *Coniunction*,
 Into the Castle which will thee inner leed:
 Doe after my counsell if thou wilt speed,
 With two strong lockes this Gate is shit,
 As consequently thou shalt well wit.

The end of the third Gate.

[E₂f]

Of Coniunction.

The fourth Gate.

After the Chapter of naturall *Seperation*,
 By which the elemēts of our stone dissevered be,
 The chapter here followeth of secret *Coniunction*,
 Which Natures repugnant ioyneth to perfect unitie,
 And so make them knitteth that none from other may
 flie,
 When they by fire shalbe examine,
 They be together so surely coniungate.

And therefore Philosophers give this definition
 Saying this *Coniunction* is nothing els
 But of dissevered qualities a copulation,
 Or of principles a coequation as others tells:
 But some men with *Mercurie* that Pothecaries sells
 Medleth bodies, which cannot divide
 Their matter, and therefore they slip aside.

For untill the time the soule be separate
 And cleasd from his original sinne
 With the water, and thoughtly spiritualizate,
 The true *Coniunction* maist thou never begin:

Therefore the soule first from the bodie twyne,
 Then of the corporall part and of the spirituall.
 The soule shall cause coniunction perpetuall.

[E₂v]

Of two Coniunctions Philosophers mencion make,
 Grosse when the bodie with *Mercury* is reincrudate,
 But let this passe, and to the second heede take,
 Which as I saide is after *Seperation* celebrate,
 In which the parties be left with least to colligate,
 And so promoted unto most perfect temperance,
 That never after amongst them may be repugnance.

Thus causeth *Seperation* true *Coniunction* to be had,
 Of water and ayre, with earth and fire,
 But that each element into other may be lad,
 And so abide for ever to thy desire,
 Doe as doe dawbers with clay or myre,
 Temper them thick and make them not too thinne,
 So do updryng, thou shalt the rather winne.

But manners there be of our *Coniunction* three,
 The first is called by Philosophers Diptative,
 The which betwixt the agent and patient must be,
 Male and female, *Mercury*, and Sulphure vive,
 Matter, and forme, thinne, and thick to thrive,
 This lesson will helpe thee without any doubt,
 And out *Coniunction* truly to bring about.

The second manner is called Triptative,
 Which is *Coniunction*, made of things three,
 Of bodie, soule and spirit, that they not strive,
 Which trinitie thou must bring to unitee,
 For as the soule to the spirite the bond must bee;
 Right so the bodie the soule to him must knit,
 Out of thy minde let not this lesson flit.

[E₃f]

The third manner and also the last of all,
 Foure Elements together which ioyne to abide,
 Tetraptive certainly Philosophers doe it call,
 And specially *Guido de Montano* whose fame goeth
 (wide,
 And therefore in most laudable maner this tide,
 In our *Coniunction* foure Elements must aggregate
 In due proportion, which first a sunder were separate.

Therefore like as the woman hath veines fifteene,
 And the man but five to the act of fecunditie,
 Required in our *Coniunction* first I meene,
 So must the man our Sunne have of his water three,
 And nine his wife, which three to him must bee:
 Then like with like will ioy have for to dwell,
 More of *Coniunction* me needeth not to tell.

This chapter I will conclude right soone therefore,
 Grosse *Coniunction* charging thee to make but one,
 For seldome have strumpets children of them ybore,

And so thou shalt never come by our stone,
Without thou let the woman lig alone,
That after she once have conceived of the man,
Her Matrix be shut up from all other than.

For such as adde ever more crude to crude,
Opening their vessell letting their matters keele,
The sparme conceived they nourish not but delude
Themselves, and spill their worke each deelee,
If thou therefore have list to doe weele,
Close up thy Matrix and nourish the seede,
With heat continual and temperate if thou wilt speed.

[E₃v]

And when thy vessell hath stood by moneths five,
And clowdes and Elipses be passed each one,
The light appearing, encrease thy heate then belive,
Untill bright and shining in whiteness be thy Stone;
Then maist thou open thy glasse anone,
And feede thy childe which is ybore,
With milke and meate ay more and more.

For now both moist and drie is so contemperate,
That of the water earth hath received impression,
Which never (after that) asunder may be separate;
And right so water to earth hath given ingression,
That both together to dwell have made profession,
And water of earth hath purchased a retentive,
They foure made one never more to strive.

Thus in two things all our intent doth hing,
In drie and moist, which be contraries two;
In drie, that it the moyst to flixing bring,
In moist, that it give liquefaction to the earth also:
Then of them thus a temperment may fourth goe,
A temperment not so thicke as the bodie is,
Neither so thinne as water withouten mis.

Loosing and knitting thereof be principles two
Of this hard science, and poles most principall;
Howbeit that other principles be many moe,
As shining fanes, which show I shall:
Proceede therefore unto another wall
Of this strong Castle of our wisdomes,
That in at the fift Gate thou maist come.

The end of the fourth Gate.

[E₄f]

Of Putrifaction.

The fift gate.

Now we begin the chapter of *Putrifaction*,
Without which pole no seed may multiply,
Which must be done only by continual action
Of heate in the bodie, moyst not manually:
For bodies els may not be altered naturally,

Sith Christ doth witnes, without the graine of wheate
Dye in the ground, encrease maist thou none get.

And in likewise without the matter putrifie,
It may in no wise truly be alterate,
Neither thy Elements may be divided kindly,
Nor the coijunction of them perfectly celebrate:
That thy labor therefore be frustrate,
The privitie of our putrifying well understand,
Or ever thou take this worke in hand.

And *Putrifaction* may thus defined bee
After Philosophers sayings, to be of bodies the fleying;
And in our Compound a division of things three,
The killed bodies into corruption fourth leading,
And after unto regeneration them abling,
For things being in the earth, without doubt
Be engendred of rotation of the heavens about.

[E₄v]

And therefore like as I have said before,
Thine Elements commixt and wisely coequate,
Thou keepe in temperate heate eschewing evermore,
That they by violent heat be not incinerate
To powder drye unprofitably Rubificate,
But into powder black as a crows bill,
With heate of *Balne* or else of our dunghill.

Untill the time that nights be passed ninetie,
In moyst heate keepe them for any thing,
Soone after by blacknes thou shalt espie
That they draw fast to putrifying,
Which thou shalt after many colours bring
To perfect whitenes by patience easily,
And so thy seede in his nature shall multiplie.

Make each the other then to halse and kisse,
And like as children to play them up and downe,
And when their shirts are filled with pisse,
Then let the woman to wash bebowne,
Which oft for faintness will fall in a swowne,
And dye at the last with her children all,
And goe to purgatorie to purge their filt originall.

When they be there, by little and little increase
Their paines, by heat, aye more and more,
The fire from them let never cease.
And so thar thy furnace be surely apt therefore,
Which wise men call an Athenore,
Conserving heat required most temperatelie,
By which thy matter doth kindly putrifie.

[F₁f]

Of this principle speaketh sapient *Guido*,
And sayth by rotting dyeth the compound corporall,
And then after *Morien* and other moe,
Upriseth againe regenerate simple and spirituall,
And were not heate and moysture continuall,

Sparme in the wombe might have none abiding,
And so there should no fruite thereof upspring.

Therefore at the beginning our stone thou take,
And burie each one in other within their grave,
Then equally betwixt them a marriage make,
To ligge together sixe weekes let them have,
Their seede conceived, kindly to nourish and save.
From the ground of their grave not rising that while,
Which secreat point doth many a one beguile.

This time of conception with easie heate abide,
The blacknes shewing shall tell thee when they dye,
For they togeather like liquid pitch that tide,
Shall dwell and burble, settle and putrifie,
Shining colours therin thou shalt espie,
Like to the rainebow marveilous to sight,
The Water then beginneth to drye upright.

For in moyst bodies heate working temperate,
Ingendreth blacknes, first of all which is,
Of kindly *Coniunction* the token assignate,
And of true putrifying: remember this,
For then perfectly to alter thou canst not misse,
And thus by the gate of blacknes thou must come in,
The light of Paradice in whitenes if thou wilt win.

[F₁v]

For first the Sunne in his uprising obscureate
Shalbe, and passe the waters of *Noes* flood,
On earth which was an hundreth dayes continuate
And fiftie, way ere all these waters yood;
Right so our waters (as wisemen understood)
Shall passe, that thou with *David* may say,
Abierunt in sicco flumina: beare this away.

Soone after that *Noah* planted his vineyard,
Which royally flourished, and brought fourth grapes
(anone,
After which space thou shalt not be afeard,
For in likewise shal follow the flourishing of our stone:
And soone after that XXX.dayes be gone,
Thou shalt have grapes right as Rubie read,
Which is our Adropp, our Ucifer, and our red lead.

For like as soules after paines transitorie
Be brought to Paradice, where ever is ioyfull life;
So shall our Stone (after his darknes in Purgatorie)
Be purged, and ioyned in Elements withouten strife,
Reioyce the whitenes and beautie of his wife,
And passe from darknes of purgatorie to light
Of Paradice, in whitenes Elixer of great might.

And that thou maist the rather to *Putrifaction* win,
This example thou take to thee for a true conclusion,
For all the secret of *Putrifaction* resteth therein;
The hart of oke that hath of water continuall infusion
Will not soone putrifie, I tell thee without delusion:

For thou it in water lay 100.yeaes and more.
Yet shouldst thou finde it sound as ere it was before.

[F₂f]

But and thou keepe it sometime wet & sometime drie,
As thou maist see in timber by usuall experiment,
By processe of time that oke shall putrifie;
And so even likewise according to our intent,
Sometime our tree must with the Sunne be brent,
And then with water we must it keele,
That by this meanes to rotting we may bring it weele.

For now in wet, and now againe in drie,
And now in heate, and againe in colde
To be, shall cause it soone to putrifie,
And so shalt thou bring to rotting thy golde:
Intreate thy bodies as I have thee tolde,
And in thy putrifying, with heate be not too swift,
Least in the ashes thou seeke after thy thrift.

Therefore thy water out of the earth thou drawe,
And make the soule therewith for to ascend;
Then downe againe into the earth it throwe,
That they oft times so ascend and descend:
From violent heate and sudden colde defend
Thy glasse, and make thy fire so temperate,
That by the sides the matter be not vitrificate.

And be thou wise in choosing of the matter,
Meddle with no salts, sulphurs, nor meane mineralls:
For whatsoever any worker to thee doth clatter,
Our Sulphur and our Mercury been onely in mettalls,
Which oyles and waters some men them calls,
Foules and birds, with other names many one,
Because that fooles should never know our stone.

[F₂v]

For of this world our stone is called the sement
Which moved by craft as nature doth require,
In his encrease shall be full opulent,
And multiply his kinde after thine owne desire,
Therefore if God vouchsafe thee to inspire,
To know the truth, and fansies to eschew
Like unto thee in riches shall be but few.

But many men be moov'd to worke after their
fantasie,
In many subiects in which be tinctures gay;
Both white and red divided manually
To sight, but in the fire they flye away:
Such breake pottes and glasses day by day,
Empoysoning themselves and loosing their sights,
With odours, smoakes, and watching up by nights.

Their clothes be baudy and worne thread bare,
Men may them smell for multipliers where they goe,
To file their fingers with corosives they doo not spare,
Their eyes be bleard, their cheekes leane and blowe,

And thus for had I wist they suffer losse and woe:
 And such when they have lost that was in their purse,
 Then doo they chide, and Philosophers sore doo
 curse.

To see their houses it is a noble sport,
 What furnaces, what glasses there be of divers
 shapes,
 What salts, what powders, what oyles, waters fort,
 How eloquently *de Materia prima* their tungs do clap,
 And yet to finde the truthe they have no hap;
 Our our Mercurie they meddle & of our sulphure vive,
 Wherein they dote, and more and more unthrive.

[F₃f]

For all the while they have Philosophers bene,
 Yet could they never know what was our Stone,
 Some sought it in dung, in urine, some in wine,
 Some in starre slyme (for thing it is but one),
 In blood, in egges: some till their thrist was gone,
 Dividing Elements, and breaking manie a pot,
 Sheards multiplying, but yet hit it not.

They talke of the red man and of his white wife,
 That is a speciall thing, and of the Elixers two,
 Of the Quintessence, and of the Elixer of life,
 Of honie, Celidonie, and of *Secondines* also,
 These they divide into Elements, with others moe;
 No multipliers, but Philosophers called will they bee,
 Which naturall Philosophie did never read nor see.

This fellowship knoweth our stone right weele,
 They thinke them richer than is the King,
 They will him help, he shall not faile
Fraunce for to winne a wondrous thing,
 The holy Crosse home will they bring,
 And if the King were prisoner ytake,
 Right soone his raunsome would they make.

A mervaille it is that *Westminster Kerke*,
 To the which these Philosophers doo much haunt,
 Since they can so much riches werke
 As they make boast of and avaunt,
 Drinking daylie at the wine a due taunt,
 Is not made up perfectly at once;
 For truly it lacketh yet many stones.

[F₃v]

Fooles doo follow them at the taile,
 Promoted to riches weening to bee;
 But will you heare, what worship and availe
 They winne in *London* that noble Citie?
 With silver maces (as you may see)
 Sergeants awaiteth on them each howre,
 So been they men of great honour.

Sergeants seeke them from streete to streete,
 Merchants and Goldsmiths lay after them watch,

That well is him that with them may meete,
 For great advantage that they doe catch,
 They hunt about as doth a bratch,
 Weening to winne so great treasure,
 That ever in riches they shall endure.

Some would catch their goods againe,
 And some more good would adventure,
 Some for to have would be full faine
 Of ten pounds one, I you ensure,
 Some which have lent without measure
 Their goods, and be with povertie clad,
 To catch a noble, would be full glad.

But when the Sergeants doth them arrest,
 Their pautners be stuffed with *Paris* balls,
 Or with signets of Saint *Martins* at the least;
 But as for money it is pist against the walls:
 Then be they led (as well for them befalls)
 To *Newgate* or *Ludgate* as I you tell,
 Because they shall in safegard dwell.

[F₄f]

Where is my money become, saith one?
 And where is mine, saith he and he?
 But will you heare how subtill they be anone
 In answering, that they excused be?
 Saying, of our Elixer robbed be we,
 Else might we have paid you all your golde,
 Though it had been more by tenne folde.

And then their Creditors they flatter so,
 Promising to worke for them againe
 In right short space the Elixers two,
 Doting the Merchants that they faine
 To let them goe, but ever in vaine;
 They worke so long, till at the last,
 They be againe in prison cast.

If any them aske, why they be not rich?
 They say they can make fine golde of tinne,
 But he (say they) may surely swimme the ditch,
 Which is upholden by the chinne;
 We have no stock, therefore may we not winne,
 Which if we had, we would soone werck
 Inough to finish up *Westminster Kerck*.

And some of them be so devout,
 They will not dwll out of that place;
 For there they may withouten doubt
 Doe what them list to their solace,
 The Archdeacon is so full of grace,
 That if they blesse him with their crosse,
 He forceth little of other mens losse.

[F₄v]

And when they there sit at the wine,
 These Monkes they say have manie a pound,

Would God (saith one) that some were mine,
 Yet care away, let the cup goe round;
 Drinke on saith another, the meane is found,
 I am a maister of that Arte,
 I warrant us we shall have part.

Such causeth Monkes evill to doone,
 To waste their wages through their dotage,
 Some bringeth a mazer, and some a spoone,
 Their Philosophers giveth them such comage,
 Behighting them winning with damage,
 A pound for a penie at the least againe;
 And so faire promises make fooles faine.

A royall medicine one upon twelve,
 They promise them thereof to have,
 Which they could never for them-selve
 Yet bring about, so God me save:
 Beware such Philosophers no man deprave,
 Which helpe these Monkes to riches so,
 In thread bare coates that they must goe.

The Abbot ought well to cherish this companie,
 For they can teach his Monkes to live in povertie,
 And to goe cloathed and moneyed religiouslie,
 As did Saint *Bennet*, eschuing superfluitie,
 Easing them also of the ponderositie
 Of their purses, with pounds so aggravate,
 Which by Philosophie be now alleviate.

[G₁f]

Lo who so meddleth with this rich companie,
 Great boast of their winning they may make:
 For they shall reape as much by their Philosophie,
 As they of the taile of an ape, can take:
 Beware therefore for Iesus sake,
 And meddle with nothing of great cost,
 For if thou doe, it is but lost.

These Philosophers (of which I spake before)
 Meddle and blunder with manie a thing,
 Running in errours ever more and more,
 For lacke of true understanding:
 But like must like alwaies forth bring,
 So hath God ordained in everie kinde;
 Would Iesus they would beare this in minde.

Weene they of a Nettle to have a Rose,
 Or of an Elder to have an apple sweete:
 Alas, that wisemen their goods should lose,
 Trusting such lorrells when they them meete,
 Which say our Stone is troden under feete,
 And maketh them vile things to distill,
 Till all their howses with stench they fill.

Some of them never learned a word in Schooles,
 Should such by reason understand Philosophie?
 Be they Philosophers? Nay, they be fooles:

For their workes prove them unwittie,
 Meddle not with them, if thou be happie;
 Least with their flatterie they so thee till,
 That thou agree unto their will.

[G₁v]

Spend not thy money away in waste,
 Give not to every spirit credence,
 But first examine, groape, and taste;
 And as thou proovest, so put thy confidence,
 But ever beware of great expence:
 And if the Philosopher doe live vertuouslie,
 The better thou maist trust his Philosophie.

Proove him first, and him appose
 Of all the secrets of our Stone;
 Which if he knowe not, thou need not to lose,
 Meddle thou no further, but let him gone,
 Make he never so piteous a mone;
 For then the Fox can fagge and faine,
 When he would to his pray attaine.

If he can aswere as a Clarke,
 Howbeit he hath not proved it indeed,
 And thou then help him to his warke;
 If he be vertuous I hold it meed,
 For he will the quite if ever he speed,
 And thou shalt knowe by a little anone,
 If he have knowledge of our Stone.

One thing, one glasse, one furnace, and no moe,
 Beholde this principle if he doe take,
 And if hoe not, then let him goe,
 For he shall never thee rich man make;
 Timely it is better thou him forsake,
 Than after with losse and variance,
 And other manner of displesance.

[G₂f]

But if God fortune thee to have
 This Science by doctrine which I have told,
 Discover it not whosoever it crave,
 For favour, feare, silver, or gold;
 Be no oppressor, letcher nor boaster bold:
 Serve thy God, and help the poore among,
 If thou this life list to continue long.

Unto thy selfe thy secrets ever keepe
 From sinners, which have not God in dread,
 But will thee cast in prison deepe,
 Till thou them teach to doe it indeed,
 Then slaunder on thee shall spring and spread,
 That thou doest coyne then will they say,
 And so undoe thee for ever and aye.

And if thou teach them this cunning,
 Their sinfull living for to maintaine,
 In hell therefore shalbe thy wooning,

For God of thee and them will disdain:
As thou nought couldst therefore thee faine,
That bodie and soule thou maist both save,
And here in peace thy living to have.

Now in this Chapter I have thee taught,
How thou thy bodies must putrifie,
And so to guide thee that thou be not caught,
And put to durance losse or villanie:
My doctrine therefore remember wittely,
And passe forth towards the sixt Gate,
For thus the fift is triumphate.

The end of the fift Gate.

[G_{2v}]

Of Congelation.

The sixt Gate.

Of *Congelation* I need not much to write:
But what it is, I will to thee declare;
Is it of soft things induration of colour white,
And confixation of spirits which flying are;
How to congeale, he needeth not much to care,
For Elements will knit together soone,
So that Putrifaction be kindly doone.

But Congelations be made in divers wise,
Of spirits and bodies dissolved to water cleare,
Of salts also dissolved twice or thrise,
And then congeald into a fluxible matter;
Of such congealing, fooles fast doo clatter,
And some dissolveth dividing manuallie
Elements, them after congealing to powder drie.

But such congealing is not to our desire,
For unto ours it is contrarious,
Our congelation dreadeth not the fire:
For it must ever stand in it unctuous,
And it is also a tincture so bounteous,
Which in the aire congealed will not relent
To water, for then our worke were shent.

[G_{3f}]

Moreover congeale not into so hard a stone
As glasse or christall, which melteth by fusion,
But so that it like waxe will melt anone
Withouten blast: and beware of delusion,
For such congealing accordeth not to our conclusion
As will not flowe, but runne to water againe
Like salt congealed, then labourest thou in vaine.

Which congelation availeth us not a deale,
It longeth to multipliers, congealing vulgarly:
If thou therefore list to doe weele
(Sith the medicine shall never flowe kindly,
Neither congeale, without thou first it putrifie)

First purge, and then fixe the elements of our stone,
Till they together congeale and flowe anone.

For when thy matter is made perfectly white,
Then will the spirit with the bodie congealed be:
But of that time thou maist have long respite
Or it congeale like pearles in sight to thee,
Such congelation be thou glad to see,
And after like graines red as blood,
Richer than any worldly good.

The earthly grosenes therefore first mortified,
In moysture blacknes ingendred is;
This principle may not be denied,
For naturall Philosophers so sayne ywis:
Which had, of whitenes thou maist not mis;
And into whitenes if thou congeale it once,
Then hast thou a stone most precious of all stone.

[G_{3v}]

And by the drie like as the moist did putrifie,
Which caused in colour blacknes to appeare,
Right so the moyst congealed by the drie,
Ingendreth whitenes shining by night full cleare,
And drines proceedeth as whiteth the matter,
Like as in blacknes moysture doth him shew
By colours variant alwayes new and new.

The cause of all this heate most temperate,
Working and moving the matter continually,
And thereby also the matter is alterate,
Both inward and outward substantially,
Not as doo fooles to sight sophisticatedly;
But in everie part all fire to endure,
Fluxible, fixt, and stable in tincture.

As Phisicke determineth of each digestion,
First done in the stomach in which is drines,
Causing whitenes without question,
Like as the second digestion causeth rednes,
Complete in the liver by heate in temperatenes,
Right so our Stone by drines and by heate
Digested is to white and red compleate.

But here thou must another secret knowe,
How the Philosophers childe in the ayre is borne,
Busie thee not too fast at the coale to blowe,
And take this neither for mocke nor scorne,
But trust me truly, else is all thy worke forlorne,
Without thine earth with water revived bee,
Our true congealing shalt thou never see.

[G_{4f}]

A soule it is betwixt heaven and earth being,
Arising from the earth as ayre with water pure,
And causing life in everie lively thing,
Incessable running upon our foure folde nature,
Enforcing to better him with all his cure,

Which ayre is the fire of our Philosophie,
Named now oyle, now water mysticallie.

And this meane ayre which oyle or water we call,
Our fire, our oyntment, our spirit, and our Stone,
In which one thing we ground our wisdomes all,
Goeth neither in nor out alone,
Nor the fire but the water anone:
First it out leadeth, and after it bringeth it in,
As water with water which will not lightly twin.

And so may water only our water meeve,
Which moving causeth both death and life
And water to water doth kindly cleave
Without repugnance or anie strife,
Which water to fooles is nothing rife,
Being of the kinde withouten doubt,
Of the spirit, called water and leader out.

And water is the secret and life of every thing,
That is of substance in this world yfound,
For of water each thing hath his beginning,
As showeth in women when they shalbe unbound
By water, which passeth before if all be sound,
Called *Albien*, first from them running,
With greevous throwes before their childing.

[G₄v]

And truly that is the cause most principall
Why philosophers charge us to be patient,
Till time the water be dried to powder all
With nourishing heate, continuall, not violent:
For qualities be contrarious of everie element,
Till after black in white be made an union
Of them for ever, congeald without division.

And furthermore, the preparation of this conversion:
From thing to thing, from one state to another,
Is done onely by kindly and discreete operation
Of Nature, as is of sperme within the mother;
For sperme and heate, are as sister and brother,
Which be converted in themselves as nature can,
By action and passion at last to perfect man.

For as the bodily part by nature was combynate
Into man, is such as the beginner was,
Which though it thus frō thing to thing was alterate
Not out of kinde, to mixe with other kinde did passe,
And so our matter spermaticall within our glasse,
Within it selfe must turne from thing to thing,
By heate most temperate only it nourishing.

An other example naturall I may thee tell,
How the substance of an egge by nature is wrought
Into a Chicken not passing out of the shell,
A plainer example could I not have thought,
And their conversions be made till forth be brought

From state to state, the like by like in kinde,
With nourishing heate: onely beare this in minde.

[H₁f]

Another example here also thou maist read
Of vegetable things, taking consideration,
How everie thing groweth of his owne seede
Through heate and moysture, by naturall operation;
And therefore myneralls be nourished by ministracion
Of moysture radical, which there beginning was,
Not passing their kinde within one glas.

There we them turne from thing to thing againe,
Into their mother the water then they goe:
Which principle unknowen, thou labourest in vaine.
Then all is sperme; and things there be no moe
But kinde with kinde in number two,
Male and female, agent and patient,
Within the matrix of the earth most orient.

And these be turned by heate from thing to thing
Within one glasse, and so from state to state,
Untill the time that nature doth them bring
Into one substance of the water regenerate:
And so the sperme with his kinde is alterate,
Able in likenes his kinde to multiply,
As doth in kinde all other things naturally.

In the time of this said proces naturall,
While that the sperme conceived is growing,
The substance is nourished with his owne menstruall,
Which water only out of the earth did spring,
Whose colour is greene in the first showing:
And from that time the Sunne hideth his light,
Taking his course throughtout the North by night.

[H₁v]

The sayd menstruall is (I say to thee in counsell)
The blood of our greene Lyon and not of vitriall,
Dame *Venus* can the troth of this thee tell,
At the beginning, to counsell if thou her call,
This secret is hid by Philosophers great and small,
Which blood drawne out of the greene Lyon,
For lack of heate had not perfect digestion.

But this blood called our secreat menstruall,
Wherewith our sperme is nourished temperately,
When it is turned into the feces corporall,
And so become white perfectly and very drye,
Congeald and fixed into his owne bodie,
Then biscoc blood to sight it may well seeme,
Of this worke named the milke white Dyademe.

Understand now that our firie water thus acuate,
Is called our menstruall water, wherein
Our earth is loosed and naturally calcinate,
By Congelation that they may never twinne,
But yet to congeale more water thou may not linne:

Into three partes of the acuete water sayd afore,
With the fourth parte of the earth congealed and no
(more.

Unto that substance therefore so congeate,
The fourth parte put of water christaline,
And make them then together to be dispousate,
By Congelation into a miner metaline,
Which like a sworde new slipped will shine,
After the blacknes which first will shew,
The fourth part then give it of water new.

[H₂f]

Imbibitions many it must have yet,
Give it the second, and after the third also.
The sayd proportion keeping in thy witt,
Then to another the fourth time looke thou goe,
The fift time and the sixt passe not therefore,
But put two partes at each time of them three,
And at the seventh time five partes must there bee.

When thou hast made seaven times Imbibition,
Againe then must thou turne about thy wheele,
And putrifie all that matter without addition,
First blacknes abiding if thou wilt doe weele,
Then into whitenes congeale it up each deele,
And after by rednes into the south ascend,
Then hast thou brought thy base unto an end.

Thus is thy water then divided into partes two,
With the first parte the bodies be putrificate,
And to thine Imbibitions the second parte must goe,
With which thy matter is afterwarde demigrate,
And soone upon easie decoction albificate,
Then it is named by Philosophers our starry stone,
Bring that to rednes then is the sixt gate wonne.

The end of the sixt gate.

[H₂v]

Of Cibation.

The seventh Gate.

Now of *Cibation* I turne my pen to write,
Sith it must here the seventh place occupie:
But in few words it wilbe expedite,
Take heede therefore, and understand me wittelie;
Cibation is called a feeding of our matter drie,
With milke and meate, which moderately thou doe,
Untill it be brought the third order unto.

But give it never so much, that thou it glu;
Beware of dropsey, and also of *Noahs* flood:
By little and little therefore thou to it put
Of meate and drinke, as seemes to doo it good,
That worry humours not overgrow the blood,
To drinke therefore let it be measured so,
That kindly appetite thou never quench it fro.

For if it drinke too much, then must it have
A vomit or els it wilbe sick too long,
From the dropsie therefore thy wombe thou save,
And from the flix, or els it wilbe wrong,
But rather let it thirst for drinke among,
Than thou shouldst give it overmuch at once.
Which must in youth be dieted for the nonce.

[H₃f]

And if thou diet it (as nature doth require)
Moderately, till time that it be growen to age,
From colde it keeping, and nourishing with moyst fire,
Then shall it growe, and wexe full of courage,
And doe to thee both pleasure and advantage:
For he shall make darke bodies whole and bright,
Clensing their leprosies through his might.

Three times must thou turne about thy wheele,
Still keeping the rule of the said *Cibation*,
And then as soone as it the fire doth feele,
Like waxe it wilbe readie unto liquation:
This chapter needeth no longer protestation,
For I have tolde thee the dietorie most convenient,
After thine Elements be made equipolent.

And also how to whitenes thou shalt bring thy golde,
Most like in figure to leaves of hawthorne tree
Called *Magnesia*, afore as I have tolde,
And our white Sulphure without combustibilie,
Which from the fire away will never flie.
And thus the seventh Gate (as you desired)
In the uprising of the Sunne is conquered.

The end of the seventh Gate.

[H₃v]

Of Sublimation.

The eight Gate.

Here of our *Sublimation* a word or two
I have to speake, which the eight Gate is.
Foolles doo sublime, but sublime thou not so,
For we sublime not as they do ywis:
To sublime truly therefore thou shalt not mis,
If thou canst make thy bodies first spirituall,
And then thy spirits (as I have taught thee) corporall.

Some doe Mercurie from vitrioll and salt sublime,
And other spirits from scales of yron and steele,
From egge-shels calcined, and from quick lime,
And in their manner yet sublime they right weele:
But such subliming accordeth never a deele
To our intents, for we sublime not so,
To true subliming therefore, now will I goe.

In *Subliming* first beware of one thing,
That thou sublime to the top of the vessell:
For without violence thou shalt it now downe bring

Againe, but there it will abide and dwell,
So it reioyceth with refrigeration I thee tell,
Keepe it therefore with temperate heate adowne
Full fortie dayes, till it wexe blacke and browne.

[H₄f]

For then the soule beginneth to come out
From his owne veynes, for all that subtill is
Will with the spirite ascend withouten doubt,
Beare in thy minde therefore, and thinke on this,
How here eclipsed been thy bodies,
As they doe putrifie subliming more and more
Into water, untill they be all up ybore.

And thus their venome when they have spued out
Into the water then blacke it doth appeare,
Becoming spitiruell each deale without doubt,
Subliming easilie in our manner,
Into the water, which doth him beare:
For in the ayre our childe must thus be bore
Of the water againe, as I have said before.

But when these two by Sublimation continuall
Be laboured so with heate both moyst and temperate,
That all is white and purely made spirituall,
Then heaven upon earth must be reiterate
Untill the soule with the bodie be incorporate
That earth become all that before was heaven,
Which wilbe done in Sublimations seaven.

And Sublimations we make for causes three,
The first cause is, to make the bodie spirituall;
The second is, that the spirite may corporall bee,
And become fixt with it, and consubstantiall;
The third cause is, that from his filthie originall
He may be cleansed, and his saltnes sulphurios
May be minished in him, which is infectious.

[H₄v]

Then when they thus together depured be,
They will sublime up whiter than the snowe;
That sight will greatly comfort thee:
For then anon perfectly thou shalt knowe
The spirits shall so adowne ythrowe,
That this eight Gate shalbe to thee unlocked,
Out of the which many be shut and mocked.

The end of the eight Gate.

Of Firmmentation.

The ninth Gate.

True *Firmmentation* few Workers understand,
That secret therefore I will expound to thee,
I travailed trully through manie a Land,
Ere ever I might finde any that would tell it mee:
Yet as God would, evermore blessed be hee,

At the last I came to the knowledge thereof perfite,
Take heede therefore what I thereof doe write.

Firmentations in divers manners be doone,
By which our medicine must be perpetuate
Into cleere water: some looseth Sunne and Moone,
And with their medicines make them to be congelate;
Which in the fire when they be examine
May not abide, nor alter with complement:
For such Firmenting is not our intent.

[I₁f]

But yet more kindly some other men doone,
Fermenting their medicines in this wise,
In Mercurie dissolving both Sunne and Moone,
Till time with the spirit they will arise,
Subliming them together twice or thrice;
Then *Fermentation* therewith they make:
That is a way, but yet we it forsake.

Some other there be which have more hap,
To touch the troth in part of fermenting,
They amalgame their bodies with Mercurie like pap,
Then thereupon their medicines relenting:
These of our secrets have some henting.
But not the truth with perfect complement,
Because they neither putrifie, nor alter their Ferment.

That poynt therefore I will disclose unto thee,
Looke how thou didst with thine unperfect bodie,
Doe so with thy perfect bodies in each degree,
That is to say, first thou them putrifie,
Their former qualities destroying utterly,
For this is wholly to our intent,
That first thou alter before thou ferment.

To thy compound make firment the fourth part,
Which ferments been only of Sunne and Moone;
If thou therefore be maister of this Arte,
Thy Fermentation let thus be doone,
Fixe water and earth together soone,
And when thy medicine as waxe doth flowe,
Then upon malgames look thou it throwe.

[I₁v]

And when all that together is mixed,
Above the glasse well closed make thy fire,
And so continue it till all be fixed,
And well fermented to thy desire,
Then make Proiection after thy pleasure,
For that is medicine each deale perfite,
Thus must thou ferment both red and white.

For like as flowre of wheate made into paste
Requireth ferment, which leaven we call
Of bread, that it may have the kindly taste,
And become foode to man and woman cordiall:
Right so thy medicine ferment thou shall,

That it may taste of the Ferment pure,
At all assayes for ever to endure.

And understand that there be Ferments three,
Two be of bodies in nature cleene,
Which must be altered as I have told thee;
The third most secret of which I meene,
Is the first earth of his water greene:
And therefore when the Lion doth thirst,
Make him to drinke till his belly burst.

Of this a Question if I should moove,
And aske of workers, what is this thing?
Anon thereby I should them prove,
If they had knowledge of our fermenting:
For manie a man speaketh with wondring,
Of Robin hood and of his bowe,
Which never shot therein I trowe.

[12f]

For *Fermentation* true as I thee tell,
Is of the soule with the bodies incorporation,
Restoring to it the kindly smell,
With tast and colour by naturall conspissation,
Of things dissevered, a due reintegration,
Whereby the bodie of the spirit taketh impression,
That either the other may help to have ingression.

For like as bodies in their compaction corporall,
May not shewe out their qualities effectually,
Untill the time that they become spirituall,
No more may spirits abide with bodies stedfastly,
Till they with them be confixate proportionally,
For then the bodie teacheth the spirit to suffer fire,
And the spirit the bodie to enter to thy desire.

Therefore thy gold with gold thou must ferment,
With his owne water thy earth cleas'd I meene,
Nought else to say but element with element,
The spirit of life onely going betweene,
For like as ad adamant as thou hast seene
Draweth yron to him, so doth our earth by kinde,
Drawe downe to him his soule borne up with winde.

With winde therefore the soule lead out and in,
Mingle gold with gold, that is for to say,
Make Element with Element together rin
Till time all fire they suffer may,
For earth is Ferment withouten nay
To water, and water the earth unto,
Our Fermentation in this wise must be doe.

[12v]

Earth is gold, and so if the soule also
Not common, but ours thus Elementate,
And yet thereto the Sunne must goe,
That by our wheele it may be alterate:
For so to ferment it must be preparate,

That it profoundly may ioyned bee,
With other nature as I said to thee.

And whatsoever I have here said of gold,
The same of silver I will thou understand,
That thou them putrifie and alter (as I have told)
Ere thou thy medicine to firment take in hand:
Forsooth I could never finde in *England*
Which in this wise to firment could me teach
Withouten error, by practice or by speach.

Now of this chapter needeth to treate no more,
Sith I intend prolixite to eschew;
Remember well my words therefore,
Which thou shalt prove by practice trew,
And Sunne and Moone looke thou renew,
That they may hold of the fift nature,
Then shall their tincture evermore endure.

And yet a way there is most excellent,
Belonging unto another working,
A water we make most redolent,
All bodies to oyle wherewith we bring,
With which our medicine we make flowing,
A quintessence this water we call,
In man which healeth diseases all.

[13f]

But with thy base, after my doctrine preperate
Which is our calx this must be done,
For when our bodies be so calcinate,
That water will to oyle dissolve them soone,
Make thou therefore oyle both of Sunne and Moone,
Which is ferment most fragrant for to smell.
And so the ninth gate is conquered of this Castell.

The end of the ninth Gate.

Of Exaltation.

The tenth Gate.

Procede we now to the chapter of *Exaltation*,
Of which truly thou must have knowledge pure,
But little is different from *Sublimation*,
If thou conceive it right I you ensure,
Hereto accordeth the holy scripture,
Christ saying thus, if I exalted be,
Then shall I draw all things unto me.

Our medicine if we exalt right so,
It shalbe thereby nobilitate,
That must be done in manners two,
From time the parties be dispousate,
Which must be crucified and examine,
And then contumulate both man and wife,
And after revived by the spirit of life.

Then up to heaven they must exalted be,
There to be in bodie and soule glorificate,

For thou must bring them to such subtiltie,
that they ascend together to intronizate,
In cloudes of clearenes to Angels consociate,
Then shall they draw as thou shalt see,
Al other bodies to their owne dignitee.

If thou therefore the bodies wilt exalt,
First with the spirit of life thou them augment,
till time the earth be well subtilizate,
By naturall rectifying of every Element,
Them up exalting into the firmament,
Then much more precious shall they be than gold,
Because of the quintessence which they doe holde.

For when the colde hath overcome the heate,
Then into water the Ayre shall turned be,
And so two contraties together shall meete,
Till either with orher right well agree,
So into Ayre the water as I tell thee,
When heate of colde hath got domination,
Shall be converted by craft of our circulation.

[L₄f]

And of the Ayre then fire have thou shall,
By loosing putrifying and subliming,
And fire thou shalt hast of the earth materiall,
Thine Elements thus by craft dissevering,
Most especially thine earth well calcining,
And when they be each one made pure,
Then doe they holde all of the first nature.

On this wise therefore make them be circulate,
Each into other exalting by and by,
And all in this one glasse surely sigillate,
Not with thine hands, but as I teach thee naturally,
Fire into water then turne first hardly,
For fire is in Ayre, which is in water existent,
And this conversion accordeth to our intent.

Then furthermore turne on thy wheele,
That into earth the ayre converted be,
Which will be done also right well,
For Ayre is in water being in earth truste me,
The water into fire contrarious in her qualitie,
Soone turne thou mayst for water in earth is,
Which is in fire, conversion true is this.

The wheele is now neere turned about,
Into ayre turne earth which is the proper nest,
Of other Elements there is no doubt,
For earth in fire is, which in ayre taketh rest,
This circulation beginne thou in the west,
Then into the south, till they exalted bee,
Procede duely, as in thy figure I have taught thee.

[L₄v]

In which processe clearely thou mayst see,
Frö one extreame how to another thou mayst not go,

But by a meane, since they in qualities contrarious be,
And reason will forsooth that it be so,
As heate into colde, with other contraries mo,
Without their meanes as moyst to heate and colde,
Examples sufficent before I have tolde.

Thus have I taught thee how to make
Of all thine Elements a perfect circulation,
And at thy figure example to take,
How thou shalt make this foresaide *Exaltation*,
And of thy medicine in the Elements true graduation,
Till it be brought to a gueneritie temperate,
And then thou hast conquered the tenth gate.

The end of the tenth Gate.

Of Multiplication.

The eleventh Gate.

Multiplication now to declare I proceede,
Which is by Philosophers in this wise defined,
Augmentation it is of the Elixer indeede,
In goodness and quantitie both for white and red,
Multiplication is therefore as they doe write,
That thing that doth augmēt medicines in each
degree,
In colour, in odour, in vertue and also in quantitee.

[K₁f]

And why thou mayst this medicine multiplie,
Infinitely forsooth the cause is this,
For it is fire, which kindled will never die,
Dwelling with thee, as fire doth in houses,
Of which one sparke may make more fire ywis,
As muske in pigments and other spices mo,
In vertue multiplied, and our medicine right so.

So he is rich which fire hath lesse or more,
Because he may so hugely it multiply,
And right so rich is he which any parte hath in store,
Of our Elixers which be augmentable infinitely,
One way if thou dissolve our pouders drye,
And make often times of them Congelation,
Thereof in goodnes then makest thou Augmentation.

The second way both in goodnes and quantitie,
It multiplyeth by iterate *Fermentation*,
As in that chapter I shewed plainely to thee,
By divers manners of naturall operation,
And also in the chapter of our *Cibation*,
Where thou mayst know how thou shalt multiplie,
Thy medicine with Mercurie infinitely.

But and thou wilt both loose and eke ferment,
Both more in quantitie and better will it be:
And in such wise thou mayst it soone augment,
That in thy glasse it will growe like a tree,
The tree of *Hermes* name seemely to see,

Of which one pippin a thousand will multiplie,
If thou canst make thy projection wittely.

[K_{1v}]

And like as Saffron when it is pulverizate,
By little and little if it with liquor be
Tempred, and then with much more liquor dilate,
Teyneth much more of liquor in quantitie,
Thã being whole in his grosse nature: so shalt thou
see,
That out Elixer, the more it is made thinne,
The further in tincture it fastly will rinne.

Keepe in thy fire therefore both even and morrow,
From house to house that thou neede not to rinne,
Among thy neighbours thy fire to seeke or borrow,
The more thou keepest, the more good shalt thou win
Multiplying it alwaies more & more thy glasse within,
By feeding with Mercurie unto thy lives end,
So shalt thou have more than thou needst to spend.

This matter is plaine I will no more
Write thereof, let reason thee guide,
Be never the bolder to sinne therefore,
But serve thy God the better in each tide:
And while that thou shalt in this life abide,
Beare this in minde, forget not I thee pray,
As thou shalt appeare before God at domes day.

His owne great giftes therefore and his treasure,
Dispose thou vertuously, helping the poore at neede,
That in this world thou mayst to thee procure,
Mercy and grace with heavenly blisse to meede,
And pray to God devoutly that he thee leade,
In at the twelth gate, as he can best,
Soone after then thou shalt end thy conquest.

The end of the eleventh gate.

[K_{2f}]

Of Projection.

The twelfth Gate.

In Projection it shal be proved if our practice be pro-
(fitable,
Of which in behoveth me the secrets here to move,
Therefore if thy tincture be sure and not variable,
By a little of thy medicine thus mayst thou prove,
With mettle, or with Mercury as pitch it will cleave,
And teyne in Projection all fires to abide,
And soone it will enter and spread him full wide.

But many by ignorance doe marre that they made,
When on mettals unclensed Projection they make,
For because of corruption their tinctures must fade,
Which they would not away first from the body take,
Which after Projection be brittle blew and black,

That thy tincture therefore may evermore last,
First upon ferment thy medicine see thou cast.

Then brittle as glasse will thy ferment bee,
Upon bodies clensed and made very pure,
Cast that brittle substance and soone shalt thou see,
That they shall be curiously coloured with tincture,
With all assayes for ever shall endure,
But profitable Projection perfectly to make,
At the Psalmes of the Psalter example thou take.

[K_{2v}]

On *Fundamenta* cast first this psalme *Nunc dimittis*,
Upon *verba mea*, then cast *Fundamenta* belive,
Then *Verba* upon *diligam*, conceive me with thy wits,
And *diligam* upon *attendite*, if thou list to thrive,
Thus make thou Projections, three, foure, or five,
Till the tincture of the medicine beginne to decrease,
And then it is time of Projection to cease.

By this mistie talking I meane nothing else,
But that thou must cast first the lesse on the more,
Increasing aye the number as wisemen thee tells,
And keepe thou this secreat unto thy selfe in store,
Be covetous of cunning it is no burden sore,
For he that ioyneth not the Elixer with bodie made
(cleane,
He wotteth not surely what Projection doth meane.

Ten if thou multiplie first into ten,
One hundreth that number maketh sickerly,
If one hundreth into an hundreth be multiplied, then
Ten thousand is that number if thou count it wittely,
Then into as much more ten thousand to multiplie,
It is a thousand thousand; which multiplied ywis,
Into as much more a hundreth millions is.

That hundreth millions being multiplied likewise
Into ten thousand millions, as I to thee doe say,
Maketh so great a number I wot not what it is,
Thy number in Projection thus multiplie alway:
Now childe of thy curtesie for me that thou pray,
Sith I have tolde thee our secreas all and some,
To the which I beseech GOD by grace thou mayst
(come.

[K_{3f}]

Now hast thou conquered these gates twelve,
And all the Castle thou holdest at thy will,
Keepe thy secreats in store to the selfe,
And the commaundements of God looke thou fulfill,
In fire see thou continue thy glasses still,
And multiply thy medicines aye more and more,
For wise men doe say, that store is no sore.

*The ende of the twelve Gates, intituled
Ripleys Compound of Alchymie.*

Recapitulatio totius operis praedicti.

For to bring this Treatise to finall end,
 And briefly here to conclude these secrets all,
 Diligently looke thou, and to thy figure attend,
 Which doth in it containe these secrets great & small,
 And if thou it conceive, bot theoricall and practicall,
 By figures and colours, by scripture plaine,
 It wittily conceived, thou mayst not worke in vaine.

[K₃v]

Consider first the latitude of this precious Stone,
 Beginning in the first side noted in the West,
 Where the red man & the white woman be made one,
 Spoused with the spirite of life to live in rest,
 Earth and water equally proportionate, that is best,
 And one of the earth is good, and of the spirit three,
 Which twelve to fowre also of the earth may bee.

Three of the wife, and one of the man thou take,
 And the lesse of the spirit in this dispousation,
 The rather thy Calcination for certain shalt thou make;
 Then forth into the North proceed by obscuracion
 Of the red man and his white wife, called Eclipsacion,
 Loosing them and altring them betwixt winter & vere,
 Into water turning earth, darke and nothing cleare.

From thence by colours many one into the East
 ascend,
 Then shall the Moone be full appearing by day-light,
 Then is the passed purgatorie, and her course at an
 end,
 There is the uprising of the Sunne appearing bright,
 There is Summer after Vere, and day after night:
 Thē earth & water which wer black, be turned to aire,
 And clouds of darknes overblown, & all apeareth faire.

And as in the west was the beginning of thy practise,
 And the Norte the perfect meane of profoūd alteratiō:
 So in the East after them the beginning of speculatiō
 is;

But of this course up in the south the sun maketh
 cōnū-(matiō,
 Ther bin the elements turned into fire by circulatiō:
 Then to win to thy desire thou needst not be in doubt,
 For the wheele of our philosophie thou hast turned a-
 (bout

[K₄f]

But yet about againe two times turne thy wheele,
 In which bin cōprehēded all the secrets of our philoso-
 (phy.
 In chapters 12.made plaine to thee, if thou cōceive
 thē well,
 And all the secrets by & by of our lower Astronomy,
 How thou shalt calcine bodies, perfit, dissolve divide &
 putrifie,

With perfect knowledge of all the poles which in our
 heaven beene,
 Shining with colours inexplicable, never were gayer
 (sene.

And thus our secret conclusion know withouten faile,
 Our red man teineth not, nor his wife, til they teined
 be,
 Therefore if thou list thy selfe by this craft to availe,
 The altitude of the bodies hide, & shewe out their
 pro-
 funditie,
 In every of thy materials destroying the first qualitie,
 And secondary qualities more glorious in them repaire
 anone,
 And in one glasse, and with one rule, foure natures
 turn (to one,
 Pale & black with false citrine, imperfect white & red,
 The Peacocks feathers in colours gay, the Rainebowe
 which shall overgoe,
 The spotted pāther, the lyō green, the crows bil blue
 as lead,
 These shall apeare before thee perfect white, and
 manie
 other moe,
 And after the perfect white, gray, false citrine also,
 And after these, thē shall apeare the body red
 invariable,
 Then hast thou a medicine of the thirde order of his
 owne kinde multiplicable.

[K₄v]

Thou must divide thy white Elixer into parts two
 Before thou rubifie, & into glasses two let thē be
 doone,
 If thou wilt have for Sü & moon thy elixer both do so;
 And into mercury thē multiply to great quātity soone,
 And if thou had not at the beginning to fill a spoone,
 Yet maist thou them so multiply both white and red.
 That if thou live a 1000 yeres, they shal stād thee in
 sted.

Have thou recourse to thy wheele therefore I counsell
 thee,
 And studie with no phantasticall multipliers, but let
 thē be,
 Which will thee flatter feining them cunning in Phi-
 losophie,
 Doe as I bid thee, thē dissolve these foresaid bases
 wit-(tilie,
 And turne them into perfect oyles with our true water
 ardent,
 By circulation that must be done according to our in-
 tent.

These oyles will fixe crude Mercurie and convert bo-
 dies all

Into perfect Sunne and Moone, when thou shalt make
Projection;

That oylie substance pure & fixt *Raimond Lully* did call
His *Basiliske*, of which he never made so plain
detectiō:

Pray for me to God, that I may be one of his election,
And that he will for one of his, at doomesday me ken
[?]

And graunt me his blisse to raigne with him for ever.
(Amen.)

Finis Recapitulationis.

[L₁f]

*An Admonition, wherein the Author
declareth his erronious Experiments.*

After all this, I will thou understand
For thy savegard, what I have doone,
Manie experiments have I taken in hand
As I found written for Sunne and Moone:
The which I will tell thee, rehearsing soone,
Beginning at the vermilion, which proved nought,
And Mercurie sublimed, which I dearly bought.

I made solutions full manie a one
Of spirits, ferments, salts, yron, and steele,
Weening so to make the Philosophers Stone:
But finally I lost every deele,
After my bookes yet wrought I weele,
Which evermore untrue I preeved,
Which made me oft full agreed.

Waters corsive and waters ardent,
With which I wrought in divers wise,
Manie one I made, but all were shent,
Egg-shells I calcined twice or thrise,
Oyles from Calxes I made up to rise,
And every Element I did from other twin,
But profit found I none therein.

[L₁v]

Also I worught in sulphure and vitriall,
Which fooles doe call the greene Lyon,
In Arsinike, in orpiment, foule them befall,
In debili principio was my inception,
Therefore in fine, was fraude my conclusion:
And thus I blew the thrift at the cole,
My cloathes were bawdie, my stomacke never whole.

Sal Armoniacke, and Sandivere,
Sal Alcalie, Sal allembroke, and Sal attinckarre,
Sal tartar, salt common, Sal gem most cleare,
Salt Peter, salt sod, of these beware,
And from the odour of quicksilver keepe thee farre,
Meddle not with Mercurie precipitate,
Neither with imperfect bodies rubificate.

I proved urine, eggs, haire and blood,
The soule of Saturne, and also of markazite,
Aes ust, and Crokefeere, which did me never good,
And the scales of yron which Smithes of smite,
Litarge and Antimonie, not worth a mite;
Of the which gay tinctures did I shew,
Both red and white, which were untrew.

Oyle of lyme, and water with labour great
I made, calcining it with salt preperate,
And by it selfe with violent heate,
Grinding with vineger till I was fatigate,
And also with *aqua vitae*, with spices acuate
Upon a marble Stone, which stood me in cost,
And oyles with corosives I made; but all was lost.

[L₂f]

Manie a Malgame did I make,
Weening to fixe them to great availe,
And thereto Sulphure did I take,
Tartar, egges, white, and oyle of the snayle,
But ever of my purpose did I faile,
For what for the more, and what for the las,
Evermore something wanting there was.

Wine and milke, oyles and rennyt,
The slyme of starres that fall on ground,
Celedonie with Secundines and many mo yet:
In these I practised as I in bookes found,
Of Mercurie and mettalls I made christall stones,
Weening it had been a worke for the nones.

Thus I rosted and broyled, as one of *Gebers* cookes,
Oft times in the ashes my winning I sought,
For I was deceived by manie false bookes,
Whereby untruth truly I wrought,
But all such experiments availed me right nought,
But brought me in danger and encumbrance,
By losse of thy goods and other greevance.

For the love of our Ladie such lewdnes eschew,
And medle with no falshood, that never proved weele,
Assay when thee liketh, and thou shalt finde it trew,
Winne shalt thou right nought, but lose everie deele,
Pence in thy purse pawtner few shalt thou feele,
In smokes and in smels thou shalt have much woe,
That unneth for sicknes on earth thou shalt goe.

[L₂v]

I sawe never true worke truly but one,
Of which in this treatise the truth I have told:
Studie only therefore how to make our Stone,
For thereby maist thou winne both silver and gold,
Upon my writing therefore, to ground thee be bold:
So shalt thou loose nought if Gof be thy guide,
Trust to my doctrine, and thereby abide.

Remember that Man is most noble creature
Of earthly composition, that ever God wrought,
In whō is the foure Elements, proportioned by nature,
A naturall Mercurialitie, which costeth right nought,
One of his myner by arte it is brought;
For our mettalls be nought els but our myners two,
Of Sunne and Moone, wise *Raymond* said so.

The clearnes of the Moone, and of the Sunne so
bright,
Into these two myners descendeth secretly,
Howbeit the clearnes is hid from thy sight,
Which by craft thou shalt make it to appeare openly:
This hid Stone, this one thing therefore putrifie,
And wash him in his owne broth till white he become;
Then ferment him wittily; loe here is all and some.

Now to God Almightye I thee commend,
Who graunt thee grace to knowe this one thing;
For now is this Treatise brought to an end:
And God for his mercie to his blisse us bring,
Sanctus, Sanctus, Sanctus where the Angells doe sing,

Praising without ceasing his glorious Maiestie,
Which he in his Kindome graunt us for to see.

Amen quod George Ripley.

[L₃f]

The Epistle by the same Author
Written to King Edward the 4.

O Honorable Lord, and most victorious Knight,
With grace and vertue abundantly endewed,
The safegard of *England*, and maintainer of right;
That God you loveth, indeed he hath well shewed:
Wherefore I trust this land shalbe renewed
With ioy and riches, with charitie and peace,
So that olde ranckors new understrewed,
Tempestuous troubles, and wretchednes shall cease.

And therefore sith I see by tokens right evident,
That God you guideth, and how that you be vertuous,
Hating sinne, and all such as be insolent,
How that also manslaughter to you is odious,
Upon the iudgement also that you be piteous:
Me seemeth ruthe it were but that you should live
long;
For of your great fortune you are not presumptuous,
Nor vengeable of spirit to revenge you of each wrong.

These considered with other in your most noble State,
Like as God knoweth, and people doo witnes beare,
So entirely me mooveth, that I must algate
Record the same, and therein be no flatterer:
And not that only, but also to write here
Unto your Highnes, humbly to present
Great secrets, which in farre countries I did learne,
And which by grace to me most unworthie are lent.

[L₃v]

Once to your Lordship such things I did promise,
What time you did commaund to send unto me,
And sith that I wrote it in secret wise,
Unto your grace from the Universitie
Of *Lovaine*, when God fortun'd me by grace to see
Greater secrets and much more perfite,
Which onely to you I will disclosed to be,
That is the great Elixer both red and white.

For like it you to trust that truly I have found,
The perfect way of most secret Alchymie,
Which I will never truly for marke nor for pound
Make common but to you, and that conditionally,
That to youre selfe you shall keepe it full secretly,
And only to use it as may be to Gods pleasure,
Else in time comming to God I should aby, e,
For my discovering of his secret treasure.

Therefore be you well advised and with good
deliberation,
For of this secret shall know no other creature,
But onely you as I make faithfull protestation,
For all the time that herein life I shall endure,
Whereto I will your Lordship me ensure,
To my desire in this my oath for to agree,
Least I to me the wrath of God procure,
For such revealing of his great gift and privitie.

If God fortune you by me to win this treasure,
Serve him devoutly with more lawde and thanking,
Praying his Godhead in life that you may so endure,
His gifts of grace, and fortune to use to his pleasing,
Most especially intending over all thing,
To your power and cunning his precepts ten
So to observe, that into no danger your selfe you
bring,
But thay you in glory may see him hereafter, Amen.

[L₄f]

And yet moreover I will your Lordship to pardon me,
Eor openly with pen I will it never to write,
Beu whensoever you list to practise you shall see,
By mouth also this precious secret, most of delight,
How may be made perfect Elixers both red and white,
Plaine unto your Lordship it shall declared be,
And if it please you, with easie expences and respite,
I will them worke by grace of the Trinitie.

But not withstanding for perrill that may befall,
If I dare not here plainly the knotte unbinde,
Yet in my writing I will not be so misticall,
But that by studie the true knowledge you may finde,
How that each thing is multiplied in his kinde,
And how the likenes of bodies metaline be
transmutable

I will declare, that if you feele me in your minde,
My writing you shall finde true and no fained fable.

As Philosophers in the metheors doe write,
The likenes of bodies metaline be not transmutable,
But after he added these wordes of more delight,
Without they be reduced to their beginning
materiable,

Wherefore such bodies within nature be liquiable,
Minerall and metaline may be mercurizate,
Conceive you may this science is not opinionable,
But very true, by Raymond and others determinate,

In the saide booke the Philosophers speake also,
Therein if it please your Highnes for to reade,
Of divers sulphures, and especially of two,
And of two mercuries ioyned to them indeed,
Whereby he doth true understanders leade,
To the knowledge of the principle which is onely trew,
Both red, moist, pure, and white, as I have espied,
Which be never the lesse found but of verie few.

[L₄v]

And these two things be best, he addeth anone
For him that worketh the Alchymie to take:
Our golde and our silver therewith to make all one,
Wherefore I say who will our pearle and Ruby make,
The said principles looke he not forsake:
For at the beginning, if his principles be true,
And if so be by craft he can them also bake,
In th'end truly his worke he shall not rue.

But one great secret right needfull to be knowne,
That though the Philosophers speake plurally,
All is but one thing you may me well trowe,
In kinde which is our base principally,
Whereof doth spring both white and red naturally,
And yet the white must come first out of the red,
Which thing is not wrought manually,
But naturally, craft helping out of our lead.

For all the partes of our most precious stone,
As I can prove, be coessentiall and concrete,
Moreover there is no true principle but one,
Full long it was ere I therewith could meete,
Who can reduce him and knoweth his heate,
And onely kinde with kinde can well redresse,
Till filthie originall be clensed from his seate,
He likely is to finde our secrets more and lesse.

Therefore worke kinde onely with his owne kinde,
And so your Elements ioyne that they not strive.
This poynt also for any beare in minde,
That passive natures you turne into active,
Of water, fire, and winde of earth make blive,
And of the quadrangle make a figure round,
Then have thou the honie of our bee-hive,
One ounce well worth one thousand pound.

[M₁f]

The principall secret of secrets all,
Is true proportion which may not be behinde,
Wherein I counsell thee be not superficiall,
The true conclusion if you thinke to finde,
Turne earth into water and water into winde,
Therefore make fire and beware of the flood
Of *Noah*, wherein many men are so blinde,
That by this science they get little good.

I counsell you eate and drinke temperately,
And beware well that Iposarcha come not in place,
Neshe not your wombe by drinking immoderately,
Least you quench naturall heate in little space,
The colour will tell appearing in your face,
Drinke no more therefore than you may eate,
Walke up and downe after an easie pace,
Chafe not your bodie too sore to sweate.

With easie fire after moving when sweate,
Warm your bodie and make it drie againe,
By rivers and fountaines walke after meate,
At morning time visit the high mountaine,
That Phisick so biddeth I read certaine,
So high the mountaines yet doe you not ascend,
But that you may downwardes your way have plaine,
And with your mantle from colde ye you defend.

Such labour is wholesome your sweat for to drie
With napkin, and after it see you take no colde,
For grosse humors be purged by sweate kindly,
Use Diacameron then confect with perfect golde,
Hermidocles for watry humors good I holde,
Use Ipericon perforat with milke of tincturiall,
And *Sperma Caeti* with red wine, and when you wax olde,
And Goats milke sod with wine nourisheth moysture
radicall.

[M₁v]

But a good Phisition who so intendeth to be,
Our lower Astronomie needeth well to know,
And after that to learne well urine in a glasse to see,
And if it neede to be chafed the fire for to blow,
Then wittily it by divers wayes for to throw
After the cause to make a medicine blive,
Truly telling the infirmities all on a row,
Who this can doe by his Phisick is like to thrive.

We have our heaven incorruptible of the
quintessence,
Ornate with signes, Elements, and starres bright,
Which moysteth our earth by subtile influence,
And of it a secret sulphure hid from sight,
It fetcheth by vertue of his active might,
Like as the Bee fetcheth honey out of the flower,

Which thing could doe no other worldly wight.
Therefore to God be all glory and honour.

And like as yce to water doth relent,
Where it was congealed by violence of colde,
When Phoebus it shineth with his heate influent,
Even so to water minerall reduced is our golde,
As witnesseth plainely, *Albert, Raymond, and Arnold,*
By heate and moysture and by craft occasionate,
Which congelation of the spirits, loe now I have tolde,
How our materialls together must be proportionate.

At the dyers craft you may learne this science,
Beholding with water how decoction they make
Upon the war or madder easily and with patience,
Till tinctures doe appeare which then the cloth doth take,
Therein to fixed that they will never forsake
The cloth, for washing after they ioyned be,
Even so our tinctures with the water of our lake,
We draw by boyling with the ashes of *Hermes* tree.

[M₂f]

Which tinctures when they by craft are made perfite,
So dyeth mettles with colours aye permanent,
After the qualitie of the medicine, red or white,
That never away with anie fire wilbe brent:
To this example if you take good tent,
Unto your purpose the rather you shall winne.
And let your fire be easie, and not too fervent,
Where nature did leave what time you did beginne.

First calcine, and after that putrifie,
Dissolve, distill, sublime, discend and fixe,
With Aqua vitae oft times both wash and drie,
And make a marriage the bodie and spirit betwixt,
Which thus together naturallie if you can mixe,
In loosing of the bodie die utterlie of the flixe,
Bleeding and changing his colours, as you shall see.

The third day againe to life he shall arise,
And devoure birds, and beasts of the wilderness,
Crowes, poppingaies, pies, peacocks, and mauvois,
The Phoenix, with the Eagle, and the Griffin of
fearfulnesse,
The greene Lion, with the red Dragon he shall
distresse,
With the white Dragon, and the Antelop, Unicorne &
Panther,
With other beasts and birds both more and lesse,
The Basiliske also, which almost each one doth feare.

In *bus* and *nibus* he shall arise and descend,
Up to the Moone, and sith up to the Sunne,
Through the Ocean sea, which round is withouten
end,
Onely shippen within a little glassen tunne;
When he is there come, then is the mastrie wonne:

About which iourney, great goods you shall not spend,
And yet you shall be glad that ever it was begunne,
Patiently if you list to your worke attend.

[M₂v]

For then both bodie and spirite with oyle and water,
Soule, and tincture, one thing both white and red,
After colours variable it containeth, what sover men
clatter;

Which also is called after he hath once been dead
And is revived, our Markaside, our Magnet, and our
lead,

Our Sulphur, our Arsinike, and our true Calx vive,
Our Sunne, our Moone, our ferment and our bread,
Our toad, our Basiliske, our unknowen bodie, our
man, our wise.

Our bodie thus naturally by craft when he is renovate
Of the first order, is medicine called in our
Philosophie;

Which oftentimes againe must be propertualicate,
The round wheele turning of our Astronomie,
And so the Elixer of spirits you must come: for why
Till the sonne of the fixed by the sonne of the fixer be
overgone,
Elixer of bodies, named it is onely,
And this sound secret poynt, deceaveth manie one.

This naturall proces by helpe of craft thus
consummate,
Dissolveth Elixer spirituall in our unctuous humiditie,
Then in Balneo Mare together let them be circulate,
Like new honie or oyle, till perfectly they be thickned.
Then will that medicine heale all infirmitie,
And turne all mettals to Sunne and Moone perfectly,
Thus you shall make the great Elixer, and Aurum
potabile,
By the grace and will of God, to whom be all honour
and glorie.

Amen. quod *George Ripley*.

FINIS.

Bibliografia sumária

Documentos

The Compound of alchymy (ed. Ralph Rabbards). Londres: Thomas Orwin, 1591. University of London, Warburg Institute Library, STC, 21057. Disponível em: <<http://warburg.sas.ac.uk/pdf/fgh4920b3278184.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 16.

Referências bibliográficas

ANÔNIMO. *Tábua de Esmeralda*. Trad. Isaac Newton. Coleção Keynes, MS. 28, King's College Library, Cambridge University. Disponível em: <<http://webapp1.dlib.indiana.edu/newton/mss/norm/ALCH00017;jsessionid=958D71D89E674BF4872D12F5619B3B88>>. Acesso em: 31 ago. 18.

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria; MATHIAS, Simão. A sombria região entre a história da Inquisição e a história da alquimia. In: NOVINSKY, Anita; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (orgs.). *Inquisição: ensaios sobre mentalidade, heresias e arte*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: EDUSP, 1992, pp. 489-500.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Trad. Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

ARISTÓTELES. *Metafísica* (ed. Giovanni Reale), vol. II. Texto grego com tradução ao lado. Trad. bras. Marcelo Perine. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. Meteorologica. Trad. E.W. Webster. In: *The complete works of Aristotle* (ed. Jonathan Barnes), vol. 1. Princeton: Princeton University Press, 1984, pp. 555-625.

_____. On generation and corruption. Trad. H.H. Joachim. In: *The complete works of Aristotle* (ed. Jonathan Barnes), vol. 1. Princeton: Princeton University Press, 1984, pp. 512-554. [Edição portuguesa: *Sobre a geração e a corrupção*. Obras completas de Aristóteles, vol. II, t. III. Trad. Francisco Chorão. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2009.]

_____. On the heavens. Trad. J.L. Stock. In: *The complete works of Aristotle* (ed. Jonathan Barnes), vol. 1. Princeton: Princeton University Press, 1984, pp. 447-511.

_____. Physics. Trad. R.P. Hardie e R.K. Gaye. In: *The complete works of Aristotle* (org. Jonathan Barnes), vol. 1. Princeton: Princeton University Press, 1984, pp. 315-446. [Edição brasileira, com apenas os dois primeiros livros: *Física*, I-II. Trad. Lucas Angioni. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.]

AVICENA. *De congelatione et conglutinatione lapidum*. Trad. E.J. Holmyard e D.C. Mandeville. Paris: Paul Geuthner, 1927. Disponível em: <<http://handle.slv.vic.gov.au/10381/209491>>. Acesso em: 31 ago. 18.

BARTHES, Roland. Da obra ao texto. In: *O rumor da língua*. Trad. Mario Laranjeira. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004, pp. 65-75.

BÍBLIA de Jerusalém. Coord. Gilberto da Silva Gorgulho et al. São Paulo: Paulus, 2002.

BLOCH, Marc. *Os reis taumaturgos*. O caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. Trad. Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- BONNER, Anthony. *The art and logic of Ramon Llull*. Leiden: Brill, 2007.
- BOUREAU, Alain. *Satã herético*. O nascimento da demonologia na Europa medieval (1280-1330). Trad. Igor Salomão Teixeira. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- BURCKHARDT, Titus. *Alquimia*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1991.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. *Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna*. Trad. Cristina Yamagami. São Paulo: Editora UNESP, 2010.
- CARROLL, Ruth. “The Middle-English recipe as a text-type”. In: *Neuphilologische Mitteilungen*, vol. 100, nº 1, 1999, pp. 27-42.
- CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 3ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2017.
- CHAUCCER, Geoffrey. *Os contos de Canterbury*. Trad. Paulo Vizioli. São Paulo: Editora 34, 2014.
- CHORÃO, Francisco José Amaral. *Matéria em Aristóteles*. O problema da *Materia Prima* no *De generatione et corruptione*. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Departamento de Filosofia, Universidade de Lisboa. Lisboa: 2006. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/552/1/18354_ulsd_re287_Materia_em_Aristoteles.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2018.
- CRISCIANI, Chiara. Alchemy and Christian religiousness: the Latin Middle Ages. In: *Annali dell’Istituto storico italo-germanico in Trento*. Bologna: Società editrice il Mulino, 2017, pp. 17-38.
- _____. “The conception of alchemy as expressed in the *Pretiosa Margarita Novella* of Petrus Bonus of Ferrara”. In: *Ambix*, vol. 20, nº 3, Julho, 1973, pp. 165-181.
- _____. Experience and sense perception in alchemical knowledge: some notes. In: PACHECO, Maria Cândida; MEIRINHOS, José F. (orgs.). *Intelecto e imaginação na filosofia medieval*. Acts du XIº Congrès International de Philosophie Médiévale de la Société Internationale pour l’Étude de la Philosophie Médiévale (S.I.E.P.M.). Turnhout: Brepols, 2006, pp. 1813-1822.
- DAHER, Andrea. *A oralidade perdida*. Ensaios de história das práticas letradas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- DAMON, Foster S. “Chaucer and alchemy”. In: *PMLA*, vol. 39, nº 4, 1924, pp. 782-788.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente, 1300-1800*. Uma cidade sitiada. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DEVUN, Leah. *Prophecy, alchemy and the End of Time*. John of Rupescissa in the Late Middle Ages. Nova Iorque: Columbia University Press, 2009.
- ELIADE, Mircea. *Ferreiros e alquimistas*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

EVOLA, Julius. *A tradição hermética*. Trad. Maria Teresa Simões. Lisboa: Edições 70, 1979.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. Trad. Henrique Tavares e Castro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 24ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FRANCO JR., Hilário. Em busca da Idade de Ouro: o papel da alquimia em Dante Alighieri. In: *A Eva barbada*. Ensaios de mitologia medieval. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, pp. 231-244.

FRIEDBERG, Emil (ed.). *Corpus iuris canonici*, t. II. Graz: Akademische Druck-U. Verlagsanstalt, 1955. Disponível em: <<https://archive.org/details/BD1141952>>. Acesso em: 23 ago. 18.

GEOGHEGAN, D. “A licence of Henry VI to practise alchemy”. In: *Ambix*, vol. 6, nº 1, 1957, pp. 10-17.

GILSON, Étienne. *A filosofia na Idade Média*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *O espírito da filosofia medieval*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição. Trad. Maria Betânia Amoroso et al. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Os andarilhos do bem*. Feitiçaria e cultos agrários nos séculos XVI e XVII. Trad. Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GRANT, Edward. *A history of natural philosophy*. From the Ancient World to the nineteenth century. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

_____. *God and reason in the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

_____. *The foundations of modern science in the Middle Ages*. Their religious, institutional, and intellectual contexts. Londres: Cambridge University Press, 1996.

HALLEUX, Robert. *Les textes alchimiques*. Turnhout: Brepols, 1979.

HARTOG, François. O confronto com os antigos. In: *Os antigos, o passado e o presente*. Trad. Sonia Lacerda et al. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003, pp. 113-154.

HAZLITT, William Carew. *Schools, school-books, and schoolmasters*. Londres: J.W. Jarvis & Son, 1888.

HUGO de São Vítor. *Didascalicon*. A arte de ler. Trad. Tiago Tondinelli. Campinas, SP: Vide Editorial, 2015.

HUTH, Henry. *The Huth Library*, vol. 1. Londres: Ellis and White, 1880. Disponível em: <<https://archive.org/details/huthlibrarycatal01huth>>. Acesso em: 23 ago. 18.

_____. *The Huth Library*, vol. 4. Londres: Ellis and White, 1880. Disponível em: <<https://archive.org/stream/huthlibrarycatal04huth#page/n5/mode/2up>>. Acesso em: 23 ago. 18.

JOLY, Bernard. “Profession médicale et savoir alchimique: luttes et enjeux du Moyen Âge au XVII^e siècle”. In: *Spirale – Revue de Recherche en Éducation*, n° 13, 1994, pp. 17-42.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e alquimia*. Trad. Dora Mariana Ribeiro Ferreira da Silva. 6^a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KAHN, Didier. “Alchemical poetry in Medieval and Early Modern Europe: a preliminary survey and synthesis. Part 1 – Preliminary survey”. In: *Ambix*, vol. 57, n° 3, Novembro, 2010, pp. 249-74.

_____. “Alchemical poetry in Medieval and Early Modern Europe: a preliminary survey and synthesis. Part 2 – Synthesis”. In: *Ambix*, vol. 58, n° 1, Março, 2011, pp. 62-77.

KOSELLECK, Reinhart. “Espaço de experiência” e “horizonte de expectativa”: duas categorias históricas. In: *Futuro passado*. Contribuição à semântica dos tempos históricos. Trad. Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2006, pp. 305-328.

KOYRÉ, Alexandre. *Estudos galilaicos*. Trad. Nuno Ferreira da Fonseca. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.

KRAUS, Paul. *Jabir ibn Hayyan: Contribution à l'histoire des idées scientifiques dans l'Islam*. Cairo: 1943.

KRETZMANN, Norman; KENNY, Anthony; PINBORG, Jan (eds.). *The Cambridge history of Later Medieval philosophy*. From the rediscovery of Aristotle to the disintegration of Scholasticism, 1100-1600. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*. Trad. Maria Fernanda Gonçalves de Azevedo. 2^a ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

_____. *Os intelectuais na Idade Média*. Trad. Maria Julia Goldwasser. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LIBERA, Alain de. *A filosofia medieval*. Trad. Nicolás Nyimi Campanário e Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. *Pensar na Idade Média*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MANGET, Jean-Jacques. *Bibliotheca chemica curiosa*. 2 tomos. Genebra: Sumpt. Chouet, G. de Tournes, Cramer, Perachon, Ritter & S. de Tourner, 1702. Disponível em: <<https://archive.org/details/jojacobimangetim00mang>>. Acesso em 31 ago. 18.

MANTAS-ESPAÑA, Pedro. Interpreting the new sciences: beyond the completion of the traditional liberal arts curriculum. In: FIDORA, Alexander; POLLONI, Nicola (eds.).

Appropriation, interpretation and criticism: philosophical and theological exchanges between the Arabic, Hebrew and Latin intellectual traditions. Turnhout: Brepols, 2017, pp. 51-91.

MARTINÓN-TORRES, Marcos. “Some recent developments in the historiography of alchemy”. In: *Ambix*, vol. 58, n° 3, 2011, pp. 215-237.

MINNIS, Alastair. *Medieval theory of authorship.* Scholastic literary attitudes in the Later Middle Ages. 2ª ed. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2010.

MOORE, Robert Ian. *The formation of a persecuting society.* Authority and deviance in Western Europe, 950-1250. 2ª ed. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

_____. Literacy and the making of heresy, c.1000-c.1150. In: BILLER, Peter; HUDSON, Anne (eds.). *Heresy and literacy, 1000-1530.* Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

NEWMAN, William R. “Tecnologia e debate sobre alquimia na Baixa Idade Média”. Trad. Bruno Sousa Silva Godinho. In: *Revista Signum*, vol. 17, n° 1, 2016, pp. 314-346.

_____. *Atoms and alchemy.* Chymistry and the experimental origins of the Scientific Revolution. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

_____. An overview of Roger Bacon’s alchemy. In: HACKETT, Jeremiah (ed.). *Roger Bacon and the sciences.* Leiden: Brill, 1997, pp. 317-336.

_____. ““Decknamen or pseudochemical language”?: Eirenaeus Philalethes and Carl Jung”. In: *Revue d’histoire des sciences*, t. 49, n° 2-3, 1996, pp. 159-188.

_____. *Promethean ambitions.* Alchemy and the quest to perfect nature. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

_____. “Technology and alchemical debate in the Late Middle Ages”. In: *Isis*, vol. 80, n° 3, 1989, pp. 423-445.

_____. *The Summa perfectionis of Pseudo-Geber.* A critical edition, translation and study. Leiden: Brill, 1991.

_____. “Brian Vickers on alchemy and the occult: a response”. In: *Perspectives on Science*, vol. 17, n° 4, 2009, pp. 482-506.

NEWMAN, William R.; PRINCIPE, Lawrence M. Some problems with the historiography of alchemy. In: NEWMAN, William R.; GRAFTON, Anthony. *Secrets of nature.* Astrology and alchemy in Early Modern Europe. Cambridge: MIT Press, 2001, pp. 385-431.

NEWMAN, William R.; PRINCIPE, Lawrence M. “Alchemy vs. chemistry: the etymological origins of a historiographic mistake”. In: *Early Science and Medicine*, vol. 3, n° 1, 1998, pp. 32-65.

NORRIS, John A. “The mineral exhalation theory of metallogenesis in pre-modern mineral science”. In: *Ambix*, vol. 53, n° 1, 2006, pp. 43-65.

NUMMEDAL, Tara. *Alchemy and authority in the Holy Roman Empire.* Chicago: University of Chicago Press, 2007.

_____. “Alchemy and religion in Christian Europe”. In: *Ambix*, vol. 60, n° 4, 2013, pp. 311-322.

_____. “Words and works in history of alchemy”. In: *Isis*, vol. 102, n° 2, 2011, pp. 330-337.

OBRIST, Barbara. *Les débuts de l'imagerie alchimique (XIV^e-XV^e siècles)*. Paris : Le Sycomore/Féodalisme, 1982.

_____. “Visualization in Medieval alchemy”. In: *HYLE – International Journal for Philosophy of Chemistry*, vol. 9, n° 2, 2003, pp. 131-170.

ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita. A tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas, SP: Papirus, 1998.

OVITT, JR., George. “The status of the mechanical arts in Medieval classifications of learning”. In: *Viator*, vol. 14, 1983, pp. 89-106.

PEREIRA, Michela. “Alchemy and the use of vernacular languages in the Late Middle Ages”. In: *Speculum*, vol. 74, n° 2, 1999, pp. 336-356.

_____. “Alchemy and Hermeticism: an introduction to this issue”. In: *Early Science and Medicine*, vol. 5, n° 2, 2000a, pp. 115-120.

_____. “Heavens on Earth. From the Tabula Smaragdina to the alchemical Fifth Essence”. In: *Early Science and Medicine*, vol. 5, n° 2, 2000b, pp. 131-144.

_____. *The alchemical corpus attributed to Raymond Lull*. Londres: The Warburg Institute, 1989

PRINCIPE, Lawrence M. *The aspiring adept: Robert Boyle and his alchemical quest*. Princeton: Princeton University Press, 1998.

_____. *The secrets of alchemy*. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

RAMPLING, Jennifer Margaret. *The alchemy of George Ripley, 1470-1700*. 316f. Tese (Doutorado) – Clare College, Cambridge University. Cambridge: 2009. Tese não-publicada.

_____. “Establishing the canon: George Ripley and his alchemical sources”. In: *Ambix*, vol. 55, n° 3, 2008, pp. 189-208.

_____. “The catalogue of the Ripley corpus: alchemical writings attributed to George Ripley (d. ca. 1490)”. In: *Ambix*, vol. 57, n° 2, 2010, pp. 125-201.

_____. “Depicting the Medieval alchemical cosmos: George Ripley’s *Wheel of Inferior Astronomy*”. In: *Early Science and Medicine*, vol. 18, n° 1-2, pp. 45-86.

STARKEY, George (Eirenaeus Philalethes). *Ripley Reviv’d, or an Exposition upon Sir George Ripley’s Hermetico-Poetical Works*. Londres: Thomas Ratcliff e Nat. Thompson, 1678. Disponível em: <<https://warburg.sas.ac.uk/pdf/fbh526b3282106.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 18.

STOCK, Brian. *The implications of literacy*. Princeton: Princeton University Press, 1983.

TAYLOR, Jerome (ed. e trad.). *The Didascalicon of Hugh of St. Victor*. A medieval guide to the arts. Nova Iorque: Columbia University Press, 1961.

THEISEN, Wilfrid. "The attraction of alchemy to monks and friars in the 13th-14th centuries". In: *American Benedictine Review*, vol. 46, n° 3, 1995, pp. 239-253.

THOMAS, Keith. *Religion and the decline of magic*. Studies in popular beliefs in sixteenth- and seventeenth-century England. Nova Iorque: Penguin Books, 1973.

THORNDIKE, Lynn. *A history of magic and experimental science*. 8 vols. Nova Iorque, Columbia University Press, 1923-1958.

TIMMERMANN, Anke. *Verse and transmutation*. A corpus of Middle English alchemical poetry. Boston: Brill, 2013.

UNIVERSITY of Michigan. *Middle English Dictionary*, online. Disponível em: <<https://quod.lib.umich.edu/m/med/>>. Acesso em: 23 ago. 18.

VAUCHEZ, André. *A espiritualidade na Idade Média ocidental*. Séculos VIII a XIII. Trad. Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VICKERS, Brian. "The 'New Historiography' and the limits of alchemy". In: *Annals of Science*, vol. 65, n° 1, 2008, pp. 127-156.

VOIGTS, Linda Ehrsam. "What's the word? Bilingualism in Late-Medieval England". In: *Speculum*, vol. 71, n° 4, 1996, pp. 813-826.

WALSH, James J. "Pope John XXII and the supposed bull forbidding chemistry". In: *Medical Library and Historical Journal*, vol. 3, n° 4, 1905, pp. 248-263.

WATERLOW, Sarah. *Nature, change, and agency in Aristotle's Physics*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

WEISHEIPL, James A. "The structure of the Arts Faculty in the Medieval university". In: *British Journal of Education Studies*, vol. 19, n° 3, 1971, pp. 263-271.

WHITE, JR., Lynn. "Cultural climates and technological advance in the Middle Ages". In: *Viator*, vol. 2, 1972, pp. 171-202.

WOUDHUYSEN, H.R. *Sir Philip Sidney and the circulation of Manuscripts, 1558-1640*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

ZERNER, Monique (org.). *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Trad. Néri de Barros Almeida et al. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz*. A "literatura" medieval. Trad. Amálio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. *Falando de Idade Média*. Trad. Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Perspectiva, 2009.

_____. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.